

Dionísio

Revista

Setembro 2025

Auto retratos



37ª Edição

Autorretratos



CBL



**Licenciada por Creative Commons - Atribuição-
Não Comercial-Sem Derivações 4.0 Internacional**

Sinta-se à vontade para compartilhar a revista, contanto que você atribua a autoria, não faça alterações no conteúdo e não a utilize para fins comerciais.

E-mail: revistaautorretratos@gmail.com

Embriagai-vos

Deveis estar sempre embriagados. Aqui reside tudo. É a única questão. Para não sentir o horrível fardo do Tempo que vos esmaga os ombros e vos verga para a terra, é imperativo embriagar-se sem descanso.

Mas de quê? De vinho, de poesia ou de virtude, a vosso gosto. Mas embriagai-vos.

E se por acaso, sobre os degraus de um palácio, sobre a relva verde de uma vala, na morna solidão do vosso quarto, acordardes de embriaguez diminuída ou desaparecida, perguntai ao vento, à onda, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que roda, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são; e o vento, a onda, a estrela, o pássaro, o relógio vos responderão: “É hora de vos embriagardes! Para que não sejais escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem cessar! De vinho, de poesia ou de virtude, a vosso gosto.

Charles Baudelaire

Autores nacionais

Aline Feltrin

Andréa Rodrigues Carmo

Angela Gabriela

Anna Rodrigues

Ari Göisler

Artton Potiguar

Auda Giovanna

Bebel Pozzi

Bianca Oliveira

Caroline Naimeg

Cecília Deulefeu

Clarissa Machado

Daniele Prado

Denise Henrique Mafra

Elzeni Lima do Nascimento

Glenda Brum de Oliveira

Isabel Spagnolo

Juliana Lourenção

Karen Cerutti

Katiucia Barros

Luana Schröder

Luciane Gaspar

Malu Zanoli

Maria Cristina Lancia Cury

Maria Nazareth Doria

Marlene Krupa

Marta Bonimond

Martina Sohn Fischer

Melissa Gulin

Michela Carpes de Oliveira

Michele Dombkowitsch

Nathalia Pereira Jardim

Paula Mazzoli

Potiara Cremonese

Raissa Bandeira da Luz

Regiane Pankoski

Renata Bueno Bastianelli Gois

Ricardo Pegorini

Rodrigo Gallo

Rosa Luizári

Sandra Tavares

Sheila Dunoginesse

Silvana Oliveira

Simone e Alexandre Fraenkel

Suélen Ferreira Moreira

Susana Stähelin

Tânia Amaral

Thiego Milério

Vânia Coelho

Autores internacionais

Anabela Vaz (Portugal)

Kamila Borges Aragão Pessoa (Portugal)

Vânia Sofia D. Santos (Portugal)

EDITORIAL

Bem-vindos à Revista Autorretratos, onde a literatura transcende fronteiras e conecta leitores e autores em uma celebração da criatividade e do pensamento crítico. Como projeto independente, temos o compromisso de dar voz a novos talentos, preservar a riqueza cultural da literatura brasileira e internacional, e explorar as nuances da experiência humana através da poesia, da prosa — contos e crônicas — e de ensaios e artigos contemporâneos.

Mais que uma revista, cada edição é um farol que ilumina caminhos literários. Publicada mensalmente em formato digital e impresso, cada número possui registro exclusivo na Câmara Brasileira do Livro (CBL), destacando sua singularidade como uma expressão artística completa. A Revista Autorretratos busca oferecer aos leitores uma experiência contínua e transformadora. Nosso objetivo é ampliar horizontes e abrir espaço para histórias que provocam, inspiram e ressoam com o mundo ao nosso redor.

Em 2025, seguimos firmes como um dos projetos literários independentes mais vibrantes do país. Já ultrapassamos a marca de 780 mil visualizações e mais de 14 mil downloads digitais, reafirmando o alcance e a relevância do nosso trabalho. Expandimos nossa presença física, com centenas de exemplares impressos circulando pelo Brasil, Portugal e outros países da Europa. Novos autores continuam a estreitar em nossas páginas, trazendo uma diversidade de vozes que transforma e enriquece cada edição. E celebramos um feito memorável: uma edição histórica com dezenas de autores reunidos, consolidando de vez nossa identidade como um espaço literário internacional, diverso e em constante ebulição criativa.



EDARTI: 2025000-09.
ISBN: 978-65-01-65590-1. 37ª EDIÇÃO
Setembro, 2025

Editor-Chefe

Ricardo Neto O. Mota

Revisão

Gabriel Mendes Amaral

Design Cromático e Diagramação

Thiago Freitas Pacheco

Concepção Estética e Perspectiva Temática

Ricardo Neto O. Mota

Ilustrações

Studio AR

STUDIO AUTORRETRATOS

(STUDIO AR)



Todos os direitos reservados.

POESIA

PROSA

ENSAIO

ARTIGOS



POESIA

ESTAR NO SÉCULO XXI

Tenha calma, porque a pressa não te leva,
mas sim te atropela.

Tenha calma, porque você não é um robô,
isso é o que a tecnologia formou
e você se comparou.

Tenha calma, ao sorrir, ao beijar e ao sentir
porque a pressa do século XXI não deixará de existir.

Tenha calma, sociedade moderna.
Vocês querem tudo para ontem
e vivem o paradoxo de
Ser humano, de amar e de sentir.

Tenha calma, sim senhor!
Por que tanta pressa?
Você quer chegar ao final?
Pois então lembre-se que para todos ele é igual,
uma tumba fria é o ponto final.

Do meu Ser Humano gritando para a pressa do mundo atual.

Renata Bueno Bastianelli Gois



Renata Bueno Bastianelli Gois, brasileira nascida em Mogi das Cruzes - São Paulo, é uma educadora e escritora com mais de 20 anos de experiência no ensino de línguas. Especialista em Língua Espanhola, Renata possui o título de docente internacional pela Universidade de Salamanca (Espanha) e proficiência C2, sendo responsável pela elaboração de cursos completos e preparatórios para certificação internacional. Formada em Letras (Português/Espanhol), sua qualificação se expande com pós-graduações em Psicopedagogia Institucional e, atualmente, em Neuropsicopedagogia

pela PUC Minas. Como tradutora, Renata atua em diversas frentes, incluindo trabalhos científicos internacionais, documentários, sites e livros. Autora do livro de poesias e reflexões "Meu Ser & Teu Ser", Renata explora temas do cotidiano, como vida, família e críticas sociais, que também adora discutir com seus alunos e amigos. Sua vida é um equilíbrio entre a dedicação familiar (como filha, esposa e mãe) e sua paixão pela educação e escrita. Instagram: @profrenatabueno_espanhol. E-mail: proferenatabueno@gmail.com.



AQUÁRIO

(me) inspiro
em corpo-memória,
tenho dois anos
bato perna
descoordenada
buscando painho
e flutuantes golfinhos

expiro
tenho seis anos
jogo água pra cima
simulo chuva caída
enquanto avisto borrão
tímido do meu irmão

inspiro
tenho doze anos
nado contra o tempo
ouço o apito
grita um desconhecido
quando isso deixou de ser divertido?

(me) expiro
em resgate ancestral,
tenho vinte anos
invado barcos de pesca

sigio braçadas de vô
flutuo em jogo salgado arrítmico
já não nado em piscinas.

Kamila Borges Aragão Pessoa



Ligada pelo Atlântico, meu corpo-território migrante banha-se em dualidades físico-afetivas. O nordeste do Brasil encontra a margem sul de Lisboa, trazendo – no fluxo reverso dos mares – outros ares. Ancestrais. Decoloniais. Afogo, flutuo, afundo em pensamentos. Pra não ficar à deriva, faço das palavras canoa: nelas ecoa um pouco do que vivo e sinto. Escrevo para (sobre)viver – para materializar oceanos que habitam em mim. Se te sobrar tempo nesta vida líquida, minhas coordenadas são estas: @kamila-borges_ | kbpessoa@gmail.com



AO MEU GRANDE AMOR

Olho o mar e na imensidão do Universo,
Questiono a vida, a existência...
O maior dos sentimentos
Que nos coloca do avesso
Sim...o amor

A vida é um instante, um sopro, um ir e vir constante
Nesses encontros e desencontros
Que nos proporciona a existência errante
Quem nunca sonhou em verdadeiramente amar e ser amado?

Na intensidade dos teus olhos e no calor do teu abraço,
Eu descobri que amar é despir a alma sem medo
É aceitar a vulnerabilidade e se permitir ser humano,
ser vulnerável, mesmo podendo ser forte

Com todos os medos que carrego no peito,
Como é bom descobrir que apesar do desejo constante de partir
É seguro ficar...
Porque existe afeto, existe lar...

Como é bom descobrir que uma palavra
Agora pode ser traduzida por um nome
Que ressoa em meus pensamentos
Codinome

Amar é aceitar, acolher, ceder
Amar é estar disposto
Sem julgar a nudez da alma
Ou melhor, é para os dispostos
Para os corajosos
Ah...viver isso é para poucos

Porque o mundo te mostra
Muitas coisas,
Desperta muitos sentidos
Mas poder viver um amor verdadeiro
É dádiva
Não é erro

Partilhar a vida com alguém
Que pode ser o seu quem, como, onde
Em qualquer tempo
Em qual instante
É presente
É divino
É constante

Amar é apoio
Sem prisão
É sustento
Sem ilusão

É dar asas sem tirar o chão
É alcançar o céu juntos
Com(paixão)

É por isso que, não importa o tempo,
O espaço ou a minha capacidade cognitiva
Se um dia eu me esquecer de tudo,
Saiba, meu amor,
Que serei grata ao amor vivido
Até meu último suspiro

Caroline Naimeg



Sou Caroline Naimeg, tenho 31 anos, sou médica de família e comunidade, pós-graduada em psiquiatria e mestranda em saúde coletiva. Trabalhei no Exército, nos médicos sem fronteiras e em algumas outras organizações e projetos. Atualmente, moro no Espírito Santo, em Vitória, onde estou finalizando minha especialização em cirurgia geral. Sou completamente apaixonada pelas artes, música, literatura e pintura. Já dizia Nietzsche, "a vida é suportável porque a arte existe." O que seria da existência sem a arte e sem o amor, não é mesmo?



QUEM EU ERA?

Quem eu era antes de você chegar aqui?
E esses sentimentos incontroláveis
Que mudaram as minhas sensações
E tomaram conta de mim?!

Quem eu era antes de ter te conhecido?
O que eu fazia, com quem eu andava
E quais os lugares que eu frequentava?

O que era a minha válvula de escape?
Quem eram os meus amigos?
Quais os cursos que eu procurava
E as praias que eu gostaria de ter ido?

E depois de você o que sobrou por aqui?
Será que, depois de ter me desdobrado
Para caber dentro dos seus poucos abraços,
Eu consigo voltar para dentro de mim?

Ou será que perdi tempo demais
Tentando ser quem eu nem era,
Para suprir as suas necessidades
E quando percebi já era tarde demais!

Deixei de sorrir, dançar, escrever, viajar
E fui me deixando levar,

Para ser deixada em um abismo profundo
Sem uma palavra para me consolar!

E quando eu te olhei lá de baixo para cima,
Você com um sorriso sarcástico
Me olhava de cima para baixo,
Com o seu amor egoísta!

Eu estava despida,
Me sentindo do avesso,
Minha alma sangrava e o meu espírito gritava
E ali do fundo, eu nem te reconheço.

Você foi se afastando lentamente
Sem o menor esforço em me ajudar,
Foi saindo bem devagar
E me deixou jogada naquele lugar!

Eu tive que me levantar sozinha
Com a cabeça cheia e o coração vazio.
Sentia sono, medo, frio,
E uma imensa vontade de chorar!

Foram dias, meses e anos
Para eu me reencontrar.
Voltei a ocupar os lugares,
As pessoas e os amores,
Que eu deixei passar!

Eu tive que ressuscitar
Como uma criança a engatinhar,
Percorrer os caminhos de volta para resgatar,
A mulher que eu era antes de te encontrar!

Luciane Gaspar

Quem eu era?

07/07/2025

Das 07:53 às 08:13

Luciane Gaspar



Luciane Gaspar nasceu em São Paulo, é Empreendedora, Mãe e Arte-educadora, formada em Comunicação pela Universidade Paulista (Unip), e Pós-graduada em Artes Cênicas pela (Universidade Paulista de Artes). É apaixonada pelas Artes, Contos, Músicas e Poesias desde a infância, participou do canto coral da Universidade Anhembi Morumbi, e foi dançarina da Banda Fazendo Arte de Belém do Pará, entre 1997 e 1999. Trabalhou por muitos anos no SENAC, na área da Educação como Assistente da Coordenação dos cursos de Graduação e Pós-Graduação. Foi dramaturga e diretora de Teatro do musical infantil (A Fuga do Mundo Virtual), onde

realizou algumas apresentações em Teatros, Centros Culturais e CEUS, juntamente com a Trupe “Cia Teatro Virtual”, em 2010. Com um filho pequeno e recém-separada, fez cursos na área da beleza e se dedicou a elevar a autoestima das mulheres, onde atua como Designer de Sobrancelhas, desde 2012. Em 2019, foi assistente do projeto CapsCrianinhos voltado para iniciação musical de crianças e adolescentes, do CapsArtes Grajaú. Neste mesmo período criou a página @artistasdograju, com o objetivo de divulgar o trabalho de coletivos e artistas independentes. Atualmente é Especialista em Sobrancelhas, Arte-educadora de Teatro e Dança. Também é praticante de Yoga, e participa de grupos de dança do projeto Afromix. Escreve regularmente por hobby, mas neste momento está no processo de abrir a sua caixa de textos para compartilhar com o mundo. Instagram: @lucianegaspar.artes / E-mail: luciane.gaspar2014@gmail.com



8 CAVIDADES

Eu não faço ideia do que é ter um filho.

mas você disse que depois que teve, as raivas são realocadas

em um lugar de menor importância. Acho que ter um filho é tanta coisa.

Deve ser um coração pulsante a mais o

tempo todo no teu peito.

Eu não faço ideia do que é ter um filho.

mas você disse que depois que teve, as raivas são realocadas

em um lugar de menor importância. Acho que ter um filho é tanta coisa.

Deve ser um coração pulsante a mais o

tempo todo no teu peito

CORTE LACANIANO

Não é sangue. Do corte sai gente, uma festa.

Um velório. Um bebê - do corte nascem pessoas
de pessoas e de gente que bem depois: morrem.

Martina Sohn Fischer



Martina Sohn Fischer escreve, faz pão e é psicóloga. Moro em Porto União, Santa Catarina. E nasci em União da Vitória, Paraná. @nomedemar.



HÁ BRAÇOS

Há braços

Braços que apertam

Sufocam

Espremem, exprimem

Tocam

Há braços que abraçam

Seguram

Mantém, mentem

Sufocam

Há braços que partem

Deixam

Suam, sujam

Voltam.

Michela Carpes



Me chamo Michela Carpes de Oliveira, 43 anos, casada, mãe de 3 adultos, extremamente apaixonada pelo novo, inquieta, disposta e em busca do lugar que é meu, onde eu não precise me apertar para caber.



NOTAS SOBRE A MIOPIA

Às vezes viajava em pensamentos, caminhando na calçada
E namorava a cidade com os olhos, mesmo vendo ela borrada
Confundia estrela com avião, passarinhos com folhas
Bispo com peão, preferências e escolhas
Toda noite admirava a lua e julgava anormal
Aquele beleza surreal que era coisa de TV
Sem ver que na verdade era uma placa do HSBC.
E de corpo e de alma, da confusão repetia a dose
De vez em quando via em seu estado de hipnose
Mensagens intensas e cheias de sentidos
Em olhares vagos, apenas perdidos
Apertava os olhos forçando sua retina adiantada
Tentando entender toda a lógica embaçada
Qual a solução para essas imagens distorcidas,
Pessoas e coisas confundidas?
Não sou nenhum arcano mas trago uma pista:
Melhor ir a um oculista!

COMO CUIDAR DO SEU BARQUINHO

Barquinhos de papel
Na régua trabalhados
Navegam sobre as águas
Com seus minutos contados

Permissivos, permeados
Pela água que suavemente
Em bela flutuação
Os desmancha, de repente.

Se da água fugirem
Se preservam por anos
Mas barquinhos inteiros
Não conhecem os oceanos

Se chover, feche sua casa
Feche os olhos pra não chorar
Guarde-os secos e os veja
Destruídos por não navegar!

Raissa Bandeira da Luz



Raissa Bandeira da Luz é atriz e professora de Artes. Criou gosto por leitura a partir do seu contato com o teatro e sempre gostou de escrever. É licenciada em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas, especialista em Metodologia do Ensino das Artes pela UNINTER e mestre em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Garopaba SC. raissa.bandeiradaluz@gmail.com.



WINE

That

wine

is not

so red

so hot

so pretty

so sweet

so magical

so mythical

as, you know,

our enchanted love.

Sure, you've been drinking
the wrong kinda wine, baby.

Clarissa Machado



Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, e pós-graduada em Tradução e Literaturas Brasileira e Inglesa. É Mediadora de Leitura e autora dos livros "Pelas Águas de São Lourenço" e "Buen(os) Aire(s)". Acadêmica Correspondente da Academia Feminina Sul-Mineira de Letras (AFESMIL) e membro do Grupo Literário Fonte das Letras. **Instagram:** @artesliterariascriativas e @clarissaxmachado.



SÓ PORQUE SIM

O céu nublado, meio cinzento,
Não sei dizer por que sorri,
Dentro de mim, só sentimento.
Só sei que sim! Sorri por mim.

Rir sem motivo,
Saltar, cantar, correr,
Viver feliz é um incentivo,
Para quem quer viver!

O café nem saiu perfeito,
Mas sou feliz só por estar aqui,
Contente do meu jeito,
É o que me basta para seguir.

Não é necessário razão,
Nem aplausos, nem vitrine,
Não precisa de justificação,
Estar vivo já é sublime!

Vânia Sofia Duarte Santos



Vânia Sofia Duarte Santos é uma escritora portuguesa, nascida a 20 de Dezembro de 1989, em Santiago do Cacém, Portugal. Desde 2021 que publica livros de poesia e histórias infantojuvenis que transmitem percepções reflexivas e com mensagens positivas. A escrita de Vânia explora temas de resiliência, esperança, autodescoberta e a beleza encontrada no quotidiano, proporcionando um espaço para os leitores pararem, refletirem e descobrirem positividade mesmo no meio dos desafios da vida. Vânia escreve com o objetivo de conectar corações e mentes, pois acredita que as palavras podem curar e transformar. Instagram: @vanisofisantos.



UMA DOR DE CADA VEZ

Por favor mantenham a ordem
Quem chegou primeiro
Vá embora antes da próxima chegar
Sem atropelo por gentileza
Dor antiga tem prioridade
Estaciona quando quer
Dor novinha tem que chegar
Triar catalogar pegar crachá
Dor de outro não tem pouso
Senão sobrecarrega o espaço
Mas se for dor muito forte
Daquelas que precisa ajudar
A gente da um jeitinho
Passinho pra frente por favor
Que nem ônibus lotado
Tem dor que a gente já sabe
Prepara arruma a casa faz café
Outras chegam de repente
Nem um sinal pra avisar
Igual assalto na rua de tarde
Quinze horas de um dia sem graça
Lá vem ela de surpresa
Te derruba esbofeteia espanca
Você que se vire para resolver
Doutor pergunta o que parece
“Parece com que sua dor”

Parece com o fim do mundo
Parece que a morte tá perto
Parece que a vida não vale a pena
Ainda bem que só parece
Daqui a pouco essa dor vai embora
A gente levanta sacode a poeira
Espera a próxima chegar
Que ela vem isso é certo
Esperada ou de surpresa
Antiga novinha ou do outro
De assalto no meio da tarde
Parecida com sabe lá o que
A certeza é de que ela vem

A dor não perde a sua vez

Maria Cristina Lancia Cury



Natural de Torrinha, estado de São Paulo, nascida em 31 de maio de 1963, é médica formada pela Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP em 1986. Foi docente de carreira da Universidade de São Paulo até 2007, quando deixou o ambiente universitário e se mudou para Brasília, onde reside até hoje. Atua em diversos hospitais e clínicas, e hoje se dedica principalmente às áreas de cuidados domiciliares, cuidados paliativos e de final de vida. Leitora voraz, foi alfabetizada muito cedo e sempre fez da leitura um hábito fundamental de vida. Desenvolveu o gosto pela escrita há algum tempo, preferencialmente pela prosa, em especial as crônicas. Mais recentemente, tem se aventurado pelo universo dos poemas.

Recentemente teve seu primeiro poema publicado em uma coletânea intitulada “Folhas de Outono”, e está no momento preparando sua primeira publicação solo. Além da leitura e escrita, a música é também uma atividade muito marcante em sua vida, sendo pianista clássica formada pelo Conservatório Carlos Gomes, de Ribeirão Preto. Instagram: @dra.cristina.cury; @perfectasaude.df; @da.minha.estante.



BORDEL

Uma estátua branca com traços tão belos quanto femininos oferta uvas e
vinho a quem lhe repara o riso

Margeando veredas e mananciais os raios de sol

Serpenteiam como a se esconder da esbórnica

Nesse átimo do dia o calor tem aroma salobro

E os olhos regam a nostalgia insepulta

Pois no silêncio os sussurros voam como gritos

As harpas dedilhadas pelas ninfas desnudas

Desenham no ar desejo e euforia e furor

Minhas longas vestes tornam-se bandeiras

Quando o sopro eólico me atinge o corpo

Meus pés têm as unhas sujas de lama

Minhas mãos têm as unhas sujas de sangue

E nessa cantilena me deixo seduzir

Pelo vinho

Pela carne

Pela noite

Reduzo-me a mero espectador de meus próprios anseios

Enganado pelas pegadas que eu mesmo postei

Morri de prazer antes mesmo de ser parido:

Dionísio abandonou-me nesse bordel que chamam de vida...

Thiago Milério



Nascido em Manaus-AM, em 1981, formado em Medicina pela UFAM, escreve poemas por acreditar no poder da Arte e da Literatura para um mundo mais humano e justo.



GENTE MORNNA

Quero distância de gente morna
pessoas sem sentimento
essas que parecem perfeitas
e não falam de seus medos

quero gente de verdade
com conteúdo e enredo
Para mim não faz diferença
se vem da colina ou do gueto.

Essa gente que tem brilho
e ilumina onde Passa
não tem medo de parecer louca
muito menos fora da caixa.

Para eles tanto faz
como as pessoas os veem
o importante é que se aproximem
todos que forem do bem.

Assuntos vazios e rasos
não rendem sua atenção
seu interesse está no profundo
na alma e no coração.

Silvana Oliveira



Sou Silvana Silva de Oliveira, pedagoga, filósofa e especialista em Neuropsicopedagogia e Orientação Educacional. Minha paixão pelo conhecimento e pelo desenvolvimento humano me guiou tanto na minha carreira quanto na minha escrita. Escrever se tornou uma forma de traduzir minhas emoções, reflexões e experiências em palavras que tocam e despertam empatia. Cada poesia que crio carrega um pouco do meu olhar profissional e da minha sensibilidade artística. Acredito na união entre educação, ciência e arte como caminho para compreender e valorizar a diversidade. Por meio da escrita, busco conectar corações, expandir pensamentos e inspirar quem lê.



EM CADA DETALHE

E por falar em detalhe!

Hoje eu acordei com saudades

Dos nossos cheiros, nossos

Abraços de fazermos amor, mais

De um vez na noite ou não dormir

Há noite inteira e no amanhecer do outro dia

Todo mudando

Beijos, carícias perversas e risadas simples.

Cadê os detalhes que nunca vivi com você e por que não vivemos ainda ou será Que ficou algo meu por aí? será! Quem ficou? Ficou! O que ficou meu aí?

Talvez tenha ficado Eu! Já você não sabe onde foi e por que foi! Não sei.

Eu! Ainda estou aqui! E você está por onde e aonde se está?

Eu! Estou!

Dentro do nosso detalhe que não se acabou ainda viver, resistir e sobreviver! E! Eu! ainda sou o que está aqui tem um detalhe dos teus detalhes teus!

Ficou nada meu aí não né? Ficou sim! O que? Eu! No teu detalhe todo meu.

Artton Potiguar



Natural de Santo Antônio do Salto da Onça/RN, primogênito dos oitos filhos de Maria de Fátima Pessoa dos Santos e Ailton Rodrigues dos Santos. Servidor Público, Agente de saúde, Autor, Escritor, Enfermeiro Especialista UNIFACEX/RN, Biólogo/UFRN, mestrando/UFRN, Professor, palestrante, articulador, fomentador cultural literário, militante, ativista, agente e produtor cultural com várias participações em inúmeras antologias e coletâneas nacionais e internacionais físicas e virtuais por diversas editoras. Autor de um livro e coautor de mais de 400 obras literárias pelo Brasil. Membro das academias literárias: AIL, ALB, ACL, AILB, ALPAS, AILAP, ACAL, AISLA, ABECC, ALTOA, ALAAP.



A PARTIDA DA MÃE

Eu não vi o seu rosto no dia em que partiu.

Foi tão rápido, tão sutil.

Meias palavras foram ditas.

Nenhum abraço. Nenhum aviso.

Queria ter ouvido um até mais.

Ouvi apenas seus passos rápidos

tropeçando em direção ao pátio.

Quis chorar, mas não me permitiram.

Uma voz rouca brigou comigo.

Era tudo muito intenso para cabeça de um menino.

Minhas lágrimas viraram gelo

invadindo meu coração ferido.

Coração abandonado quer sempre um abrigo.

Abrigo de mãe, colo amigo.

Quando homem me tornei

achei que não iria mais

com isso sofrer.

Mas ainda mora em mim o menino

que escuta seus passos perdidos

seguindo em direção do seu destino.

Triste destino de mãe.

Aline Feltrin



Escrevo desde que me entendo por gente, mas foi aos 13 anos, depois de ler *O Diário de Anne Frank*, que compreendi o poder transformador da escrita. Em homenagem à menina que me inspirou, criei meu próprio diário, batizado de *Querida Anne*, nome que hoje também dá vida à minha conta no TikTok. Além disso, mantenho a página *Poesia em Doses* no Facebook, onde compartilho poemas e reflexões. Em 2022, tive o poema *Morte* selecionado para a Antologia *Poesia Agora*, da Editora Trevo, que

reuniu textos de autores de todo o país. Sou repórter desde 2005, com passagens por redações como *Diário de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Motopress Brasil* e Editora Abril. Minha trajetória inclui coberturas nas áreas de negócios, indústria automotiva, comportamento, decoração, setor jurídico e variedades. Tenho ampla experiência em comunicação corporativa e assessoria de imprensa, atuando no planejamento estratégico, na criação de metas e objetivos, no gerenciamento de crise e no media training. Também coordenei equipes, desenvolvi projetos de conteúdo para redes sociais e participei da elaboração de briefings e cronogramas de atividades. Em 2025, fui eleita a jornalista mais admirada na cobertura de veículos comerciais, segundo o ranking promovido pelo Jornalistas&Cia/Portal dos Jornalistas — posição que já havia alcançado entre os três profissionais mais votados em 2024 e novamente em 2025. Atualmente, sou editora da revista e do site *Transporte Moderno*, com mais de 60 anos de tradição no mercado editorial. Além disso, sou apresentadora e produtora do videocast *Transporte Moderno*, da mesma editora. Porém, no fundo, sigo sendo aquela menina que encontrou refúgio e força nas palavras — e que ainda escreve para entender o mundo e a si mesma.



DESENCONTRO DO ENCONTRO

quem poderia dizer
que um dia
o amor
iria

ESVAZIA R

e

s

c

o

r

r

e

g

o

u

nas distâncias
sufocantes

nos toques
contidos

perdeu-se do desejo
visceral de ter

diluiu-se
no tempo

gastou-se na pressa

de fingir para fugir

as palavras não
abraçam o que *ficou*

grande

o desejo que
não arde

o olhar que
não procura

a pele que
não encontra

o cheiro que
não sente

ancorado

no desencontro
do encontro

à espera de *zarpar*

Katiucia Barros



Me chamo Katiucia Barros e meus amigos mais próximos me chamam de Kat. Nasci em Caetité, no Alto Sertão baiano, em 1977, e moro em Belo Horizonte há quase 30 anos. Sou mulher, esposa, mãe de dois meninos lindos, filha, irmã e amiga. Desde criança, sou fascinada pelo universo dos livros e das imagens. Lembro-me de passar horas folheando os livros de fotografia e as páginas ilustradas das minhas leituras infantis, encantada com o poder das imagens de sugerirem histórias que iam muito além das palavras escritas. Esse olhar curioso e sensível sempre me acompanhou e moldou meu jeito de perceber o mundo. Sou graduada e mestre em Enfermagem pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais). Ao longo da minha trajetória, abracei diferentes caminhos que dialogam entre si: sou professora universitária, coordenadora de curso, escritora, fotógrafa e arteterapeuta — ofícios e paixões

que se entrelaçam e alimentam minha busca constante por conexão e expressão. Escolhi cuidar do templo mais sagrado que habitamos: o corpo humano. E, ao longo do tempo, descobri que cuidar também passa por enxergar e valorizar a história e a beleza singular de cada ser. Em 2017, realizei um antigo sonho ao estudar fotografia profissionalmente. Desde então, a arte de desenhar com a luz e contar histórias através das imagens se tornou uma extensão natural do meu amor pelos livros e pela escrita. A fotografia me permite cuidar do outro de um modo único — por meio do encontro com aquilo que sua própria imagem desperta e revela sobre si mesmo. Hoje, sigo me surpreendendo ao observar pessoas e mergulhar nas múltiplas camadas que compõem suas histórias. Os detalhes singulares que formam cada indivíduo sempre chamaram minha atenção e continuam a inspirar minha arte. Além de publicações na área da enfermagem, venho me aventurando no campo da escrita literária, em um desejo genuíno de compartilhar sentimentos profundos e verdades da alma humana — aquelas que tantas vezes se revelam no encontro entre palavra, imagem e olhar. Instagram: @projetoperceba_se e @katiuciabarrosfotografia | E-mail: katiuciamartins@hotmail.com.



GAROTA CACHEADA

Lá vem ela... a garota cacheada,
Como são lindos os seus cabelos!
Como você cuida desses belíssimos cachos, menina?
Maravilhosos e radiantes como o sol,
Cachos dourados como ouro,
Encaracolados como raminhos de chuchu,
Reluzentes, bem cuidados, hidratados,
Assim são seus cabelos, garota cacheada.

Cada fio é um poema, uma dança no ar,
Quando você passa, todos param para olhar.
A leveza dos seus cachos traz alegria ao coração,
Um estilo único que reflete sua emoção.

Você é a inspiração que brilha em cada lugar,
Com seu jeito autêntico de ser e de amar.
Os cachos falam por você, contam sua história,
De força e beleza, numa linda trajetória.

Então continue a brilhar sob a luz do luar,
Garota cacheada, é tempo de se amar.
Celebre seus cabelos com orgulho e paixão,
Pois cada cacho é um símbolo da sua expressão.

Angela Gabriela



Angela Gabriela da Silva, 48 anos, brasileira, paulista, nascida no dia 13 de setembro, na cidade de São Bernardo do Campo, SP. Solteira, mãe de três lindos filhos: Pâmella, Nathália e Arthur. Filha de Marília Gabriela e Manoel Luiz, possui ensino médio completo, com certificado de conclusão pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Formada como cabeleireira profissional pelo Instituto Embelleze, atualmente curso faculdade de Design de Moda , EAD na faculdade Unifatecie. Além disso, trabalho como merendeira escolar, sou costureira nas horas vagas e também motociclista coletada M I , "bikers of angels" na cidade de Cariacica, ES. Estou abraçando novas oportunidades para mostrar outras habilidades, e "escritora" é uma delas. Espero que gostem! Sempre escrevo com muito amor e carinho. Divirta-se com mais essa leitura, e obrigada por dedicar seu tempo! Beijocas no coração!



CENTELHA DIVINA

Todos possuímos um palácio, alicerçado de minuciosos fragmentos, adornado de estilhaços que permitem a luz brilhar;

A nossa alma.

Em todo o nosso percurso físico neste mundo bonito, colecionámos objectos e momentos que nos deixam memórias eternas.

Viver em pleno a nossa essência é magistral.

Viveremos um percurso mágico e magnânimo se nos permitirmos cultivar valor, beleza, amor e paixão.

Cada dia é uma renovação.

Viver é desfrutar dos recursos incríveis com que a existência nos presenteie.

Por vezes Deuses do Olimpo, vivemos o pleno de um lado divino imortal, ilimitado, soberbo, sedutor.

Outras pequenos mendigos, ficando felizes com migalhas de liberdade.

Mas seremos sempre reis, imperadores, da nobreza dos nossos sentimentos.

Porque viver será sempre um deslumbre desafiante e ousado.

Para alcançar a nossa realeza, a nossa divindade, importa vivermos da forma, genuína, que somos às avessas.

Abdicar de estarmos impecáveis por fora e em farrapos nas entranhas.

Sê tu, único, genuíno, só assim crescerás.

Livre da carapaça da farsa, do que não te serve, de uma personagem que não representa o teu eu supremo;

Cintilarás, alcançarás o fogo perpétuo do Olimpo.

Seremos uma centelha divina no nosso palácio da terra.

Anabela Vaz



Anabela da Cunha Vaz nasceu a 15 de outubro de 1971, na cidade de Braga, Portugal. O gosto pela escrita surge desde a infância. A sua imaginação levou-a sempre a conceder vida às páginas em branco, com a magia das suas palavras. Acredita no poder, no impacto e na magistralidade do mundo da escrita. É mulher de palavras, ancorada 21 anos no mundo dos números. No ano de 2020, adormece a razão, permite que impere a paixão. Encerra o seu capítulo de bancária, faz das suas palavras as asas que a levam de encontro aos seus sonhos, à sua liberdade, à sua felicidade. É autora do romance *Neblina* (2006) e do conto *Benedita* (2021), inspirada pela doçura e encanto da sua neta Benedita. Em 2022, com toda a turbulência, guerra e inquietações no mundo, escreveu *O Mundo precisa de fadas*. Em 2023, volta-se, de novo, para os adultos e escreveu a obra: *O que desejas ser depois da meia noite?* Em 2024, seduzida pela beleza e mistério do mar, escreve a obra *Maria do Mar, a sereia que sonhava voar*.



DOR ÉBRIA

Por Karen Cerutti

Te vi, foi rápido,
rápido demais para quem tem saudades.
Uma mala pesada apenas viera buscar.
Te tive, foi rápido,
te convenci a mais uma vez me amar.
Nem vi o tempo passar,
e agora que se foi, ai de mim...
A cor caramelo da tua pele macia,
despedida dolorosa!
O que me resta são lembranças,
e sobre a mesa de cabeceira
só soluços afogados na taça de vinho.
Não deu para degustar do doce beijo que tens,
agora que se foi, ai de mim...
Lembranças daquilo que quero mais e mais,
sedenta sou por ti.
Te ver, te ter, só encravou dor,
saudades que não têm fim.
Antes não tivesse te visto,
não tivesse me despedido,
e assim, deixado a saudade adormecida em mim...
Malgrado meu desejo, abri a porta para que fosses,
não tinha jeito de te impedir.
Teu olhar de desprezo me lacera,
sua ida é um pedaço diluído de mim.

Uma última vez, um último abraço...
Não é suficiente para quem tem saudades.
Por que tens de partir?
Entre meus braços teu casaco contenho,
um vento suave solta meus longos cabelos.
Fecho os olhos, profundo a te sentir.
A mesa de cabeceira guarda meu sono pesado,
afogado no desespero do gosto da uva madura.
Queria mesmo era estar afogada em teus beijos,
mergulhada no cheiro de teu perfume.
Onde quer que eu olhe vejo flores e beija-flores,
cisnes azuis esbanjando beleza na imensidão do infinito,
casais apaixonados se beijando em um amor sem fim.
Meu mundo virou do avesso,
lembranças arduamente me invadem.
Eu vejo! Te vejo! É real! É desejo!
De ponta cabeça te roubo um beijo...
Pensamento delirante que te traz de volta pra mim.
Só assim, ébria, posso te ter.
Salto e colho uma estrela dourada no ar,
enfeite para o anel que prometeste me dar.
O tempo passou... o dedo sem adorno.
Para mim, o mundo parou sobre a base da taça de vidro.
Colhido com sua indiferença, pobre de mim por te querer tanto assim.
No rádio, o som das internacionais mais românticas.
Certa ou incerta, eu voo em um asteroide.
Sóbria ou aos delírios do vinho excessivo,
segredo meu e da mesa de cabeceira.
Na mão, mais uma taça vazia borrada de batom.

Longe de ti, morarei na lua,
pois nem sei mais de mim...
Borboletas irrompem da minha boca.
Para meu regozijo, te ter: fico ébria.
Teu olhar de desprezo não existe aqui.
Ainda dá tempo de parar o tempo,
esconder o relógio debaixo do travesseiro,
quebrar os ponteiros...
Desespero que não tem fim.
Oh, coração apaixonado,
tá morrendo de desejos, perdido, aniquilado.
Te declaro mil versos embriagados.
Vem me amar no reverso,
quando a outra metade da lua crescente se encaixar em uma só.
Doce vinho da videira...
É lua cheia!
Do meu lado, um travesseiro vazio.
É o despertar de meu sonho para a dor sóbria?
Oh, minha adega ainda está farta!
Não vá, eu suplico! Fica aqui comigo!
Teus lábios têm gosto de vinho suave.
Quero embriagar-me,
e assim, que as saudades tenham fim.

Karen Cerutti



Karen Cerutti, brasileira, mineira, nascida no ano de 1989 no município de Vespasiano/MG. Profissional de Técnico de Enfermagem. Estudante de Bacharelado em Enfermagem. Escritora poetisa. Publicado em fevereiro de 2024 o livro “Soprando a Poeira dos Versos” pela Editora “Clube de Autores”, comportando 36 obras literárias dentre poemas, crônicas e contos os quais exploram temas como dor, amor, reflexões líricas, e narrativas curtas. Karen Cerutti é coautora em 06 antologias publicadas pela Editora “Persona” e em 03 antologias publicadas pela Editora “Usina de textos”. Coautora assinante da revista “Autorretratos” com lançamentos mensais. @poemaskarencerutti (Escrever para a revista Autorretratos é abrir os horizontes do mundo literário, a cada edição uma experiência nova.)



MOSAICO DE SENTIMENTOS

No palco da vida, ela dança,
Entre sorrisos e máscaras sutis.
Em delírio de luz e vinho,
Dama de alma em lança,
Pietra — filha do êxtase —
Fragmenta-se em mil perfis.
Protagonista de beleza rara,
Entre risos cintilantes e pranto calado,
É sacerdotisa de amores fugazes,
Tecendo destinos no compasso dos tambores,
Onde cada passo é um rito,
Cada olhar, um brinde à vertigem.
Musa do Carnaval em flor,
Rainha dos cortejos e das ruas invertidas,
Desfila com o ardor dos Bacantes,
Bailarina que gira até perder-se
No abraço da própria sombra.
Sua trama, qual Colombina,
É sonho, em forma de poesia.
Grácil, elegante, bailarina,
Espalha encanto e fantasia.
Mas seu coração, em tons de azul,
Como Pierrot, chora em silêncio e dor
Na pele pintada, véu de ouro e segredo,
Guarda mistérios que só o Deus da embriaguez conhece.

Ela veste luz, bebe noite,
E, entre o sagrado e o profano,
Entrega-se inteira ao caos que a sustenta.
Entre malabares e acrobacias,
Veste-se de Arlequim brincante,
Remenda risos, remenda magias,
Costura os retalhos de um sonho amante.
Musa báquica, entre luz e sombra,
Revela-se em ser polifônico,
Vive audaz, qual pluma se assombra,
No espelho fragmentado de sua própria alma.

"Para minha filha Pietra Antonela do Rosário, cujo coração é um mosaico de sentimentos, forte como o êxtase de Dionísio, e, ainda assim, frágil como a beleza que só a vida sabe revelar."

Marlene Krupa



Marlene Krupa do Rosário é uma apaixonada pela arte da palavra, dedicando sua vida à poesia como expressão de sentimentos, memórias e reflexões sobre a vida. Reside na Cidade de Araucária/PR. Encontrou na escrita um refúgio e uma forma de dialogar com o mundo, transformando emoções em versos que tocam a alma. Atuante no cenário literário, participa do grupo de Poetas de Araucária, “Arte em movimento”, onde compartilha sua sensibilidade com outros poetas e leitores. Suas obras exploram temas como: amor, natureza, existencialismo, sociedade, sempre com uma linguagem cativante e envolvente. Além de poetisa, também é professora, fotógrafa, pintora de quadros, e acredita no poder da literatura para inspirar e transformar vidas. Seu trabalho já foi publicado em livros, (antologias), revistas, jornais, levando sua poesia a diferentes públicos e espaços. Com uma escrita delicada e intensa, Marlene segue tecendo versos que ecoam no coração de seus leitores, deixando sua marca no universo da poesia.



PROSA

O SEGREDO ENTRE NÓS

Elas nunca estiveram juntas à luz do dia. O mundo exigia silêncio, discrição, distância. Mas, entre olhares roubados e toques breves, construíram uma história que ninguém poderia ler.

Sempre que se encontravam, era como se um universo paralelo surgisse ao redor. O tempo mudava sua velocidade, o ar ficava mais denso e tudo se tornava apenas aquele instante. Um segredo que o mundo nunca entenderia, mas que suas almas conheciam tão bem.

Havia algo mágico em amar assim, em sentir a pulsação acelerada de um desejo contido, em traduzir palavras não ditas por gestos sutis. Um olhar prolongado mais do que deveria, um sorriso disfarçado entre frases casuais, uma despedida que carregava a promessa de um reencontro.

Não poderiam gritar esse amor. Não poderiam contar ao mundo. Mas dentro de cada momento compartilhado, havia a certeza de que nada, nem o silêncio imposto, poderia apagá-lo.

E assim continuavam, amantes invisíveis para os outros, mas eternas uma para a outra.

Os encontros aconteciam entre horários esquecidos e lugares sem testemunhas. Um café onde ninguém as reconheceria, um corredor onde as palavras eram trocadas em silêncio, uma esquina onde o tempo parava por um instante.

Era sempre assim. Pequenos momentos roubados do mundo, como se cada olhar prolongado fosse uma promessa sussurrada.

Mas amar sem ser visto exigia coragem. Havia sempre o medo de um olhar curioso, de uma pergunta que não tinha resposta, de um mundo que não permitiria que estivessem juntas.

Ainda assim, elas existiam e insistiam.

Entre mensagens apagadas, suspiros contidos e despedidas que sempre carregavam o desejo de um novo encontro, criaram um universo próprio. Um amor que não podia ser exposto, mas que era vivido com intensidade no espaço entre cada palavra não dita.

Porque, no fim, não era a ausência pública que as definia, mas a certeza silenciosa de que pertenciam uma à outra, mesmo que ninguém pudesse saber.

Para uma delas, o peso desse amor escondido era mais pesado. Toda vez que se despediam, ficava um nó no peito, uma culpa que insistia em sussurrar: E se estivéssemos livres? E se eu fosse mais forte? Se eu pudesse gritar para o mundo, sem medo?

Mas o mundo em que ela vivia não permitiria e o coração brigava com ela. Era difícil viver na sombra de um sentimento tão intenso. Não assumir esse amor era como trair tudo o que sentia, mas expô-lo significaria também perder tudo o que tinha.

Ela se cobrava! O medo, as barreiras, as regras impostas: será que era covardia? Será que era egoísmo? Mas não. Era apenas a realidade dura que precisavam enfrentar.

A outra, percebendo a dor silenciosa, segurou suas mãos com firmeza em um daqueles instantes roubados e disse baixinho:

"Não se culpe. Esse amor não é menor só porque o mundo não o vê. Ele existe. Ele pulsa. E eu sinto você em cada silêncio, em cada olhar, em cada ausência que grita saudade. Amar assim não é fraqueza. É resistência!"

E, por um momento, aquele peso ficou mais leve. Porque, mesmo que nunca pudessem gritar ao mundo, sabiam que pertenciam uma à outra. E isso era suficiente.

Denise Henrique Mafra



Educadora com mais de 37 anos de experiência em ensino, gestão escolar e formação de professores. cursou Mestrado em Educação e MBA em Gestão Escolar, além de formação em Pedagogia e História. Ao longo da carreira, tem sido reconhecida pela atuação em projetos inovadores de educação, desenvolvimento de materiais didáticos, formação a distância e avaliação educacional. Destaca-se pela habilidade em promover aprendizagens provocativas, liderar iniciativas pedagógicas e implementar estratégias baseadas em metodologias ativas. Proativa, focada e apaixonada por contribuir para a transformação educacional, sempre buscando inspirar e motivar tanto alunos quanto colegas de trabalho. Mora atualmente em São José dos Campos, Vale do Paraíba - São Paulo. Facebook: Denise Henrique Mafra | Instagram: @dhmafra.



CASAMENTO COM A TERRA

Poeirão vermelho, a caminhada a levava por trilhas secas, onde somente as plantas mais resistentes mantinham a altivez diante de triste cenário.

A saia comprida escondia os pés desnudos, ansiosos por reter a energia daquele solo. Terra batida, entremeada por pedregulhos que vez ou outra causavam-lhe pequenas feridas, com as quais a mulher não se importava.

A distância era grande, o que propiciava momentos de introspecção. Olhar para dentro, conhecer-se por inteiro.

Na próxima curva ela avistou o riacho, de águas cristalinas, quase raras naquela imensidão inóspita.

O barro na beira do rio era vermelho, macio e morno.

Cravando os dedos, ela brincava com os pés, abrindo valas e sentindo onde a terra clamava por um toque.

De olhos fechados, a sacerdotisa inspirava profundamente, buscando interiorizar o sagrado e só então era o momento de agachar-se e começar a revolver o solo com as mãos. Com toques certos, ela amaciava a terra.

E por um momento mulher e argila fundiam-se como um único ser. A terra reagia aos seus toques e não escondia os sentimentos há muito reprimidos naquele corpo fragilizado pelas agruras do tempo.

E juntas, mulher e barro, davam formas às emoções!

Não havia relação mais perfeita, de maior cumplicidade, do que a do calor de seu corpo e a alma da terra.

Numa alquimia profunda, a sacerdotisa dava vida ao árido daquele espaço, permitindo que a natureza voltasse a acreditar em si mesma.

Andréa Rodrigues Carmo



Nasci na cidade de São Paulo, em 6 de maio de 1975. Minha infância foi feliz, com brincadeiras no quintal dos avós, férias na casa da madrinha e muitas estripulias. Desde cedo aprendi que a literatura poderia me levar para onde eu desejasse! Incentivada por minha mãe, vivenciei minhas primeiras leituras antes mesmo de ser alfabetizada. Mais tarde me tornei professora, estando a frente de salas de aula por quase 20 anos. Li muito para meus alunos e depois para minhas filhas, Manuela e Clarissa, hoje com 17 e 13 anos respectivamente. Do amor pelos livros, nasceu o desejo de escrever e assim, tenho brincado com as palavras compondo contos e crônicas. Atualmente moro na região do Butantã, em São Paulo, com meu marido Érico, minhas filhas e minha cachorra Shanti.



O ENCONTRO

ALAN

Era uma terça-feira comum, levantei às 6h da manhã, passei o café, enchi meu copo térmico e fui para o terminal central.

Pegava sempre o mesmo ônibus, mesmo horário e as mesmas pessoas. Todas seguindo o ritmo frenético das grandes cidades.

No meu fone de ouvido tocando RHCP, eu me sentia ótimo, tive uma noite de sono tranquila depois de dias de insônia, que antecederam a entrega do meu projeto a diretoria.

Estou distraído, pesquisando no Kindle a minha próxima leitura. Desta vez quero uma ficção, tento sempre revezar entre romances, autobiografias ou autoajuda.

Chego no portão de embarque, como sempre, tem fila para entrar.

Nessas horas me arrependo de não ir de carro, mas lembro que o trânsito é infernal e que estou contribuindo com o meio ambiente. Rio sozinho, pensando na ironia disso por um momento.

Não me dou ao trabalho de procurar assento, sei que irá lotar. Então me dirijo ao centro do ônibus, onde não ficarei atrapalhando a passagem.

Por um momento tiro os olhos da tela e então os vejo, vindo em minha direção, aqueles olhos castanhos, sorrindo.

Olhos que brilham e acendem meu peito. A dona deles para na minha frente, a uma pequena distância.

Percebo que a estou encarando e abaixo a cabeça, não quero deixá-la desconfortável.

Noto que ela balança de leve a cabeça, curtindo uma música em seu fone de ouvido, imersa em seus pensamentos.

O ônibus dá uma freada brusca, ela perde o equilíbrio e, por reflexo, se apoia em meu ombro.

Noto sua bochecha corar quando me pede desculpas e sorri timidamente. Só consigo devolver o sorriso e resmungar um “sem problemas”.

Mas sinto uma eletricidade entre nós e um brilho em seus olhos. Será minha imaginação ou ela sentiu algo também?

Tento manter contato visual e ela parece retribuir.

Após algumas trocas de olhares, ela sorri e eu também. Nesse momento sinto um calor em meu peito, meus batimentos aceleram e me falta o ar.

Me pergunto como posso estar sentindo isso novamente, depois de tantos anos.

Percebo que fico perdido nesses questionamentos e quase não vejo meu ponto de desembarque. E, nesse momento, me bate o desespero, pois não a verei mais.

Para meu deleite ela faz sinal de descer no mesmo ponto. Terei mais uma chance.

Ela desce primeiro, logo após uma senhora se coloca entre nós e desce também. Sem problemas, ainda há tempo.

Quando coloco meus pés na calçada, ouço um forte estampido, perco a consciência e desapareço no vazio.

E foi assim que conheci minha alma gêmea, no dia da minha morte!

LAURA

Abro os olhos ouvindo aquele barulho irritante e agudo. Estico o braço até o aparelhinho infernal que me desperta todas as manhãs e o desligo.

Começo a minha rotina matinal: banho, higiene bucal, vestir meu jeans surrado e camiseta branca. – Thank you God por não precisar usar terno e salto alto - é uma das coisas que mais amo no meu atual emprego.

Olho o celular e vejo uma mensagem já cedo da minha amiga e chefe, Mara, perguntando se aceitarei a sua proposta par abrir uma nova filial da empresa em outro estado.

Estou pensando em como dizer que não irei, não é que não goste da ideia, seria uma tremenda guinada na minha carreira, mas não me sinto pronta e ela está dando crédito demais para mim.

Fora que ficar tantos km longe da mãe e da maninha me deixa insegura, não sei se darei conta.

Droga! A hora passou tão rápido, tenho que correr para o terminal ou perco o ônibus.

Como sempre, ônibus lotado, mas consigo subir no último minuto. Coloco meu fone de ouvido, minha fuga do barulho e conversas ao redor. Está tocando Alanis, uma das minhas preferidas dela e rio ao lembrar das palavras do meu melhor amigo: “Sua playlist entrega sua idade!”.

Assim que passo pela catraca percebo a minha frente um par de olhos azuis me olhando, sinto um arrepio e instintivamente paro no corredor ao lado dele, me apoio no acento mais próximo e abaixo a cabeça, não consigo o olhar diretamente, não tenho tanta segurança para isso. O admirador de canto de olho, ele tem um maxilar perfeito.

Para minha surpresa ele está olhando para mim, o que eu custo a acreditar, não sou responsável por causar esse tipo de reação nos homens.

O olhar dele me dá um sentimento bom, sinto um calor desconcertante que transborda num sorriso e ele parece ter notado, pois sorriu de volta.

Me pergunto se isso está acontecendo mesmo ou se estou tão encantada que acabei romantizando tudo e criando uma fanfic na minha cabeça.

Na verdade, ele deve estar se perguntando: “Por que essa guria está me olhando? É louca?”

Fico confabulando sobre isso e quase perco meu ponto, mas tive a sorte que já haviam solicitado a parada.

Exulto quando noto que ele vai descer no mesmo local. Certo, mas terei coragem de puxar assunto com ele? Óbvio que não!! Não vou me enganar.

Desço do ônibus e o máximo que conseguirei fazer é andar a passos lentos para que ele me alcance e passe por mim, quem sabe ele toma iniciativa?

Olho para trás e o vejo descendo do ônibus, nesse momento escuto um estampido e no mesmo instante ele desabafa ao chão, onde forma uma poça de sangue. Os olhos vidrados e sem brilho.

O tempo para e só consigo sentir o caos da correria e gritaria das pessoas ao meu redor, então tudo fica escuro.

Horas depois estou no carro de Mara, sem saber como cheguei até ali ou como ela me encontrou.

Na minha mente tem apenas a luz dos olhos azuis dele se apagando e a percepção de como a vida é efêmera e única.

Toco no ombro da minha amiga ao meu lado e a única frase que consigo balbuciar no momento é “Eu aceito a sua proposta!”

Bianca Oliveira



Bianca Oliveira, residente de Ponta Grossa, cidade do interior do Paraná, profissional do setor administrativo, resolveu se aventurar com escrita. Geminiana até o último fio de cabelo, criou o perfil do Insta Metamorphosis Blog com a intenção de materializar suas ideias e pensamentos, expurgar os pensamentos ruins e acalmar a mente. O nome do blog é uma descrição explícita de sua personalidade, uma eterna metamorfose, sempre aprendendo, sempre querendo descobrir novos mundos e novos caminhos. Ainda sem um estilo pré-definido, adora falar sobre tudo, amores, amizades, decepção, espiritualidade e morte. Vivendo, aprendendo e escrevendo sua visão do mundo e das pessoas, muito mais para si, e, quiçá, para outras mentes.



“MITO DA CRIAÇÃO DO CAOS

No início de tudo era um globo solto no vácuo de Guaraci. E as vestes do globo eram folhagens umedecidas pelas águas que vertiam-lhe do ventre. Quando Guaraci resolveu tocar essas águas, nasceram Rudá e Anahí, deuses quadrúpedes. Rudá e Anahí tiveram filhos, que tiveram filhos, que tiveram filhos.

E espalharam-se por entre as vestes do globo.

Viviam todos em constância, até que, num dia escuro de intensa tempestade, um raio tocou as águas: ao globo, irromperam monstros bípedes que saíram a matar e dominar um por um dos filhos de Rudá e Anahí. E os monstros cercaram e dividiram o globo entre os mais fortes de sua espécie.

E desnudaram-no.

E violentaram-no.

E mancharam de rubro as águas que vertiam-lhe do ventre: a todos os que foram achados indignos, a miséria.

E viram os monstros que possuir era bom.”

Daniele Prado



Mito da criação do caos é uma das narrativas de ficção que compõe a obra Quando a gente se encontrar em setembro, livro de narrativas curtas cujos textos abordam dores do nosso tempo como as perdas, os desencontros, a exploração do homem pelo homem e o adoecimento mental coletivo. A autora Daniele Prado é formada em Letras pela Universidade de Mogi das Cruzes, pós-graduada em Escrita Criativa pela PUC Campinas e Mestranda do ProfLetras pela Universidade de São Paulo. É professora de Língua Portuguesa na educação básica desde 2013, período no qual ampliou ainda mais o desejo de escrever textos literários. Tem publicados dois outros livros de literatura infantil - As coisas que só a gente vê e O casamento da baratinha -

além desse Quando a gente se encontrar em setembro. Daniele descobriu o mundo por meio da literatura infantil. Quando aprendeu a ler, foi apresentada à biblioteca da escola: entrou, nunca mais saiu. Desde então, sempre que questionada sobre o que queria ser quando crescesse, nunca titubeava: escritora. Porque a literatura oferece mundos para quem escreve. E para quem lê. Contatos: Instagram: @danieleprado.escritora | E-mail: ddanieleprado@gmail.com.



SAI!

Ana acorda mais uma vez com um grito estacionado na garganta, como se lhe macetassem o ar de volta ao corpo. Não é grito mudo, é grito interrompido. Uma noite inteira de resoluções inconscientes que morrem na praia. Não há sensação mais frustrante do que a incapacidade de expurgo. Mais uma madrugada de pesadelos. Há três semanas tenta em vão dormir por pelo menos quatro horas, mas a cama parece rejeitá-la. Senta-se com certa dificuldade e arrisca um alongamento para fingir um descanso ao próprio corpo. Hoje foi a vez das costas amanhecerem doloridas, na semana anterior acordara com o maxilar tão rígido que custou a mastigar o pão na chapa amanhecido da padaria. É uma dor estranha, um tipo de cãibra que envolve as costas inteiras, uma constante tensão em toda a musculatura. Ela até poderia esquecer não fosse pela fisgada aguda na altura das últimas costelas toda vez que respira. Ana pensou rapidamente que seria mais fácil parar de respirar de uma vez por todas. Levantou-se e jogou água gelada no rosto para se livrar do desejo que lhe ocorrera. Tem sido cada vez mais difícil encarar o espelho e ela não sabe bem por quê.

Tem preguiça de escovar os dentes a essa hora, aliás, nem entende por que as pessoas

insistem em se assear milimetricamente assim que acordam. Parece que precisam limpar alguma manifestação onírica que lhes assusta em tamanha coincidência. E existem coincidências quando o assunto é nossa própria cabeça? Talvez estejamos apenas muito amortecidas para lidar com algumas sinapses... Mas Ana não escova os dentes logo que acorda principalmente porque o primeiro sabor que deve lhe tocar a língua é a

mistura de café com nicotina. É necessário termos nossos próprios rituais cotidianos para mantermos uma certa noção de realidade. Ana, por vezes, acorda com a certeza corporal de ter vivenciado de fato o pesadelo. Bobagem, é por ter comido demais na noite anterior. Faz tempo que ela culpa o cachorro-quente que devora toda noite na barraquinha do seu Luís por acordar em pânico toda manhã. A primeira tragada lhe obriga a firmar os pés no chão por lhe tontear a cabeça, aí toma um gole de café pra regular a pressão e está pronta para começar o dia.

Nada como uma boa dose de intoxicação para encarar a cidade. É necessário insensibilizarmos a alma para pisar a calçada.

Troca de roupa três vezes antes de decidir novamente pela calça jeans desbotada, regata preta e uma camisa de flanela amarrada na cintura. Esse look do dia tornou-se o uniforme para bater perna na rua, mas hoje ela acrescentou um lenço no pescoço porque a regata laceou o decote e fez aparecer a união dos seios. Ana não tem mais espaço para não se afetar com alguns olhares. Sabe que se engana pensando estar blindada com roupas largas, mas fazemos o que temos de fazer para conseguir abrir a porta de casa. Três travas ela destranca para sair, mais um ritual banal que toda mulher morando sozinha precisa seguir. Volta correndo para se assegurar de que fechou as janelas, custa uma fortuna para reformar um chão de taco e o proprietário da quitinete tirou fotos de cada centímetro na assinatura do contrato, mas a possibilidade de chuva traz menos receio do que a possibilidade do vizinho a estar esperando no fim do dia, sentado sem camisa no sofá dela, tomando a cerveja dela, querendo desfrutar do corpo dela porque naquela outra noite tinha sido tão gostoso...

Não, não tinha. Ana nunca foi de rezar, mas pede todos os dias para não o cruzar no elevador. Algumas noites quando volta pra casa, no momento em que ela fecha a porta, o interfone toca. Ela não precisa mais

atender para saber quem está do outro lado da linha. É cansativo. Ela achava que era violento, mas os amigos deram risada dizendo que o cara não tem culpa de ter se apaixonado, Ana, você é muito fechadona! No espelho do elevador ela se olha desejando ser mais aberta pro mundo, sem nem saber ao certo o que isso significa.

Toma um susto com a voz distorcida em ruídos que sai da caixinha de som acima dos botões. Menina, não pode pôr o pé aí, não! Levar bronca do porteiro por amarrar os cadarços do coturno apoiando o pé na parede do elevador não deveria mais assustá-la a essa altura. Abaixa-se para amarrar a outra bota e o lenço que enrolara no pescoço se desprende revelando dois peitos pequenos pendendo livres de sutiã. Sente pesar o olhar feroz do seu Almir do 204 que a acompanha nessa curta viagem vertical, um velhinho muito simpático que anda com dificuldade, mas esquece rapidamente da dor na coluna quando precisa se inclinar para enxergar melhor. "Coisa boa ser jovem né, filha, a vida toda pela frente..." Ana deu uma risadinha bem amarela como resposta para disfarçar a vontade de gritar seu velho escroto, safado, toma vergonha nessa cara! Desculpa, Wellington, eu sempre esqueço de amarrar os sapatos em casa, mas não sujou não, viu...

Passa pela padaria e sente o cheirinho do pão que acaba de sair do forno, a vontade é de tomar um café da manhã completo com direito a pães de queijo, suco de laranja e aquele cappuccino com chocolate. Mas a grana tá curta, curtíssima, e a vontade precisa ceder o lugar à realidade. Senta-se no balcão do boteco no outro lado da rua e pede um pão na chapa e uma média.

Não tem café sem açúcar, não, mocinha. Engole o pão encharcado do óleo de todos os x-burguers da noite anterior e leva o café pra calçada

enquanto procura o isqueiro na bolsa. Esqueceu em cima da máquina de lavar! É o trajeto diário, lava o rosto, pega o cigarro e o isqueiro na mesa de cabeceira, passa uma única xícara de café e acende o cigarro ali mesmo na cozinha/lavanderia enquanto veste uma calcinha limpa recém-tirada do varal. Opa, precisando acender aí, linda? Ana desejou mais do que nunca parar de fumar. Aceitou o empréstimo de fogo e, obviamente, o cara fez questão de riscar ele mesmo o fósforo, bem perto dela, opa de novo porque apagou, eita esse vento, agora vai! A cada fósforo a distância encurtava. Quatro riscadas e um corpo desconhecido quase grudado ao seu por um cigarro aceso. Assim que a brasa firmou, virou de uma vez o copo de café queimando a garganta e caminhou pra longe do bar. Caminhou duas quadras até se dar conta de que

estava indo na direção contrária a que deveria.

Chega à entrada do metrô central que está sempre fedendo a mijó. Desce pelas escadas comuns, acha estranho andar numa escada rolante, as pessoas se abandonam inertes nos degraus e permitem que o mecanismo transforme seus tempos individuais numa marcha única. Passa a catraca usando o cartão falso de estudante que uma amiga descolou para que Ana pudesse frequentar mais o cinema sem ter que vender um rim. Respira fundo quando chega à plataforma. Horário de pico. Prende bem o lenço envolta dos ombros, aperta o nó da camisa amarrada à cintura, encaixa a bolsa à frente do corpo na altura do sexo. Pode não acontecer nada, mas ninguém esquece a dificuldade que é tirar porra seca de uma calça jeans. Ana se pergunta com frequência como é possível ainda sentir atração por homens.

O trem aparece no túnel e as pessoas começam a se amontoar esfregando os corpos sem pudor, mas evitando sempre o contato visual. Talvez,

se por descuido, se olhassem nos olhos umas das outras em meio a toda essa fricção não resistiriam à tentação de consumirem ali mesmo o desejo de uma orgia pública as dez da manhã. A porta se abre e Ana rapidamente costura a multidão para conseguir um assento vago. Sente-se mais protegida com a bunda presa à cadeira. Percebe que a mulher à sua frente tem nos braços um bebê e não conseguiu um lugar para se sentar. Ao lado da mãe um garotão de vinte e poucos anos finge uma soneca confortável no assento preferencial. Ana cede seu lugar. Em pé, gruda-se à porta de saída, fecha os olhos e divaga sobre possíveis construções narrativas do texto que precisa entregar até a manhã seguinte. Por que sempre procrastina tanto até que se torna complexo um trabalho tão banal? Está a caminho do seu campo de pesquisa da vez. Poderia usar a imaginação e algumas navegadas na internet para se situar no tema e concluir a demanda sem grande esforço, mas ela tem um prazer voyeurístico. Investiga a fundo mesmo que no lugar do seu nome apareça outra assinatura, geralmente a de algum pseudoescritor/jornalista/blogueiro ou ainda a de um estudante mimado que pode desembolsar uma grana pra não perder tempo com essa coisa de faculdade. Ela não gosta de generalizações, mas geralmente são homens que a contratam. Não se importa muito com a autoria roubada em troca de um pagamento irrisório, gosta de não precisar bater ponto ou se submeter a qualquer hierarquia.

Eles aceitam de bom grado e sem reclamar tudo o que ela envia. Sabem que não têm capacidade para fazer sequer uma correção. Seu único arrependimento foi um dia ter escrito sobre violência contra a mulher para um blog de um cara que se intitula feminista. E ele ainda pechinhou.

Ana é içada de volta ao tempo presente pela voz feminina que anuncia as estações. Percebe de repente que é a sua parada e consegue atravessar o vão já quase inexistente da porta de saída. Chegou no bairro mais

recentemente gentrificado da cidade. Foi contratada para elencar os bares e restaurantes imperdíveis por sua originalidade e inovação. Ela riu sozinha desejando entregar uma análise sociopolítica de esquerda sobre o fato de que a maior façanha de tais estabelecimentos é fazer comida ruim virar moda. Caminhou até encontrar um boteco pequeno e velho, não era intimista e antigo, era pequeno, velho e cheirava a água sanitária. Ali dava pra almoçar um x-salada e ainda pedir uma porção de fritas, tudo pelo preço de um café do restaurante em frente. Ali ela podia fumar sentada à mesa e observar confortavelmente o vai e vem afetado. Minutos. Horas. Nada se altera efetivamente. Um bairro inteiro enfiado numa grande escada rolante. Não há muito mais o que aprofundar na pesquisa então Ana decide ir embora.

Levanta-se e faz menção de atravessar a rua quando um arrepio lhe congela a espinha. Sente o estômago embrulhar. Sente a respiração ofegante. Sente a visão embaçada. É ele! Não, não é... É sim! Do outro lado da rua ele passa caminhando tranquilo de mãos dadas com uma mulher que dá uma gargalhada solta seguida de um beijo em seu rosto. Só pode ser ele. Tem o mesmo jeito de acarinhar a cintura, de mexer no cabelo, de se mostrar o cara mais amável e desconstruído.

SAI! Ana empurra o corpo dele pra longe do seu. Ele volta, rindo. SAI! Ana tenta empurrar de novo, mas por alguma razão perdeu a força nos braços, como se seu próprio corpo a traísse. Sai! Tenta gritar mais uma vez e não tem ar suficiente para empurrar o som. Sai... Ana deseja desaparecer.

SAAAAAI! Ana está gritando no meio da rua enquanto um carro buzina incessantemente para que ela saia da frente. Ana sente as pernas

encharcadas, olha e vê sua calça manchada de sangue. Volta a cabeça e ele não está mais lá. A rua inteira a observa como a um animal silvestre que invadiu um espaço civilizado. Ela não se incomoda, não há constrangimento algum em seu corpo. Pela primeira vez, em muito tempo, ela se sente segura.

Naquela noite, ela voltou para casa e dormiu com o sangue seco cravado na pele feito uma armadura. Não teve pesadelos. Acordou na manhã seguinte sem dor e com o canto da boca esboçando um sorriso. Naquela manhã, fez seu próprio pão na chapa, jogou chocolate no café e ainda bateu um suco de laranja pra acompanhar. Esqueceu de fumar.

Juliana Lourenção



Juliana Lourenção é atriz e escritora. Formada pela Escola de Arte Dramática da USP, sua carreira se diversifica entre importantes trabalhos no cinema, teatro e televisão. Em 2025, lançou seu primeiro romance autoral, o livro “Carne Viva”.



ODIADA

Sonhava em entrar no Facebook da odiada. Queria ver as curtidas, os comentários, as fotografias. Babava-se cada vez que pensava nas fotos dos eventos, das festinhas, das viagens, da formatura, do interior da residência da odiada. Certo dia, conseguiu invadir a rede social da odiada. Conheceria os amigos, os lugares que ela frequentava. Entrou. Olhos fixos, sem piscar, sentou-se lentamente, sem saber onde se sentava. Conheceria melhor a odiada: ela, sempre discreta. Uma publicação, poucas curtidas, um comentário indiferente. Mais uma, duas, três publicações. A foto de uma flor. Ampliou-a. Somente grama, muro e calçada. Nada, nem um pedacinho da parte de dentro da casa. Outra publicação, mais uma. Uma fotografia, algumas curtidas, alguns comentários. Não queria olhar a foto, mas olhava. Tentava se convencer de que queria encontrar um defeito. Talvez o nariz achatado ou pontudo, uma espinha no rosto, uma mancha, um sinal. Nada. Longos, lisos e castanhos cabelos. Sem química, sem tinta, sem alisamento. Brilhava a odiada — talvez usasse filtro. Queria ampliar a foto para ter certeza de que naquela pele e naqueles cabelos havia filtro. Quis ampliar para confirmar o efeito, mas achou que se arrependeria. Primeiro comentário: "Que linda!" Inflou-se. Comentário seguinte: "*Maravilhosa!*" Inchou-se. Decidiu que não olharia mais fotos em que aparecesse o rosto da odiada. Dedos correndo sobre a tela do celular, um frenesi. Mais algumas publicações. "*Cadê as fotografias dos passeios na praia?*", perguntava-se. Levantou-se rapidamente, orelhas vermelhas, suava. Um choro preso no peito... Decepcionada, amargurada, disse: — *Só fotos de gatinhos!*

Então, a odiada — não se sabe como — descobriu que tinha uma fiel seguidora. Uma amiga, uma fã. Soube que havia decepcionado sua "seguidora", pois escassa era a quantidade de fotos na rede social. Resolveu dar

à fã o que ela queria. Queria fotos de eventos? Deu-lhe fotos dos eventos. Queria fotos de viagens? Deu-lhe fotos das viagens. Deixou as melhores fotos no modo público, assim sua seguidora fiel não precisaria mais entrar sem ser convidada no seu Face.

Em pequenas doses semanais, às vezes quinzenais, a odiada fazia questão de publicar algo que não fosse apenas de gatinhos. Esse remédio virtual matava a "curiosidade" da fã, mas também a deixava um pouco incomodada. Se a odiada cortava o cabelo, postava foto. Sem revelar, revelando, deixava sempre um ponto a ser ampliado pela "seguidora querida". Muitas selfies com fundos misteriosos. A odiada nunca esquecia de passar um batom, pois os amigos não se importam com a cara lavada de ninguém, mas as discípulas...

Na seguidora, doía o estômago. Chorava por dentro a cada foto publicada. Agora, não havia só uma foto de flor, mas a flor e sua dona. O interior da casa continuava sem aparecer. Afinal, a odiada não era de se mostrar. Achava desnecessário apresentar sua intimidade na rede. O mesmo acontecia com as fotos da praia: tirava fotos do rosto, não do corpo. Bem que podia, era bem delineada, mas não se exporia para agradar uma tiete. Por sua vez, a seguidora não gostava quando na legenda da foto havia um trecho de poema ou música. Enciumava-se com os gostos da odiada.

Mas teve uma vez que a odiada feriu sua fã. Postou uma foto dela com o marido. O que tinha a foto? Você deve estar se perguntando, leitor. Nada de mais. Apenas um homem e uma mulher, casados há anos, sem filhos e bem resolvidos. Neste dia, a seguidora sofreu. Talvez porque não vivesse um relacionamento verdadeiro, ou porque sua relação com o cônjuge não era tão feliz. Pode ser que vivessem de aparências, ou que ele fosse o dono da casa e, separando-se, ela não teria para onde ir. O motivo do sofrimento, somente a fã poderia explicar. A nós, resta tentar compreender esse ser desgarrado.

Houve outro momento de dor — eu diria mais que dor, sofrimento intenso. Neste dia, a odiada merecia ser odiada. Acreditem ou não, postou uma foto maquiada e bem-vestida, de corpo inteiro. E, para satisfazer sua admiradora, ainda colocou localização. Foto maquiada, mais roupa, mais corpo inteiro, mais fundo de evento, mais localização do evento, mais

f e l i c i d a d e.

A devotada tremia. Tremeu o dia inteiro. Não esquecia. Entrava e saía do Facebook. O humor, descontrolado. Tentou assistir à televisão, mas não conseguiu se concentrar. Na hora de dormir, o corpo todo pulsava e os olhos lacrimejavam. E as doses virtuais vinham assim: sem dia ou hora certa. Quando menos se esperava — pronto — lá estava mais uma publicação.

A odiada começou a se preocupar. Não que tivesse medo, não. Era a preocupação de que ocorresse com ela — a odiada — o mesmo que aconteceu com John Lennon, com Selena Quintanilla, com tantos artistas mortos ou feridos por fãs fanáticos. Passou a suspeitar que estava sendo vigiada, mas não mais por uma tela. Sentia-se observada no mundo real. Toda vez que saía no portão de sua casa, sentia olhos que a seguiam. Olhos que analisavam seus cabelos, seu perfil. Estavam no prédio da faculdade, entre os colegas da estudante. Estavam na rua, entre os vizinhos. Estavam em todo lugar.

Os olhos pairavam sobre a casa da odiada como nuvens densas, pesados olhos. Quando saía para o pátio, olhava para o alto — e os olhos grandes estavam lá. Às vezes negros, às vezes vermelhos, às vezes descoloridos. Não, a odiada não tinha medo, querido leitor. Por quê? Não se sabe. Sabe-se que, nos domingos de verão, quando alguns amigos chegavam para assar uma carne e conversar, havia grande silêncio na casa ao lado. Alguém de olhos fechados, sentado na salinha, no silêncio proposital, de

frente para a televisão — desligada ou no mudo. Nestes domingos de churrasco, os olhos viravam ouvidos.

Atentos ouvidos, que ultrapassavam janelas, paredes, muros, a hera... voavam pelo pátio. Ouvia-se vozes: ora da odiada, ora de uma criança, ora de homens. Risadas, conversas, vozes decifradas. Amigos de sempre ou recentes. Bebiam água, vinho, refrigerante, chimarrão — era o que os ouvidos deduziam. O ouvido mais atento percebia que as vozes masculinas vinham da churrasqueira. Já as falas femininas... O ouvido ouve e não vê, mas é como se visse. Apontava para uma mesa grande na varanda, rodeada de mulheres, amigas. Jogavam cartas. Iniciavam às 13h e iam noite adentro. Ninguém fumava. A bebida alcoólica era moderada. Todos estavam ali para aproveitar o domingo.

Os ouvidos entravam na cozinha. Paravam para ouvir o bater da louça sendo lavada, secada, guardada. Um ranger de dentes agora vinha quando alguns amigos chegavam mais tarde, e a frente da casa virava estacionamento. Aqueles eram amigos de verdade, de anos. Ninguém os separaria. Olhos, ouvidos e estômago só paravam quando a odiada e o marido pegavam no sono. Mas um dia, sem sentir os olhos grandes e os ouvidos atentos, a odiada postou A FOTO.

Depois que soube da existência de fãs, começou a se cuidar mais. Não queria decepcionar seu público. Comprou uma bela caneta dourada de ponta fina. Usaria num dia especial. E certo dia — nem olhos, nem ouvidos sabiam — a odiada se vestiu bem. Calçou sapatinhos de salto baixo, colocou calça jeans (tamanho 36), uma blusinha básica, bolsa preta transpassada. Brincos longos e discretos, batom rosado, cabelos jogados para o lado, óculos estilo gatinha... saiu a odiada. Para onde iria? — pensariam olhos e ouvidos. Era um dia comum, uma hora banal. Depois de 4 ou 5 horas... a foto.

Sim, A FOTO. Na verdade, A PUBLICAÇÃO, acompanhada não de uma, mas de duas fotografias. Desliza devagar, a publicação começa a surgir. A odiada está se sentindo muito feliz — é o que diz a dona da rede social. Sobe mais um pouco... surgem as duas fotos. À direita, uma mesa, uma mão de unhas bem pintadas, uma caneta dourada e uma folha de papel. À esquerda, a odiada em pé, sorridente para o fotógrafo. Desce a legenda:

“Enfim concursada, uhuuuuu!!!”

A seguidora, fã, discípula, tiete, admiradora... não via, não ouvia. Murmurava:

— Não, não, não... e eu? E eu? Não merece... Como consegue? E eu? Quando?

Fica quieta. Não...

Chorava — aquela que se inspirava nas vilãs das telenovelas globais. Chorava baixo, em silêncio. Prendia o choro. A pobre Carminha. Soluçava, a Nazaré. Chorava. Morria por dentro. Desfigurava-se. Disfarçava quando alguém chegava. Mas quem via, percebia. Chorava pelo ídolo. Choraminhava por ela mesma. Chorava. Murmurava.

Michele Dombkowsch



Michele Dombkowitsch é gaúcha, professora na rede pública de ensino, formada em Letras Português/Espanhol e mestra em História da Literatura pela FURG.



SOBRE TORTAS E FORMIGAS

Por anos da nossa infância, minha mãe levou a mim e a minha irmã para comer torta em um pequeno estabelecimento em Penedo-RJ. A dona se chamava Débora. As deliciosas tortas da Débora. Foi lá que descobri a torta alemã - que, na verdade, é brasileira. Era a nossa favorita, com suas finas camadas de biscoito, creme branco e ganache de chocolate de cobertura. Jamais comi uma torta como aquela, porque ainda que eu tenha comido muitas tortas deliciosas ao longo da vida, nenhuma tinha aquele mesmo sabor de descoberta. Minha madeleine.

Também foi lá, no balcão daquele café, que decidi, quando tinha não mais que 7 anos, que as melhores pessoas são aquelas que desviam de seu caminho para não pisotear formigas. Isso aconteceu porque, certo dia, um senhor, viúvo há pouco tempo, entrou lamentando e chorando a perda de sua esposa, a quem tanto amava. Ele dizia: "ela foi a melhor pessoa que conheci, nunca pisava em formigas, ela mudava de lado para que elas seguissem seu caminho". Ele falou tantas outras coisas, mas foi essa a que me marcou. Talvez porque eu amasse o filme Vida de Inseto (1998). Talvez porque sempre tenha me espantado o quão pequeninhas eram as formigas frente a mim, que também era pequena em comparação aos adultos. Aquilo era muito singelo. O resultado foi que achei minha irmã o ser mais monstruoso do mundo quando ela matou uma formiga de propósito, para me provocar. Preparei um sepultamento com pedrinhas e folhas ao redor do corpinho esmagado. Estava aos prantos, minha irmã gargalhava. Tudo muito dramático e sentimental.

Posso dizer que aquilo foi o mais perto que cheguei de um enterro até os 18 anos, pois por muito tempo tive medo de cemitérios, e mesmo em

velórios, eu não gostava de ver o morto no caixão, então nunca ia até ele. Além disso, tive a sorte de não perder pessoas próximas durante aqueles anos, só muito depois. Era um medo que me assombrava. Eu comecei a realizar o que era a morte por volta da mesma época em que íamos comer torta alemã em Penedo. Lembro-me de passar um mês rezando, pedindo que todas as pessoas que eu amasse morressem ao mesmo tempo, pois não queria lidar com a dor da ausência como aquele senhor. Mas se as coisas funcionassem assim com todos, eu jamais teria desenvolvido minha paixão por formigas e seres miúdos.

Honestamente, não sei como um texto sobre tortas cremosas ficou tão fúnebre de repente, ou o que as formigas tem a ver com isso. Apesar de que formigas gostam de doces e de cavoucar a terra... Na verdade, tudo começou porque outro dia lembrei do quanto eu amava a torta alemã da Débora, e então lembrei daquele homem e do quanto ele amava sua esposa, e pensei no momento em que esses dois amores se encontraram na mesma hora e lugar, numa coincidência que me fez tomar uma decisão importantíssima sobre o caráter humano. As coisas são apenas elas mesmas e, ainda assim, são tantas outras coisas.

Nathalia Pereira Jardim



Nathalia Pereira Jardim é uma escritora, tradutora e revisora literária nascida no Rio de Janeiro. Bacharel em Defesa e Gestão Estratégica Internacional pela UFRJ, completará em 2025 sua segunda graduação em Letras (Português-Inglês), pela mesma instituição. Seu trabalho pode ser encontrado em publicações internacionais como a *World Literature Today*, *Volume Magazine* e *Stephen Spender Trust*, bem como editoras brasileiras como a *Escreva* e *Ayvu*. Para conhecer mais seu trabalho, visite seu site nathaliapjardim.com.



@ANA.CAFECOMLEITE

Em um de seus dias mais tediosos, Ana decidiu assistir a uma palestra pelo YouTube. Bem, devo dizer que, em geral, ela não era exatamente o tipo de pessoa que consome conteúdo motivacional. Mas, sabe-se lá por quê, o algoritmo resolveu recomendar justamente isso. Entre os temas abordados pela oradora — que discursava com uma articulação invejável — estavam crise da meia-idade, transição de carreira e outras chatices da vida adulta.

O assunto fluía normalmente na transmissão, até que, de repente, a palestrante soltou a expressão “café com leite” para se referir a si mesma. Ana deixou escapar um “opa!” ao ser surpreendida. Aquilo era um estereótipo? Uma metáfora? Um adjetivo? Teve a impressão de que soava até pejorativo. Será que havia compreendido bem?

Até então, “café” era apenas “café”, simples assim. Inclusive, Ana estava bebericando um cappuccino delicioso feito em casa enquanto rolava o feed no celular com o polegar. A receita, claro, viera de um vídeo aleatório da internet. Ah, a internet! A tecnologia é mesmo revolucionária, não é mesmo?

Desde então, aquele questionamento passou a morar em sua cabecinha criativa como uma pulguinha atrás da orelha — sabe? “Café com leite” significava o quê, afinal? Sem graça? Sem sal? Pior ainda: será que ela se encaixava nessa categoria?

Após uma pesquisa minuciosa no Google, para seu total desespero, seu lado analítico sinalizou que sim — era provável que fosse do time “pingado”. Por sorte, ser introvertida, fleumática ou de humanas ainda não era crime. Ufa! Às vezes, tentava se esquivar de si mesma, da verdade de que gostava de filosofar.

Deixando o celular de lado, tomada por uma dor repentina, foi a vez da Alexa entrar em ação:

— Alexa, por favor, sugira um profissional da área de odontologia que atenda na região.

Em meio às abas abertas em sua mente, ela substituiu “café com leite” por “consulta ao dentista”, numa tentativa frustrada de ser racional por um instante. Agendar o atendimento agora era questão de um clique. A dor latente no dente, curiosamente, a lembrava de que ainda estava viva.

Após a consulta, o dentista soltou algo que soava como um elogio. Desde quando alguém merece reconhecimento por ser forte? Percebeu que esse tipo de enaltecimento era recorrente. Que não se atrevia a protestar — nem contra as autoridades responsáveis pelas mudanças climáticas, nem contra o incômodo quando a manicure empurrava sua cutícula com força. Tampouco reclamava ao ser espremida no elevador do prédio no centro da cidade, ou ao enfrentar o transporte público lotado — ou ainda, enquanto ouvia o motorista de aplicativo falar sem parar, como se participasse de um diálogo que, na verdade, era apenas uma espécie de monólogo. No fundo, pensava: do que adiantaria reclamar de qualquer tipo de tratamento dentário? Comparada à dor que sentia, qualquer procedimento seria “fichinha”.

Notou que não impunha limites em seu relacionamento amoroso, que não se queixava dos maus-tratos. As ofensas haviam se tornado comuns. A violência, ainda que não física, estava ali, entranhada na rotina — disfarçada em palavras rudes que feriam sua integridade como se fossem eventos banais.

Talvez sua infinita capacidade de suportar fizesse com que se sabotasse sem perceber.

No fim das contas, Ana refletiu e constatou — com um certo espanto — o quão frágil é a vida. E, paradoxalmente, também percebeu que, embora se enxergasse como alguém vulnerável, era, na essência, uma fortaleza: resistia, insistia em seguir, mesmo quando tudo pesava demais. Mas, no fundo, ela não queria ser tão forte assim. Não por obrigação. Não por ter aprendido a suportar o que nunca deveria ter suportado. Havia algo de profundamente injusto nisso — consigo mesma, sobretudo. Ainda assim, persistia. Talvez por teimosia. Talvez por esperança. Talvez por um pouco dos dois. Mas vivia. E isso, por si só, já era um ato de coragem.

Sandra Tavares



Gaúcha e sagitariana, Sandra Tavares escreve pelos cotovelos e canta sempre que encontra oportunidade — geralmente no chuveiro. Apaixonada pela arte, considera-se uma conhecedora dos conflitos da alma humana e acredita que absolutamente qualquer coisa pode ser um pretexto para escrever. É casada, mãe de uma menina encantadora de cinco anos e acadêmica de Letras pela Universidade La Salle, em Canoas (RS). Trinta e quatro dezembros lhe trouxeram uma maturidade desprovida de juízo — o que, felizmente, ainda lhe permite fantasiar como uma menina sonhadora. Entre suas incontáveis paixões e aspirações, a escrita se destaca. Ou quase

sempre. Na verdade, tudo depende da posição dos astros, já que é de fases: ora música, ora literatura. Essa alternância se justifica pela ideia de que a ordem dos fatores não altera o produto — ainda que ela não entenda bulhufas de exatas, já que é dona de um coração profundamente humano. Independentemente de qualquer coisa, é ela quem dita sua própria lei, sendo sempre fiel ao seu coração, na certeza de que “Aquilo que se faz por amor está acima do bem e do mal.” — Friedrich Nietzsche. Contato: @eusandratavaress | eutavaressandra@gmail.com.



LOBISOMEM EXISTE, SIM!

Meu avô era uma figura ímpar, baiano, criativo, nascido em mil novecentos e nada. Seu nome era Elias, tocava sanfona nos bailes da roça. Magrinho, posudo, vivia de camisa e terno, quando os grisalhos começavam a despontar, ele logo tacava graxa preta no cabelo. Vivia mascando fumo de corda, era engraçado, divertido e mesmo com tanta idade ainda dava trabalho pra minha avó porque não podia ver um rabo de saia. Tinha uma veia artística, além de tocar, gostava de contar anedotas e vivia contando histórias de se duvidar.

Uma vez me garantiu que lobisOMEM existe sim. E contou que na vila onde morava, quando era noite de lua cheia, ouviam uivos como de lobo madrugada adentro. No dia seguinte, sempre se achava a carcaça de uma cria, um bezerro ou uma galinha. Por isso os moradores armavam arapucas pra tentar proteger a criação quando a lua mudava. Daí, com a dificuldade, a criatura teve que mudar o cardápio.

A vila era de gente pobre, todas as casas eram feitas de taipa e os fogões à lenha, onde as refeições eram preparadas. Geralmente o fogão ficava junto a uma das paredes em que se abria um buraco no barro pra fumaça do fogo escapar e não intoxicar quem ali morava.

Um dos seus compadres, por nome Lau, era pescador e assava os peixes à noite, enquanto dormia, aproveitando o calor da brasa que só esfriava no raiar do dia. Pois bem, toda noite deixava os peixes no calor da brasa pra comer no dia seguinte, era sua primeira refeição antes de voltar

pra lida. Botava 3 ou 4 mas começou a reparar que, em noite de lua cheia, quando acordava sempre dava falta de 1 ou 2. Morava só e por isso ficou desconfiado, achando que era a criatura que andava rondando sua casa para lhe roubar os peixes.

Sem contar nada a ninguém resolveu tirar a limpo, ficou acordado, de tocaia, pra desvendar o mistério. Acendeu o fogo, botou os peixes e apagou o candeeiro pra fingir que dormia, pegou a peixeira e ficou no escuro à espreita. Lá pelas tantas, escutou um barulho perto do fogão, pegou o lampião, alumiou o buraco na parede. Viu uma mão, como de homem, tateando em busca do peixe, mas a mão era enorme e tão peluda, que nunca viu igual, no lugar das unhas tinha garras grandes e afiadas, pretas e sujas como de cavar o chão.

Ficou apavorado, mas criou coragem e com a peixeira amolada, golpeou perto do pulso, ouviu um grunhido como de lobo do lado de fora e escutou a criatura fugindo, grunhindo de dor. Saiu pra ver, mas o bicho sumiu no meio do mato, na escuridão. Voltou pra dentro e apanhou a mão que caiu por detrás do fogão, enrolou num pano, guardou e foi dormir ansioso pra contar sua façanha pra aquela gente que lá morava.

De manhã, correu pra casa de seu compadre mais chegado, com a garra enrolada no pano. E qual não foi sua surpresa, quando o encontrou com a mão decepada. Ficou tão escabreado que não teve coragem de abrir a boca. Sentiu medo e culpa pelo amigo tão querido. Saiu sem dizer nada. Desenxabido, colocou a mão dentro de um vidro cheio de cachaça e guardou num baú escondido debaixo da cama.

-Ué vô, como o senhor sabe, se ele não contou pra ninguém? Perguntei.

-O compadre Lau continuou assando os peixes toda a noite e os peixes continuaram sumindo na lua cheia, como antes, ele até colocava uns a mais pra dividir com a criatura. Até que um dia seu Raimundo passou desta pra melhor. Morreu de morte morrida. Um dia, a gente foi pescar juntos eu e Lau, bebemos muita garapa e cada um confessou um segredo cabeludo, daí ele contou essa história. Eu duvidei, então ele me levou na casa dele, abriu o baú e tirou o vidro me mostrando aquela mão preta e cabeluda com as garras afiadas. Foi a coisa mais apavorante que já vi. Juro pela minha mãe que tá no céu.

-Tá certo. E qual o segredo que o senhor contou pra ele?

-Vixi, conto nada menina, vou levar pro túmulo. Mas se um dia alguém trazer aquela garapa boa que era feita lá no engenho, aí não há segredo que perjure.

Tania Amaral



Tania Amaral é professora, Pesquisadora, poetisa e escritora. Além de livros acadêmicos publicados na área da educação participou de diversas Coletâneas de poemas e contos. Instagram: [taniaamar1](#) | Facebook: Tania Amaral.



FOLCLORE BRASILEIRO

A MÃE D'ÁGUA – A CONHECIDA E AMADA CABOCLA IARA

Uma das maiores riquezas culturais do Brasil, são os nossos Folclores, histórias que vem de longe, mistérios que a ciência tenta explicar, e que tantas vezes são reais e verdadeiras, apenas contadas de formas e linguagens diferentes, pois a cultura de cada estado brasileiro, se diferencia mediante os costumes do seu povo.

É notório lembrar que esses fenômenos sobrenaturais, são histórias contadas pelos sertanejos que vivem e dividem as matas, os rios, mares e estradas, com os personagens descritos no nosso Folclore, pois é na natureza que esses fenômenos acontecem, envolvendo os habitantes e visitantes destes locais de aparições sobrenaturais.

A personagem da nossa narrativa é a IARA ou MAE D'ÁGUA, é uma mulher que vive sobre os rios e que também vive na terra, ela aparece sempre, metade mulher, metade peixe, é uma índia de uma beleza estonteante, a sua voz é encantadora, hipnotiza quem a ouve cantar, tão bela e suave é o seu canto, os pescadores a segue pelos leitos dos rios, e desaparecem como por encanto, não sendo mais vistos, e nem os seus corpos encontrados, diz a lenda que existem cidades abaixo das águas e ela os levam para essas cidades encantadas.

Os indígenas relatam que ela era filha de um sábio pajé, sua beleza era incomum, o seu pai a trancava porque as mulheres de todas as tribos vizinhas a odiava, diante de sua formosura e que a mesma tinha uma voz

que fazia homens e animais parar para ouvi-la cantar. O pai sempre lastimava e dizia que beleza demais, muitas vezes é um castigo, sua filha tão inocente, e por ser tão bela era rejeitada por seus próprios irmãos.

Os seus irmãos, enciumados e com inveja de sua beleza, planejaram matá-la, combinaram que a levaria para o rio, iriam afogá-la, e assim ficariam livres dela. O plano parecia perfeito, era um fim de tarde, eles foram para o rio, é hábito das tribos nos fins das tardes, ir tomar banho e apanhar água do rio para abastecer as Ocas.

Os quatro irmãos de Iara, arrastaram-na para o fundo das águas mergulhando-a, e amarrando os seus pés e mãos com cipós, assim ela não teria como nadar e morreria afogada. Eles ficaram o tempo suficiente aguardando para retirarem o seu corpo morto e chamar todos da tribo para comunicar que ela se afogou sem que eles tivessem notado, que ela se afastou muito deles e quando a encontraram já estava morta.

Para a grande surpresa dos irmãos, quando mergulharam para retirá-la da armadilha dos cipós, não encontraram o seu corpo e se desesperaram procurando-a por toda parte, toda tribo se juntou a eles e nada do corpo de Iara, o seu pai que era o Pajé, fez vários encantamentos que mostram onde se encontram os corpos dos afogados, dias e dias e nenhum vestígio de Iara.

Seu pai desesperado, invocava os espíritos dos seus ancestrais, precisava saber o que aconteceu a sua filha, e aí veio a grande revelação, Iara estava viva, mas não retornaria ao convívio com eles na tribo, o soberano dos reinos das águas doces, encantou-se com Iara e a salvou da morte e da crueldade dos seus irmãos, ali ela se encantou como um espírito das águas doces, ele deu a ela soberania sobre aquelas terras e a transformou em uma mãe d'água, viveria nas águas e poderia andar sobre a terra como uma índia, sua função seria cuidar dos rios e das matas, teria soberania sobre todos os povos das águas doces. E assim ela começou aparecer nas margens

dos rios cantando e atraindo pescadores que a acompanhava para o reino dos encantados.

Nas noites enluaradas ela sai das águas e vai colher frutas nas matas e nas redondezas, se encontrar um animal ou alguém precisando de ajuda ela os trata, deixando-os em segurança, também salva pessoas que estão se afogando nos rios.

Conta-se que um fazendeiro, estava com uma plantação de melancias maduras nas proximidades do rio, e todos os dias cedinho ele chegava a sua plantação e percebia que estava faltando muitas melancias, ele resolveu passar a noite na sua roça de melancia para pegar o ladrão, era madrugada, a lua iluminava tudo, ele avistou um vulto que entrou abaixado e colhendo melancias em uma rede de pescador, ele ajudado por dois amigos, avançaram sobre o ladrão, o prendendo dentro de uma jaula, nem perceberam a aparência do ladrão, o importante é que estava preso, trancaram a jaula e ficaram esperando clarear o dia, assim iriam desmascarar o ladrão de frutas das redondezas, levaria ele e mostraria para todos os moradores que tiveram suas roças roubadas. Juntos decidiriam o que fazer com ele.

Assim que os primeiros raios surgiram, foram até a jaula, e quando abriram a porta tomaram o maior susto, ali estava uma bela índia de cabelos negros e olhos cor de mel, notaram que ela não tinha pernas, mas uma cauda de peixe, dos seus seios escorria leite e grossas lágrimas desciam dos seus olhos.

Um dos homens exclamou: É a “Mãe D’água”!

O que faremos?

Reparem que ela deve estar com filhos pequenos e amamentando! Temos que soltá-la para voltar ao rio, vamos ajudá-la a levar as melancias, com certeza deve ser para se alimentar seus filhos. Ela parecia ofegante, respirando com dificuldade, tremia, não de frio, era de medo.

O fazendeiro colocou a rede que servia de embalagem a frente da jaula e abriu com cuidado dizendo: vai mulher cuidar dos seus filhos, não tenha medo, não iremos lhe fazer mal! Nós vamos ajudá-la a cuidar dos seus filhos, vamos começar a colocar na beirada do rio melancias e outras coisas para você levar para os teus filhos, pode vim buscar, lhe asseguro que nas minhas terras ninguém tocará em você.

Ela entendeu o que ele falou, pois fez gestos de agradecimentos, levantou-se com dificuldade, um dos homens pegou as melancias e a seguiu até as margens do rio, ela fez gestos de agradecimentos e mergulhou nas águas claras do rio, desaparecendo rapidamente, levando as melancias.

A partir daquele dia, naquele local, nas noites enluaradas, muitas pessoas traziam frutas, doces, pentes, perfumes, espelhos, perfumes, e etc. ficavam escondidos esperando para vê-la emergindo das águas, era linda e vinha sempre cantando, recolhia os presentes e mergulhava nas águas acenando com a cauda. O fazendeiro permitia a entrada de quem quisesse trazer oferendas para IARA, desde que não fosse molestá-la.

Logo começou uma procissão de pessoas de todos os povoados, nascia uma nova cultura local, levavam presentes a Mãe D'água e faziam pedidos a ela, e sua fama crescia diante dos milagres que muita gente dizia ter recebido. Os pescadores, levavam estes presentes em seus barcos de pesca até o Talvegue do rio onde colocavam as oferendas para Mãe D'água.

As histórias começaram a se espalharem pelas redondezas, mulheres que queriam engravidar ofertava a ela, um doce feito com tapioca, leite de coco e açúcar, bebidas doces, mel, e com muita fé entravam nas águas do rio se banhavam, logo engravidavam, e muitos outros milagres, relatados pelo povo, envolvendo especialmente crianças que se curavam e logo ela passou a ser chamada a MÃE D'ÁGUA, a mãe da cura, do amor da bondade.

E essa é uma das histórias contadas sobre a bela Iara, que nascida na mata foi condenada por ser bela, hoje vive nas águas e tem o seu reino encantado, sendo muita solicitada especialmente pelas mulheres, da IARA filha do Pajé, vieram às caboclas IARA, suas filhas, elas aparecem nos rios e matas de norte a sul do Brasil, tão belas quanto sua mãe.

E nos mares temos a mãe Sereia das águas salgadas, esta vive sobre a proteção de Netuno o rei dos mares, e que cada oceano tem suas Sereias, loiras, negras, ruivas morenas, todas elas belas e encantadoras, e como a Mãe D'água tem suas histórias de sofrimento, uma bela Sereia até ser recolhida pelo Soberano dos mares, recebendo o sopro da vida marítima doada por Netuno, também tem sua história de dor, e como aconteceu com Iara, também com a grande Sereia, que foi uma princesa, filha de um grande Soberano, esta teve filhas e sua família cresceu e povoa todos os mares. Segundo a lenda elas habitam em várias cidades construídas no fundo dos mares, moram em palacetes de ouro, estas ajudam aos navegadores dos mares, os ajudando nas travessias perigosas, os marinheiros precisam tomar muitos cuidados pois eles perdem a noção da terra, do céu e das águas, se encontrar uma sereia, tamanha é sua beleza, doçura e o seu canto que hipnotiza. Há dezenas de histórias relatadas por velhos e experientes marinheiros que muitas vezes em alto mar, precisam trancar os marujos enlouquecidos, querem se atirar nas águas para acompanharem a bela moça, dizem que ela os convidam para segui-la, hipnotizando eles com o seu canto e sorriso, tem que prende-los até que voltem à razão.

As histórias e lendas das Sereias variam, pois cada continente tem suas culturas, e o comportamento das Sereias está ligado a cultura dos mares que ligam os oceanos.

Saudações as todas as MÃES D'AGUA, cada rio tem sua mãe, na mata ela é IARA.

Saudações as MÃES SEREIAS, cada mar, tem sua mãe, ela é a rainha das águas.

Maria Nazareth Doria



Sou jornalista e escritora, tenho 21 livros publicados, 6 deles traduzidos em espanhol, acumulei muitos prêmios e títulos, sou vencedora de alguns concursos literários, contos e poesias, inclusive um na cidade do Panamá, recentemente recebi a Medalha Cinquentenária da ABFIP- Associação Brasileira das Forças Internacionais da Paz, prêmio NOBEL da Paz de 1988 a 2002, essa medalha é outorgada pela ONU. Apresentei por 3 anos consecutivos o programa RAIZES INDÍGENAS (sou descendente indígena).



BADERNA

Todo ser humano chega neste mundo com um Deus instalado dentro de si. Alguns trazem de nascença um vigor predominantemente solar que ilumina e aquece as pessoas com as quais estejam em contato. Outros padecem anos lutando contra alguma antipática predisposição ancorada incógnita no temperamento e por isso perdem um tempo considerável recuperando afetos perdidos nas sombras da vida. Há quem melhor alimente uma essência que percebe de forma mais poderosa a presença da beleza na natureza e, por necessidade intrínseca, a reproduz, a modifica ou a elabora obsessivamente em seus legados pela Terra. São energias que consomem a sua própria existência rastreando vias pelas quais consigam emergir do íntimo pessoal de cada um para a realidade mundana, com a obstinação de cumprir a missão para a qual foram geradas. Toda pessoa que conhecemos tem em si embutida alguma preponderância no sistema vetorial espiritual que manipula as linhas de seu próprio destino. Sim, é nisso que creio.

Marietta nasceu em 1828 na cidade de Castel San Giovanni, uma cidade portuária militar a meio caminho entre Florença e Gênova, com o Deus do Movimento embalando seus sonhos e seus passos pela Terra. Na escola, completamente irrequieta por natureza, foi sentenciada pelos deuses da Inveja a uma vida de fracassos nas letras e nas ciências, abandonada pela seriedade acadêmica e estigmatizada como endiabrada pelas nobilidonne do começo do século XIX. Logo foi afastada do convívio das scolarettes, que, a meu ver, não mereciam conviver com criatura tão abençoada.

Temos certamente um destino irrefreável a cumprir e, para isso, a sorte do Deus de Marietta arranhou que ela viesse a este mundo pela família de um médico-cirurgião. E este, ora vejam, filho de amantes do ar em

movimento, tinha dentro de si o Deus da Música. Este educou Antonio a reconhecer o verdadeiro destino de sua filha, maldosamente profetizado pela sociedade conservadora italiana da época como inútil e nocivo. Antonio era médico sim, mas nas horas vagas da profissão, as melhores horas de sua vida, permitia que sua interna divindade viesse a público soprada de dentro de uma clarineta. Logo o estudo apaixonado pela música o levou ao piano, executando peças de Bach e modinhas que ele mesmo compunha. Melhor dizendo, modinhas que a divindade criava e pouco a pouco entregava já domadas ao desembaraço de Antonio, expressas em símbolos flutuando sobre pentagramas comprados numa livraria antiga da Via Canova.

Foi num desses momentos extraordinários, nos quais o ânimo desarmado sobrepuja os artifícios da profissão formal, que Antonio compreendeu melhor a presença incontestável do Deus de Mariette. Convencido de que há caminhos pessoais que obedecem ao entrecruzar ancestral dos planetas, a colocou imediatamente numa escola de dança. E assim corrigiu o falso destino prolatado na sentença lavrada pelo preconceito, pois a Antonio cabia cumprir os desígnios do seu tempo e da sua humanidade. Ele não perdeu a oportunidade, outorgou à filha uma chance de demonstrar ao mundo a sua importância e sua infinita capacidade de amar o movimento e as pessoas transbordantes de cinesias.

Com menos de 16 anos, Marietta já começava a coreografar suas inquietações sobre os palcos italianos e não teria completado ainda duas décadas de vida quando Paris a viu sair das coxias indiferentes do Théâtre de la Porte Saint-Marti para uma calorosa aclamação pública, ou, como alguém diria na época: direto para o estrelato. Dançou sobre a alegria, sobre a tristeza, sobre o espanto e sobre a teimosia. E o fez sempre com tanto amor e entrega que o público se apaixonou pela luminosidade e pela gentileza que Marietta deixava atrás de cada Sauté, de cada Pirouette e de cada

Grand Jeté desferidos em cima do tablado e cujos rastros permaneciam na memória de cada espectador por semanas a fio, como um encantamento da alma que antídoto nenhum era capaz de diluir.

Aos vinte e seis anos, os ventos da providência empurraram as velas do navio de Marietta para um novo continente, atravessando o oceano e abençoando o império tropical com a presença das artes buliçosas da jovem ragazza. Ei-la agora performando seu natural alvoroço entre comadres brasileiras, lampeiras, frenéticas, turbulentas e desavisadas da potência muscular da novata italiana e seu socialismo utópico. Esmagadas pelo assombro, nunca haveriam de reconhecer elementos tão pouco protocolares e estupefações cênicas tão heterodoxas. Encontraram, nessa revolução de passos do ballet, vapores dionisiacos invadindo o território tradicional, burocrático, do que se conhecia como apolíneo. Marietta trouxe, para o repertório clássico, a dança nascida no improviso da alma, forjada no fascínio da confusão e turbulenta como a entidade que projetava o corpo dela em qualquer palco, seja na Europa ou seja no Brasil.

No último capítulo que nos interessa falar sobre a divindade de Marietta seria um verdadeiro crime não mencionar que Marietta saiu às ruas do Rio de Janeiro e nelas encontrou não apenas uma pessoa, não apenas um corpo de baile, mas encontrou todo um povo compartilhando o mesmo Deus do movimento. Marietta não sabia exatamente quem eram esses dançantes, mas seu ente interno compreendeu imediatamente que essas pessoas estavam amalgamadas com os mesmos processos energéticos da sua estrutura. Eram elaborados com a mesma magia, enfeitiçados pelo mesmo encantamento, contaminados pelo mesmo parasita. Marietta dançou com eles na rua, nas praças, nos celeiros, nos prédios e nos teatros, no

ontem e no amanhã, no interno e no externo, no consciente e no inconsciente. Marietta dançou porque é para isso que ela nasceu e foi por isso que ela teve que atravessar o Atlântico e aqui encontrar o outro pedaço da sua existência. Suas danças ultrapassaram todos os limites do pequeno alcance do conhecimento dos não-dançantes da época. Amaram, odiaram, rugiram, berraram, sofreram e se encantaram. Mas ninguém ficou indiferente aos movimentos que o corpo de Marietta desenhava no espaço. Tanto que seu nome timbrou um conceito que poucos seriam capazes de compreender verdadeiramente naquele instante e naquele patamar de entendimento, talvez isso se aplique até mesmo para a maioria das pessoas da atualidade. O Rio de Janeiro nunca mais foi o mesmo depois de Marietta Baderna.



Ricardo Pegorini



Ricardo Pegorini, nascido em Porto Alegre (Brasil) em 8/12/1961, finalista do 3º Concurso Mario Quintana, primeiro lugar na categoria "crônica" com o texto "Um homem, uma mulher e um batom", publicado na antologia "A Semente e o Verbo" organizada por Caio Ritter, em 2007, e participou das antologias "Inquietude Impressa" (2022), do Projeto Cultural Guapo-Rock, e da "Alma em Prosa e Verso" (2024), da Editora Panoplia, com destaque para seus textos "Bom dia I, II, III" e "Lágrimas na Chuva". **INSTAGRAM:** @cronicas_ricardo_pegorini | **SITE:** <https://www.cronicando.online/blog>.



AFONSO, MIRIÃ E JUVENAL

Afonso era um bom rapaz. Bonito, alto, rosto marcado, mas sem perder sua beleza juvenil.

Trabalhador rural esforçado, recebeu de herança terras para plantar algodão, que na época era o produto mais procurado e rentável. Cultivava-se muito, além de outros legumes e frutas para o sustento, porém era o algodão que trazia renda, muitas vezes, a maior do ano.

Sonhador, foi em uma das festas na roça que Afonso conheceu Miriã, uma morena bonita, alta, pele cabocla, diferente das outras quatro irmãs. Apaixonou-se e não mediu esforços para despertar o coração dela. Filha do respeitado casal Jacinto e Preta, ciente que ela só sairia de casa casada.

Trabalhou e conseguiu barganhar um pedaço de terra com um dos seus futuros cunhados, o senhor Deoclécio, homem honrado, casado e com sua residência levantada no alto do serrote, local com vista privilegiada, um pouco afastada do povoado. Lugar ideal para construir sua morada e dividir com a dona do seu coração.

Trabalhou na construção, com ajuda do senhor Deoclécio, que ensinara como preparar os tijolos numa olaria improvisada, onde a natureza fornecia todo material que precisavam. Deoclécio construiu sua casa de chão batido, mas muito bem definida, produzindo os próprios tijolos e utilizando as pedras retiradas do lajedo, onde se estabeleceu.

Casa levantada, Afonso pediu a mão de Miriã e ambos noivaram.

Naquela época, quando as mulheres começavam a namorar, já iniciavam a preparação do enxoval. Compravam e ganhavam roupas de cama, toalhas de banho, de mesa, camisolas, todas bordadas à mão utilizando um

arco redondo feito de madeira chamado bastidor ou na máquina de costura, que era de pedal. Na maioria das peças, costumava-se bordar as iniciais das letras do casal. Era um luxo só!

As roupas das crianças recém-nascidas também eram bordadas em cambraia, tecido fininho e delicado, apropriado para o clima quente do local.

Pouco tempo depois, Miriã teve problemas de saúde e tudo indicava que se agravaria. Logo em seguida, um dos seus irmãos que morava no Sudeste e visitava a família, ofereceu ajuda, sugerindo que partisse com ele para se tratar, cujo lugar oferecia melhores condições e, após seu restabelecimento voltaria para casar-se.

Preparativos às pressas, o tempo urgia. Era questão de saúde, não se podia esperar. Chegou no Sudeste e, após várias consultas e sua recuperação, o inesperado! Miriã recebeu a visita de Juvenal, melhor amigo de seu irmão, que já a conhecia por foto e se encantando por aquela morena bonita, afirmou:

- Vou me casar com sua irmã!...

Aos poucos, Juvenal conquistou o coração de Miriã e, após dois anos de namoro, se casaram.

Alugaram uma aconchegante casa perto do irmão dela com planos de, em pouco tempo, adquirirem uma moradia própria em outro bairro.

Dois corações apaixonados e um despedaçado...

Soube-se que Afonso mudou-se para longe, envergonhado, triste e sentindo o amargor da traição... Enterrou seus sonhos naquele sítio e seguiu para se recompor em outro estado. Casou-se, formou família e não mais voltou àquele lugar onde seu sentimento foi maculado impiedosamente.

A casa que Afonso construiu foi ocupada por duas famílias em tempos diferentes.

A última morou muitos anos, cujos filhos do casal cresceram bem próximos com os do senhor Deoclécio. Mantiveram a amizade de irmãos de coração, dividindo muitas histórias.

Serviu de celeiro por algum tempo e soube-se que se encontra abandonada em ruínas, com projeto de ser demolida para erguer outra nova e em melhores condições.

Miriã e Juvenal tiveram filhos e estes carregam a lembrança do legado de seus pais.

Miriã partiu primeiro e uma insuficiência respiratória levou Juvenal poucos anos depois.

Afonso também concluiu seu ciclo de existência na terra. A vida oferece algumas surpresas: Afonso e Miriã faleceram no mesmo mês!

Vida que segue e histórias que um dia se encerram, destino de todos... Cada qual com suas vivências neste vai e vem interminável, por vezes distantes da nossa compreensão.

Somos desafiados na ínfima pretensão de acharmos capacitados em conduzirmos nossos destinos, como se fôssemos donos incondicionais deles.

Elzeni Lima do Nascimento



Nascida no interior do Ceará em Igarói, comarca de Orós, mudou-se para São Paulo aos 7 anos de idade. Formada em Tecnologia pela Universidade Mackenzie, trabalhou em multinacionais do ramo metalúrgico e financeiro até se aposentar. Atua em instituição filantrópica há mais de 30 anos e atualmente colabora com trabalho voluntário de onde extraiu a maior parte do conhecimento, inspiração e entendimento humano. Considera a arte de escrever um dom, valioso instrumento que promove e edifica mentes e corações carentes de conhecimento e lazer, cultura e crescimento pessoal. Acredita que a leitura e escrita são fundamentais para registrar histórias de uma geração, incentivar a continuação das futuras e promover o desenvolvimento ilimitado do imaginário da mente humana, através da capacidade de sonhar e realizar.



SOB O MESMO CÉU

“Dizem que há deuses que só se revelam na ruptura. Que entram pela fresta quando tudo desmorona. Fissuras de corpo, tempo e identidade. Dionísio talvez seja um deles. Não o da festa, mas o do colapso sagrado. Aquele que nos desfaz para que algo novo possa respirar entre os cacos. Sabe-se que Jung, em seus estudos sobre arquétipos, trabalhou Dionísio, mas não o deus do vinho e da festa. Na psicologia analítica, o estudioso esfacelou a máscara cultuada por adoradores da divindade e discorreu sobre a verdade por trás daquele arquétipo tão celebrado. Jung via o deus como um arquétipo do renascimento da alma: aquele que arrasta para o fundo, para depois devolver à superfície alguém que jamais voltará a ser o mesmo. Em suma, antes de qualquer coisa, ele renasceu duas vezes nos mostrando que a morte, mesmo que simbólica, faz parte da vida. Dionísio representa a parte de nós que precisa colapsar para se transformar. Enquanto Apolo e Zeus curam pela ordem, Dionísio cura pelo colapso: ele nos quebra para reconstruir de forma mais verdadeira.”

— Ou seja, para Dionísio, morrer simbolicamente é parte da cura.

Helena suspirou e com as mãos trêmulas, largou o notebook em cima da mesa de mogno escuro.

— Ótimo, Dionísio! Chega por hoje, não quero mais falar sobre a tal da cura que me dizem ser impossível.

Abafando mais uma torrente de choro, tirou os óculos e esfregou os olhos, como se por um milagre, a visão pudesse clarear e o mundo parar de girar. A vontade de desistir era imensa, mas apesar da cabeça pesada de tontura, e de as palavras dançarem na página, embaralhadas, ainda assim ali estava ela. Mais um dia. Tentando recuperar o que crise havia levado.

Quem sabe no dia seguinte tudo voltasse ao normal? Talvez não fosse mero acaso ela pesquisar arquétipos da mitologia grega, quem sabe ali em meio àquelas letras embaralhadas e a tela azulada, ela pudesse encontrar o elixir sagrado para a cura. Rindo de si mesma, apagou as luzes e mais uma noite, foi dormir com a esperança de que o dia seguinte pudesse ser melhor. Ou simplesmente, deitou aliviada por ter vencido mais um dia.

-

Do outro lado da cidade, ele olhava para a tela do celular, onde um novo texto brilhava na tela partida, resultado de um escorregão tolo no banheiro duas semanas antes. Era um celular velho, cheio de trincas e histórias, mas ainda resistia. Assim como ele, que apesar da pouca idade, vinha sobrevivendo e vencendo suas cicatrizes e fissuras. Dia após dia.

Lá fora chovia e ele seguia mais uma noite sentado na poltrona gasta da sala, com as pernas cobertas por uma manta fina. A poltrona havia se tornado o seu “local seguro” onde o mundo girava um pouco menos e ele conseguia sentir-se acolhido. Como uma zona de conforto em meio à frente de guerra. Na cozinha, uma chaleira esquecida apitava, o lembrando do chá de camomila que virou seu hábito noturno antes de dormir. Sorriu, como quem busca leveza em meio ao caos e levantou-se com cuidado para não desequilibrar. O corpo seguia esquisito, um pouco mais firme do que há um mês, mas ainda sem confiança. Dizem que, durante a exacerbação

da doença, o sistema imune se auto ataca, mas esquecem de contar que o corpo trava uma guerra interna durante a recuperação.

Bem, desde que a crise de Pedro começou, os dias tinham perdido os contornos. Acordava sem saber o que esperar: podia ser um dia calmo ou uma tempestade interna. Tinha medo de dormir, medo de acordar. Medo de ser alguém que não conseguiria mais pintar.

Antes da queda, ele estava trabalhando numa série nova: recriações de Van Gogh, substituindo o clássico azul e amarelo, por tons e formatos mais abstratos. Era um experimento que o deixara muito animado, mas que ficou em pausa desde o dia em que o pincel caiu de sua mão e o mundo girou. A partir aquela tarde cinza, ele passou a viver com o chão se movendo sob os pés. Não voltou mais ao ateliê. Não conseguia. *Ainda não.*

Ainda com o celular em mãos, serviu o chá e respirou fundo antes de ler o texto notificado no grupo de apoio. O grupo que, em uma madrugada de enjoo e insônia, encontrou e instintivamente se inscreveu, sem saber o que encontraria por lá, mas desejando acolhimento e identificação com mais alguém que sofresse da mesma condição. *Quem sabe agora ele encontrasse alguma pessoa com quem pudesse trocar confissões e medos depois do diagnóstico que virou a sua vida de cabeça para baixo? Essa era a sua esperança.*

A notificação mostrou um texto sobre Dionísio, sobre reconstrução, sobre não ser mais quem se era. Arregalando os olhos, Pedro sacudiu a cabeça e sorriu, seguindo até a poltrona para ler com calma o texto que já achava genial só pela introdução.

Ele não era muito adepto das redes sociais e de interações online, porém, ali estava, comentando no texto daquela desconhecida com um avatar de uma escultura em mármore branco de Psique sendo revivida por

Eros. “Genial”, pensou ao analisar o perfil minimalista e com poucos textos. Deixou um relato curto e honesto, sem pretensão alguma, mas de alguma forma, foi como se a Psique adormecida o tivesse estendido a mão.

-

Helena estava aliviada que o sol enfim raiava e iluminava a sua pequena floresta na sala de estar, iluminando os cactos e os lírios. Pelo menos nem tudo seguia igual ao marasmo cotidiano que vivia. Porém, o que não sabia era que algumas coisas estavam para mudar e ao abrir a notificação no grupo de apoio que vinha escrevendo há um tempo, seu coração se iluminou com mais intensidade. Ela publicava naquele perfil sem constância e sem pretensão, nem sempre era lida, mas sempre que colocava para fora as palavras que borbulhavam dentro de sua mente, sentia-se mais calma. Naquele instante, por algum motivo, o comentário do cavalheiro com armadura prateada foi o que fez seu coração acelerar.

Palavras simples, mas que carregavam uma conexão invisível, um abraço silencioso que atravessava distâncias e dores.

“Li seu relato no grupo. Pareceu que você escreveu sobre mim. É estranho, mas de alguma forma me sinto mais aliviado ao saber que não estou sozinho nessa jornada silenciosa e dolorosa. Bravo! Pelas palavras e pela resiliência.”

Instintivamente, sorriu. Não lembrava da última vez que tinha trocado palavras com alguém fora da família, círculo de amigos ou da equipe médica. Quem sabe agora, pensou, encontrasse alguém com quem dividir o peso desses dias em que até respirar parecia demais. Quem sabe ela não estivesse sozinha nessa jornada, como chegou a acreditar.

Helena demorou alguns minutos para responder. Não por falta de vontade, mas porque escrever era difícil agora. A cabeça parecia cheia de névoa, e o estômago, de mar. Mas havia algo naquela mensagem que a fazia querer tentar.

“Você também sente que vai desabar às vezes? Mesmo quando está melhorando?”

A pergunta saiu sem filtro, como se ele já fosse alguém que ela conhecia.

Do outro lado, ele sorriu. Quando chegou a notificação, estava sentado na varanda do apartamento, envolto numa manta fina, tentando aquecer um corpo que já não confiava tanto nas próprias pernas.

“Quase todos os dias,” ele respondeu. *“Mas hoje... hoje eu consegui levantar da cama sem me agarrar na parede. Parece pouco. Mas pra mim foi um milagre.”*

Ela mordeu o lábio. Aquilo a tocou fundo. A forma como as pequenas vitórias se tornavam grandiosas, era algo que imaginava que nunca iria se acostumar. “As pequenas belezas da vida que se escondem nas entrelinhas de dias comuns”, pensou e sorriu antes de responder o desconhecido.

“Isso é ótimo. Eu te entendo... hoje eu escrevi à mão. Duas linhas, mas me deu tontura. E medo. Só que o que me deixou feliz foi que eu consegui, sabe? Já foi uma pequena vitória.”

“Uma grande vitória. E... você sentiu medo de piorar?”

“É. E de nunca mais ser quem eu era antes.”

A resposta demorou mais do que ela esperava. Quando chegou, veio como um sussurro escrito:

“E se a gente não precisar voltar a ser quem era? E se agora a gente puder ser alguém novo, mais lento, mais... sei lá, mais verdadeiro? Mas ainda inteiro? Tipo a cerâmica de Kintsugi.”

Ela respirou fundo. A tontura ainda estava ali. O enjoo também. Mas, de repente, parecia que havia algo se ajeitando dentro dela. Não a cura. *Não ainda.* Mas uma companhia que a entendia plenamente e sabia bem pelo que ela estava passando. Alguém que compartilhava as mesmas dores e medos, e pelo visto, a mesma fé pela vida. Isso era revigorante.

-

Os dias passavam em ritmo arrastado, tal qual o processo de recuperação de Pedro e Helena, e eles seguiam trocando mensagens. Sem compromisso, sem pressão, só escreviam quando era possível. Ainda não sabiam o nome um do outro, nem o tom exato das vozes, mas ali naquela página online e sob o mesmo céu que cobria seus medos, uma esperança tímida começava a nascer. Dia a dia.

Ela mandava fotos pequenas: da janela, de um raio de sol batendo no chão, de um copo de chá numa manhã cinzenta ou da flor lilás há pouco nascida em seus cactos.

Ele enviava palavras soltas:

“Hoje consegui caminhar até a cozinha.”

“Sonhei que estava correndo.”

Eles não sabiam nomes e aparências, mas eram entrelaçados por algo muito mais forte do que qualquer contato físico.

Pedro e Helena, o cavaleiro e a Psique, dois jovens aproximados através da ruptura de tudo o que sabiam sobre si. Parecia que aquele espaço entre

eles era mais sagrado do que o cotidiano pedia. Dois jovens unidos pelas mãos de Dionísio e do caos instaurado em suas vidas, lutando para juntar os cacos do que sobrou.

Um dia, ela escreveu:

“Tem horas que eu sinto falta de quem eu era. Da minha leveza. Da minha pressa. Eu sinto falta até do que me deixava cansada.”

Ele respondeu:

“Eu entendo. Eu era artista. Agora eu só observo. Mas às vezes penso que... e se observar também for uma forma de criar? Tipo, a criação surge da observação. E se tudo isso estiver me tornando mais artista do que jamais fui?”

Ela ficou em silêncio por um tempo. Depois, enviou uma foto desfocada de sua xícara, pousada numa toalha bordada com lavandas.

“Eu não tenho criado muito, mas continuo arrumando minha mesa como se fosse receber alguém. Loucura demais?”

“Talvez esteja me recebendo,” ele escreveu.

Ela sorriu e colocou mais uma xícara, e enviou a foto para ele, que respondeu com uma foto do céu estrelado.

“Acho que estamos sob o mesmo céu, e isso me faz pensar em ressonância magnética.”

Ela franziu o cenho e sentiu um calafrio percorrer a espinha. Digitou rapidamente e enviou com um emoji de medo. *“Isso é mórbido demais.”*

Da sua varanda, ele riu e observou o céu antes de responder.

“Talvez não... estava pensando. E se imaginarmos os nossos cérebros como um grandioso céu estrelado? O aglomerado de pontinhos brancos pode ser a nossa própria constelação, onde as nossas fissuras brilham e se iluminam. Que tal? Assim fica mais poético, né?”

Sorrindo, Helena apagou as luzes para observar melhor o céu que cintilava como o da foto do cavaleiro da armadura prateada. “Quem sabe ele tenha razão”, pensou ela.

“Pequenas estrelinhas que cintilam como diamante? E tornam os nossos cérebros mais preciosos e únicos? Uau! Que invejável.”

Pedro riu e assentiu, como se ela estivesse em sua frente. Mesmo sem ter ideia de qual seria a aparência da pessoa por trás da Psique de mármore e da escrita sagaz, de alguma forma ele a imaginava com nitidez.

“Isso, como a nossa própria constelação particular.”

Ela sorriu e sem saber, que de sua varanda ele também sorria, permitiu-se silenciar para apreciar o céu perfeitamente pipocado como seus cérebros. Não disseram mais nada naquela noite, mas de algum jeito, algo mudou. Como se um fio mais firme tivesse se tecido entre eles. Não era amor ainda. Mas era cuidado. Era presença. E, às vezes, isso já é um tipo de milagre.

Talvez Dionísio estivesse ali. Não como um deus da festa, mas como aquele que aceita o caos, que permite que a queda também seja rito. E naquele encontro, mesmo pela tela, mesmo sem nomes, ela se sentiu iniciada em algo novo.

Naquela noite, as estrelas sorriram e brilharam. Ao pensar em seu texto, Helena teve certeza de que Dionísio se torna um curador quando partes nossas colapsam para serem transformadas. Mas nesse caso, ele

não conserta o que está quebrado, ele apenas nos devolve a inteireza através do contato com o sentir.

O colapso de Helena e Pedro, os fez enxergar muito além do que jamais ousaram imaginar, e aos poucos, descobrirão como curar essa parte que cintila dentro deles. Sem controlar, apenas acolher e sentir até curar.

E assim, sob o mesmo céu e há quilômetros de distância, ambos dormiram com um fio de esperança entre os dedos e com os corações em pura sincronia. Não estavam curados, mas estavam vivos. E por enquanto, isso bastava.

Luana Schröder



Luana Schröder escreve romances onde o amor encontra a magia e o invisível ganha forma. Já publicou quatro livros (todos disponíveis em seu site www.luanaschrader.com.br) e acredita que as palavras têm o poder de curar, transformar e fazer sonhar. Em 2023, levou sua escrita até a Suíça, onde participou do Salão do Livro de Genebra e recebeu o Prêmio Talentos Helvéticos Brasileiros — entre outros reconhecimentos ao longo da sua trajetória.



FIM

Tinha dezoito anos quando o vi pela primeira vez. Naquele dia, entendi que a palavra amor não era um substantivo abstrato. Ao contrário, era concreto, verdadeiramente tangível. Meu coração, como um tambor, batucou acelerado; a carne ardeu, formigando ferozmente de desejo. Não enxerguei os sinais de perigo. Era tão ingênua! Em mim, tudo latejava, pulsava. Cheia de esperanças, me lancei no oceano das possibilidades e adernei. Despedacei-me nas afiadas rochas da decepção. O Amor, quando não correspondido, é como terra seca por falta d'água. O solo se torna árido e racha; as fendas profundas, mesmo cicatrizando, deixam suas marcas.

Não lembro quando a violência começou e nem o que morreu primeiro em mim. Todavia, recordo que a última coisa reprimida foram as palavras. Por vezes, elas escorregavam dos meus lábios feridos, indo ao encontro do chão. Outras vezes, eram encarceradas, fenecendo, desnutridas. Noutros momentos, havia aquelas que lutavam bravamente, mas perdiam a vitalidade, acinzentando e, por fim, morriam. Diante de tal agonia, me vi afásica. Era mais seguro calar. Dessa maneira, não haveria dissonâncias. Palavras para quê? Palavras são superestimadas.

Com os anos, esse amor tornou-se obsessão e possessividade, recheado de um ciúme doentio. Eu não achava que amar incondicionalmente era loucura. Quanto mais ele me rejeitava, mais profundamente me entregava e, sem identidade, afundava em sua pele, parasitando a nós dois.

Forço-me a voltar à realidade e, por um instante, paro, atenta. Ouço barulhos estranhos, zumbidos medonhos. Tapo os ouvidos, temo que as

vozes, as muitas vozes, retornem à minha cabeça e me contaminem, mostrando quem verdadeiramente sou. Solto um gemido, a cabeça dói, as auras brilhantes distorcem a visão, causando vertigem. Massageio a fronte, buscando resgatar a sanidade, e vejo minhas mãos e as roupas cobertas de sangue. A angústia corrói a minha alma e olho para trás, aturdida. O corredor estreito e sem vida mostra os pedaços de mim espalhados por toda sua extensão. As cenas da minha infelicidade se repetem incessantemente, como um loop mental. Rememoro as horas em que me consumia, autofagicamente, esperando por alguém que não me pertencia. Como odiava essa minha mesquinhez!

Giro o corpo lentamente, estou diante da porta do quarto, mas não sei há quanto tempo; toco a maçaneta, as mãos trêmulas escorregam, algo me diz que o arrependimento virá. Não quero, mas preciso ver o horror que me aguarda. Em meu âmago, sei que é o resultado da minha maldade. Não sei dizer quando me corrompi e deixei a feiura se alojar, alimentando-se de mim como um câncer. Num arroubo de coragem, abro-a e o cheiro me atinge. Aperto o estômago com uma mão, enquanto a outra vai à boca segurando o vômito. Dou alguns passos, penetrando o ambiente que, certamente, fará meu corpo convulsionar; um passo e outro, aperto o interruptor e desligo a luz, não quero nada iluminando a minha sujeira. Sento-me no chão em frente à ampla janela de vidro, ancorando as costas na parede. Tento respirar, uma, duas, três vezes. Foco na janela à frente que, para alguns, é uma maneira de usurpar a intimidade das pessoas. Já para mim, é uma tela onde retrato o meu mundo desbotado a pinceladas. Tinha tantos planos, agora desfeitos. Tento ignorar o que está ao meu lado: a cama, o corpo, o sangue... As lágrimas vêm, uma enxurrada, mas contendo-as, esfregando os olhos com o dorso das mãos. Não posso e não devo chorar. Estou viúva de nós. Mantenho a atenção na janela enquanto gravo detalhadamente os meus humores distorcidos; ouço a chuva barulhenta,

tamborilando as gotas pesadas contra o vidro. As cortinas balançam, a janela está entreaberta, esperando que as trevas encontrem outro caminho. O vento oportunista entra sem ser convidado e rodopia levemente, explorando os pequenos recantos do quarto. Lá fora é noite, e aqui dentro, em meu peito, também. Não consegui conter o sentimento de abandono que me sufocava e a imensa solidão que amargava; por isso: a cama, o corpo e o sangue. Por mais que deseje justificar com a minha própria dor o que fiz, não há argumentos... ‘Não matarás.’

Sem mais resistir, vejo o seu corpo pairando na diagonal do colchão, nu. Tão belo, tão morto... A cor vibrante da sua pele, outrora dourada, agora está pálida e sem viço. Os cabelos castanhos empapados de vermelho perderam a leveza... e os olhos verdes, aqueles que me capturaram incontestavelmente no segundo em que me viram, estão opacos. Os meus, doloridos. Ergo-me com dificuldade e, sem forças, me aproximo. Estendo a mão e só sinto frieza. Ensaio um sorriso. Finalmente, o silêncio é bem-vindo. Nada mais de acusações cortantes e dolorosas. Pego a garrafa, escondida atrás da mesa de cabeceira empoeirada. Derramo sobre nós o líquido malcheiroso; olho mais uma vez a janela, a lua observa, recriminadora. Enfio a mão no bolso do vestido e a pequena caixa me diz que é o fim... risco o fósforo; esta será a última vez que estaremos juntos. Prometo que, desta vez, haverá calor, ardor. Um amor envolto em chamas.

Anna Rodrigues



Anna Rodrigues, cearense, pedagoga e psicanalista, adora livros, músicas e filmes que explorem as singularidades e os conflitos dos relacionamentos. É tutora de gatos, ama praia e, é claro, escrever, pois como já dizia o grande cantor, compositor e poeta Belchior: “Afinal, a vida é mesmo uma aventura da qual não sairemos vivos!” Então, nada melhor do que pegar papel e caneta e escrever sobre a vida, os amores, os desejos, os prazeres e os sonhos que jamais envelhecem. É autora dos livros: 'A flor do meu desejo', com sua primeira edição publicada pela Editora Viseu; 'A flor da minha pele' publicado pela editora Hope e 'Contos Eróticos', publicados de forma independente na Amazon. Participou das antologias 'Sem pudor' e 'Amores de Outono', SF Editorial; 'Uma poesia para cada dia' e 'Cartas para o meu amor', Lura Editorial; Coletânea de Microcontos pela Editora Persona; 'Coletânea Erótica' no Wattpad; #annarodriguesromantica | @annarodriguescontos | anna.rodrigues.romantica@gmail.com.



PARALLAX

Na escuridão daquele cômodo sujo, com prateleiras empoeiradas e livros com folhas prestes a se desfazerem, a milhas de quilômetros da família, exausto, mas ainda esperançoso, Teobaldo folheava mais um tomo com cuidado, ainda que os dedos tremessem de euforia e excitação. Enquanto lia apressadamente as linhas daquela antiga obra, com o auxílio da precária iluminação de uma lanterna, o homem rezava mentalmente para que a polícia não o descobrisse e o prendesse antes que pudesse encontrar o caderno de anotações que revolucionaria a ciência. A fé inabalável em suas pesquisas o levaram a uma vasta pesquisa, que por sua vez o conduziu até aquela velha biblioteca, e nada poderia impedi-lo de alcançar a glória. Mas, enquanto os dedos finos seguiam virando as páginas de mais um livro folhas quebradiças, o homem pensava que em algum momento os seguranças poderiam chegar e pôr fim àquela jornada individual perigosa em busca de uma verdade escrupulosamente mantida em sigilo por gerações.

Teobaldo tinha uma origem modesta. O pai fora dono de um bar de qualidade duvidosa, desses que servem ovo rosa e amendoim murcho aos clientes, e a mãe era uma dona de casa dedicada aos filhos. Ao concluir o ensino médio, Teo arranhou uma série de empregos que não o satisfaziam: foi manobrista, balconista e instrutor de auto-escolas, ainda que detestasse carros. Ao concluir a faculdade, contentou-se durante longos anos com a monotonia dos razonetes e dos balancetes de verificação em um escritório no centro de São Paulo. Houve dias em que cogitou a possibilidade de se atirar do sétimo andar do prédio, pois não suportava aquela vida. Contudo, as folhas do calendário de parede foram dando lugar a novos meses e anos, o casamento e os filhos proporcionaram momentos de prazer,

e, finalmente, pode desfrutar de um apartamento confortável e férias esporádicas em cidades do interior. Era uma vida pacata que não aplacava o sentimento de vazio interior.

Mais anos se passaram, e, subitamente, Teobaldo atravessou um despertar, como ocorre em alguns filmes de temática religiosa. Algo em sua mente o conectou a um propósito superior. Para a surpresa da família, aquele homem que até então só sabia ler balanços contábeis e manuais de montagem de móveis tornou-se gradualmente um voraz leitor de livros de filosofia e geografia. Em pouco tempo, se matriculou em uma universidade à distância e passou a devorar livros como se fossem alpistes ingeridos por aves famintas.

De início, a família apoiou o novo hobbie de Teobaldo, até perceber que as leituras começaram a ocupar tempo demais em sua rotina, a ponto de fazê-lo cancelar compromissos e reduzir a interação social. Ele parecia estar obcecado com alguma coisa que encontrou entre Nietzsche e Schopenhauer, ou talvez entre Rousseau e Thoreau. Ou ainda entre Eratóstenes e Estrabão. Era difícil saber, pois o escritório da casa vivia entulhado de livros desordenados em todos os cantos, e, além do que, ninguém entendia bulhufas daquelas coisas. Sempre que era questionado, ele apenas murmurava teorias complexas que não-letrados tinham dificuldade de compreender. Teo já não se sentia mais oco como um carvalho velho, mas sim rejuvenescido como uma vitória-régia cujas raízes estão sempre bebendo a mais límpida água. Teobaldo parecia de fato um homem motivado por um propósito.

Após anos daquelas exaustivas leituras, o contador fez um chocante anúncio à família durante um café frugal numa fria tarde de inverno.

– Vou passar algumas semanas em Plymouth para aperfeiçoar uma pesquisa – afirmou de forma peremptória, antes de tragar lentamente um gole quente de café.

Atônita, a esposa não conseguiu sequer reagir. Em meio ao torvelinho provocado por aquele anúncio, ela simplesmente permaneceu boquiaberta.

– Onde diabos é isso? – questionou o filho caçula com atrevimento na voz.

– É uma praia na costa sul da Inglaterra – explicou calmamente.

– E o que você vai fazer lá? – perguntou o garoto, enquanto a esposa permanecia catatônica, afinal, a maior distância para onde o marido já havia viajado era Guaxupé, cidade mineira a 295 quilômetros de São Paulo conhecida por sua produção de cana e café.

Sem dar chances para que a família reagisse, ele destilou uma complexa teoria que desenvolveu após tantos anos de leituras. O filho apenas entendeu que o problema nascera com uma fofoca escrita por Aristóteles, que mencionava um sujeito chamado Demócrito, e que por alguma razão dava um mágico salto no tempo e levava a uma biblioteca na tal de Plymouth, onde haveria alguma pista deixada por um escritor do século XIX - um tal de Parallax, que supostamente era o mentor intelectual de seu pai.

Após esse confuso café da tarde, Teo raspou a poupança, que juntara a duras penas e vinha guardando para a aposentadoria, e planejou a tal expedição, mas sem revelar detalhes a ninguém: tudo era dito nas entrelinhas, em meio a versos fora de tom, solfejos desafinados e teorias vagamente formuladas. Tudo parecia um delírio, e todos torciam para que Teobaldo despertasse daquele catarse e retornasse calmamente aos balancezes de verificação e aos manuais de montagem de móveis.

Porém, os planos prosseguiram. Contrariando a insistência da família, poucas semanas depois o contador embarcou em um voo noturno para Londres - praticamente sem falar inglês -, de onde seguiu com um carro alugado até Plymouth, ainda que o volante no lado direito do veículo tenha

gerado alguma confusão. Teobaldo estava mal-humorado, já que os parentes, incapazes de compreender a grandiosidade do feito que estava prestes a realizar, tentaram demovê-lo de toda forma de executar a missão.

Uma vez estabelecido na cidade portuária britânica, de onde partiam navios que sumiam no horizonte distante, pôs em prática a parte mais ousada do plano: esgueirando-se pelas ruas mal iluminadas no meio da madrugada, Teobaldo fez um esforço hercúleo para escalar um muro alto de tijolos vermelhos, para pular nos fundos de uma antiga biblioteca pública. Seus joelhos gritaram de dor. Ele, então, sacou um conjunto de gazuas da mochila e, com uma perícia desajeitada, conseguiu copiar os movimentos que aprendera na internet, venceu o pesado cadeado e invadiu a biblioteca. Ele sabia que dificilmente encontraria o livro perdido de Demócrito ali - que, àquela altura de suas leituras, não serviria para nada. O real objetivo era encontrar um caderno de anotações da década de 1860, com capa de couro marrom e um diagrama rústico desenhado, que poderia conter provas jamais relevadas. Os relatos da deep web indicavam que o volume poderia estar escondido naquela biblioteca, e ele tinha fé que em pouco tempo teria em mãos o suposto manuscrito perdido de Parallax.

Mesmo temendo pela chegada da polícia, Teobaldo prosseguia com sua busca, com os dedos trêmulos de euforia e excitação. Teo, então, esbarrou acidentalmente em um livro pesado e empoeirado, de nome *De Revolutionibus Orbium Coelestium*, que desabou da prateleira e magicamente caiu aberto na página em que Copérnico discorria sobre os movimentos da Terra. Com lágrimas nos olhos, o homem interpretou aquilo como um irônico e providencial sinal divino, que o animou.

– Se eu achar o caderno, serei reconhecido como herdeiro do professor Rowbotham – murmurou para si mesmo em tom de orgulho e olhos marejados. – Com certeza o professor Rowbotham deixou provas definitivas de que a terra é plana, e até a Nasa vai ter que aceitar!

XXXXXX

Ninguém mais viu Teobaldo depois daquela perigosa incursão no litoral britânico. Mas, curiosamente, nas margens das terras planas que jurava ter cartografado após anos de leituras mal interpretadas, começaram a surgir cópias de seu próprio diário, *Zetetic Astronomy Volume II*, encadernadas com um símbolo estranho: um disco achatado atravessado por uma cruz.

Rodrigo Gallo



Rodrigo Gallo é cientista político, professor universitário e escritor de ficção e não-ficção. Seu primeiro livro de contos, “Kairós”, foi lançado em 2003 (editora Flyve) e ganhou os prêmios 4º World Book Review Awards 2023-2024 (Melhor Livro de Contos e Crônicas), Troféu Maurício Vaitsman de Literatura 2003 (Melhor Livro de Narrativa Curta), Prêmio Inspirações 2024 (Melhor Livro de Contos) e Prêmio 20 Destaques Literários 2023 (Melhor Livro de Contos). Além disso, publicou cerca de 80 contos em antologias diversas, alguns dos quais foram premiados em alguns concursos, como 1º Prêmio Singular de Literatura 2024 (“Encruzilhada”, na categoria Melhor Crônica), 1º Concurso Literário de Microcontos 2024 (“Medo”), 2º Prêmio Carnage de Literatura 2024 (“Liberdade”, na categoria Melhor Conto de Ficção Científica), dentre outros. Instagram: @rodrigo.gallo1982.



CLARA

Ouviu as badaladas do sino, como fazia todos os dias. Lá se foi Clara, com o costumeiro entusiasmo que usava para proteger-se do que realmente a mantinha viva. Caminhava a passos largos na ânsia de chegar o mais rápido ao seu destino, que era o mesmo desde os seus quinze anos.

Ao pé do altar, rezava com o mesmo fervor das beatas que serviam à igreja. Clara, no alto de seus vinte e dois anos, sabia como ninguém encantar a todos que a conheciam. Religiosamente, cumpria as suas obrigações, sempre contando com a proteção e com a amizade de padre José, pároco de sua cidade, que apesar de jovem, era austero e ardente em sua homilia.

Mais um dia. Clara cumpriu o seu ritual matinal. Embriagada pelo carinho dado à sua alma, mas recebido pelos seus seios e pelo seu ventre, despede-se do padre e entrega-se ao segundo ofício mais importante de sua vida, tecer mantas. Coser é arte que lhe inspira. No alinhavo da costura, perde-se entre os nós que ela mesma costurou. A trama, feita ao avesso, esconde a parte principal. O suor que lhe desce à nuca não é capaz de pôr fim ao desejo desenfreado e sem esperança que a põe em pé todos os dias. O trabalho, que é incessante, toma seu tempo, mas não sua memória, e busca, inutilmente, legitimar seus pensamentos.

O vai e vem da agulha, entrando e saindo do tecido, emerge em Clara a ansiedade da chegada de outra manhã, a volúpia quase chega ao avulto da concretização. Não importa, as horas sugerem que a vida segue.

Fim do dia, de volta à casa, Clara encontra seu templo de depravações e privações. Sabe que, na manhã seguinte, os lençóis permanecerão imaculados.

As badaladas soam novamente.

Regiane Maria Pankoski



Regiane Maria Pankoski é graduada em Letras Português/Inglês e atua como revisora textual. Católica, compartilha reflexões e inspirações em seu perfil no Instagram: @regianepankoski.



FAIRY TALE

27 hours and 15 minutes until hatching

Ian knew at first sight that the woman was actually a fairy. Even though her wings appeared to be hidden, the slight luminescent lightest that radiated through her skin and her almost neon green eyes gave her away, as did her unwavering stare seemingly piercing into his soul.

Of course noticing the flirty fairy was much nicer than acknowledging his real predicament. That of an employee stuck in a happy hour celebrating another's promotion. The third time this year, and it was just the end of June.

"It is of most importance to value innovation", Marcus, the team's manager drunkenly slurred for the fifth time in the night, his thick and hairy arm around Laura's neck, drawing her closer, the girl's smile was tense as she tried to politely get away from that old drunk enthusiasm.

"Yes, a girl", though Ian, she was nearly twenty nine and already assuming a leading position, she still had pimples! While Ian was stuck as a senior analyst for the last eight years, mostly being bossed around by women, talk about fairness.

Ian bitterly chugged his beer, a polite fake smile as he nodded to the toast in the name of his new boss, thoughts of time wasted plaguing his mind.

The pub was poorly lightened, its decoration seemingly lost somewhere in the eights, fake dark leather booths and wooden tables covered in decades old stains.

As the "happy" hour wrapped up close to eleven pm, due to Claudia's track competition the next morning. "Most probably running from the fact

that she was pushing forty and her last relationship was with a former colleague who had quit, her and the job, to open his own business”, Ian thought watching his work acquaintances leave, he decided to stay, the sight of the fairy exchanging looks in his direction as she tousled her dark blond hair to the side and enjoyed some frilly drink, enough motivation for him to risk losing his first alarm the next morning.

24 hours and 50 minutes until hatching

Sabina had prepared for this day for the last seventy years, she had the place, the utilities, the knowledge, but nothing could prepare her for the excitement, it ran through her body like a light buzz, quickening her pulse and giving her skin goosebumps. She slowly seeped through her hibiscus tea, beautifully served in a martini glass, a tiny artificial cherry swimming in the pink liquid.

She had spotted her candidate as soon as he entered the pub, tall, an unshaven beard and messy brown hair, a decent amount considering he looked closer to forty than thirty. He had arrived with a typical group of colleagues, a lot of fake niceties and smiles. The man acted as if the formal shirt suffocated him and laughed a little too loud at the other's jokes, Sabina could almost taste his desperation, it made him perfect.

They exchanged looks for a while and shortly after his last peer left he exited the table, giving quick and precise steps to secure the place next to her in the bar.

Sabina watched him settle in the stool, align his shoulders and study the menu.

"I'm a little tired of beer, is it any good, your drink?", he asked, scratching his beard. Sabina let her neon green eyes shine even more before offering him a smile.

"I am rather fond of the taste", she licked her lips, studying the way it made his pupils dilate, he called the barman ordering two.

"So we can toast together", he seemed to clarify, Sabina looked at him questioningly.

"And what is it that we are toasting?"

"The beginning of a promising night", his eyes were taking her in an appreciating manner. Sabina didn't even need to pretend, her laugh at his boldness was real, he was so eager, poor thing. She stabbed the cherry on her glass putting it in her mouth and biting into it, the explosion tingeing her mouth a deep red.

"Is that so?", she smiled, letting the edges of her wings show.

22 hours until hatching

By the time the last call arrived, another hibiscus tea for Sabina, Ian had switched back to beer, it was close to two am. The barman was already cleaning the bar with an old rag, Ian yawned, during the conversation, he had moved his stool closer to Sabina's, and now he took full advantage of the proximity to put his arms around her shoulders.

With each new drink and each development in the conversation, Sabina's wings had become more visible but only to him. They were much larger than Ian had imagined. They seemed to emerge from Sabina's shoulder blades and must have been over five feet wide when fully extended. They were a sunset orange, with what looked like thin black veins forming patterns along their length.

"It seems they are about to kick us out", Ian said, "I know of a place that stays open until four am and they have a really good".

"My apartment is near here", Sabina interrupted looking at him though her lashes.

Ian widened his eyes for a second.

"You sure?", Sabina nodded, already getting up.

They got a cab, the quick trip left them in front of an old and big building, Sabina took his hand and together they walked through the maze of mail boxes and elevators, eight of them, in the lobby. Hopping on the last one Ian turned to Sabina as soon as the old and creaking pantograph door closed. He grabbed her waist, bending a little to reach her lips, Sabina's hands travelled through his arms, her hands leaving scratches in their wake. Ian grazed her wings with his hands, surprised to discover that they weren't cold and smooth as he had imagined, but warm and covered with fur, the texture similar to a peach.

They arrived on her floor, letting go of each other so Sabina could open the apartment door. It was a cozy place, a Persian rug on the floor, dark wood furniture, and a hallway with two doors, one painted cobalt blue. Sabina took Ian's hand and led him to that door.

"My bedroom", she said, opening it, the room was much the same as the living room, a huge mahogany bed with a big bedpost in the middle, a small nightstand and matching wardrobe in the side, thick curtains covering the windows.

Ian grabbed Sabina by the waist, focusing on her curves and trying to shut the voice in his head, comparing the place with his own tinier studio.

They kissed, Sabina running her fingers through his already messy hair. Ian tried to take out her black dress but he couldn't figure out the back due to her wings, Sabina laughed.

"Let me, handsome", she stood naked in front of him, the waves of her hair falling almost to her waist, she was small all around, he noticed. A dark patch of trimmed hair in the middle of her legs.

Ian took out his clothes and they kissed pressing their naked bodies against each other, Sabina's wings involving the two.

He was already hard, searching for friction in the middle of Sabina's thighs when she caught a handful of his hair, holding him in place.

"So...can I tie you up?", Ian nodded trying to reach her lips.

"Go lie in bed", Sabina said, opening the drawer of the nightstand and grabbing a few thick black ropes. She got on top of him, her pussy grazing his dick as Sabina tied each of his hands in one of the bedposts, and then his legs.

Between the contact of their bodies and the view of her breasts, Ian was already feeling ready to burst, Sabina kissed him biting his lips until she drew blood, then without warning, turned and slid him inside, her back turned to him.

Her grip made him throb, as did the view of her ass and open wings, Ian's breath hitched as Sabina swayed on top of him.

Sabina closed her wings, their lower tips caressing Ian's face.

"Open your mouth Ian", Sabina said.

"What?", as he asked, the edges of her wings slipped inside his mouth, they were fuzzy and warm, their taste the same as Sabina's skin.

"Relax your throat", Sabina moaned, jumping on top of him. Ian obeyed her, the sensation shocking and pleasurable at the same time, he felt warm all over, his muscles strained from the ropes, and Sabina on top of him and in his mouth, gripping him everywhere. Ian came feeling an explosion of pleasure, his vision fading to dark.

16 hours and 41 minutes until hatching

Sabina waited until Ian started to snore to add an extra knot on every rope, she got up and fetched his wallet, keys and cellphone from the pocket of his pants, discharged carelessly on the bedroom's floor when they had first arrived.

Sabina had owned the small one bedroom for close to fifty years now, it had been an awful investment at first. The building had housed drug dealers, an illegal casino and even a whole operation of smuggled wild animals, plus a big amount of murders and kidnappings. But in the last few years things had changed enough to keep the place more on the down low, just enough for Sabina to be able to do what she had come here for without outside intervention.

Sabina was already feeling her magic start to weaken. She went into the kitchen, drinking a glass of water and grabbing a bottle to leave in the bedroom. In the bed Ian was still sleeping, his breath the only sound disturbing the early morning. Sabina noticed the changes already happening in him and smiled to herself, letting the light breeze lure her to a peaceful rest.

14 hours until hatching

Ian woke up confused about his surroundings, blinking slowly and smiling when he noticed that his arms were still tied to the bed.

"Not tired of playing yet?", he searched the room with his eyes, surprised to find Sabina sitting in a chair in front of the bed, her face an unreadable mask.

"My arms are hurting a little Sabina, could you untie me?"

Her silence was making him nervous, the pain from hours in the same position also catching up to him.

"Let me go Sabina", he used a firmer tone growing desperate, finally resorting to trying to kick and trash his arms, hoping to escape her knots.

"Fuck! Are you taking me to have my organs removed like the guys who were investigating that cartel? That type of shit made me give up on journalism", Ian could help but start to ramble when he got too nervous, a rather annoying trait.

"You would be a horrible investigative journalist, too talkative", Sabina finally spoke, sipping a glass of water. Ian looked at her confused, her eyes were no longer a neon green, their glow had faded and even her wings appeared less vibrant, but she looked serene.

"The thing is Ian, I can't let you go. I didn't bring you here just so we could have sex", Ian's eyes widened.

"Am I right? You are stealing my organs!", he was breathing in shallow gasps.

"Will you cut the hysterics? I am not stealing your organs", Sabina rolled her eyes.

"Last night when we... I put my eggs inside you, if you get a hold of yourself you will probably notice that your body is already experiencing a few changes", she pointed with her chin in the direction of his belly, making Ian for the first time look at his own body. He didn't have a flat or toned stomach before, but this morning he was noticeably more bloated. He felt an added weight in his abdomen and more concerning, Ian could feel a light movement poking him from the inside.

"How? When?", Ian screamed.

"I was keeping my eggs inside my wings, last night I placed them inside your mouth and they have taken root in your stomach, in less than twelve hours they will be born", Sabina said, a small smile lighting her face as her explanation progressed.

"Will they be born? How exactly?", Ian asked, horror already setting in.

"They will come out bursting from your belly, killing you in the process".

9 hours and 13 minutes until hatching

Sabina had a headache. In the last few hours Ian had been cursing at her, screaming for help and then in frustration, crying and struggling a lot. It was maddening and annoying, not how Sabina had envisioned it, he hadn't seemed so whine at first sight.

But at least her babies appeared to be growing strong, Ian's belly was already bigger than when he woke up, the movements a good indicator that they were healthy.

She heard Ian clearing his throat, speaking with a hoarse voice from the screams.

"Could you just... Answer, why me?", he sounded defeated and tired, Sabina shrugged her shoulders.

"You seemed nice, and looking for a purpose".

Ian let out a bitter laugh.

"You decided that my purpose is to die? And you get what... Fairy babies out of it?", Sabina smiled, shaking her head.

"There will be little fairies... But by the end of the day I will be dead too".

It was almost comical, how Ian's eyes widened almost falling out of his orbs.

Ian fought against the restraints that were tying his hands in the bedposts, he gritted his teeth in anger, a nervous sweat in his brow.

"You crazy bitch! You are gonna die too? What a sick idea is that?", Sabina's calm and almost peaceful smile was just adding fuel to his rage.

"I've had a few centuries to improve my tying knots ability, so you won't be able to flee, the way I see it, you have two options Ian", she gets up from the bed, walking around the room, her wings occasionally bumping against the wardrobe door.

"We can enjoy these hours together in a nice way... Or you can spend your last day screaming curses into the void".

A thoughtful look crossed Ian's face and for the first time that day, he stayed quiet.

"Well while you reflect, there are a few more things I need to do", Sabina said getting up from the chair, she stretched her majestic wings once more.

As the hours had passed their color had changed from the previously bright orange to a light and pale yellow, the black vein like drawings appeared more pronounced, almost as if about to spill out of the wings. Sabina hummed to herself, taking a blade on top off the nightstand and surprising Ian by giving her wing a cut, droplets of red splattering the floor.

"What are you doing?", Ian tried to sit up, the weight in his belly and the ropes in his wrists stopping his movement, Sabina widened her eyes.

"Stop! They may come early if you do that!", she screamed.

"I am just drawing my runes for them, see?", she stretched her left wing showing that where the cut had been now was a symbol in ink black, the vein now molded in a different way.

"What does this mean?", Ian asked.

"These are my lessons, things I learned and want them to know, the symbols in black are the knowledge fused in my magic, it's what they will absorb, the rest they will eat", Sabina explained, drawing out a few more symbols and humming to herself.

4 hours and 27 minutes until hatching

Hours later a sweaty Ian was feverish despite the chilly night, since the sunset his stomach had stopped growing and had taken a more bloated and stiff form. Despite his dry mouth he couldn't drink anymore. The last try had caused him a cough fit.

"I don't understand, it's just water", Sabina combed Ian's hair away from his forehead.

"They probably already ate your stomach, so the water has nowhere to go", explained Sabina.

"This means it's almost time right?", Sabina nodded, lighting touching his stretched belly.

"Accordingly my calculations they will probably arrive by midnight, but I heard is never a perfect math, we may have an eager or more cautious batch", she seemed to wonder, Ian cleared his throat voice tinged with emotion.

"I think maybe... It would be good, get to know them".

He had graduated college, got a master's degree, switched jobs, had an almost marriage, six years with Marcela although this almost was what sealed their end. They weren't the love of each other's life. He had never been first place in anything, never felt his true calling as some would say, was always average. Even at work, most times he felt like his life was fighting for the sake of fighting, no real goal.

But this was kind of a first place, Sabina had chosen him to what was in its core the culmination of a journey, and he never thought someone would choose him to share a dream with. Sabina made a sympathetic sound, placing her hand on top of his.

"How very human of you, but they are a whole entire hive over there, they will be fine. Besides, do you really think it did you all this good to know your parents?", Ian laughed and nodded.

"You are probably right in this".

Sabina... ", Ian started and stopped, looking out the window to the night sky, Sabina sat on the bed near him, during the day when she realized he wouldn't try to escape, Sabina had taken out the ropes so he could be more comfortable.

She held his hand, squeezing a little.

"What do you wanna ask?".

Ian looked at the ceiling for a few minutes before speaking.

"The whole dying part... Doesn't bother you? Because I am scared shitless", they both chuckled, Sabina's gaze lost in the wall, her eyes were now completely amber and her skin appeared to be paper thin. It was clear that she was dying, holding onto her last strengths to be able to feed the hive she had cultivated, Sabina got a twinkle in her eyes as she spoke.

"Everything that is born kills something in the way, it's just a matter of how visible the killing is... And besides you will probably go back to cursing me after I tell you this... But there are over a hundred ways fairies can reproduce, I just always knew this would be the way for me", Ian sighed, shaking his head.

"I got who knows how many fairies about to burst out of what is left of my organs, fighting seems pretty futile right now".

"There are twelve of them in there", Sabina said, caressing his belly.

"I think you wanna know why like this? Well I came from a hive, the first thing me and my sisters did was to devour our mother", Sabina smiled fondly.

"The second was to create a new species of ivy, you see, everytime a fairy is born, something new is born with her".

Ian listened observing how the light played in the shadows of Sabina's face, part of him envying her certainly.

"Long story short, there is no more honorable way to go than feeding your hive. For me it's what makes a death meaningful, knowing I am going to make way to a whole new world. I know you didn't exactly chose this but, maybe this perspective will help you".

Ian nodded, tears in his eyes and his shaking hand on top of Sabina's.

The hatching

Ian's breath was becoming more difficult the closer the clock was to reach midnight. His stretched belly was moving again, little fluctuations that made him gasp in pain.

"It seems they will be right on time", Sabina said, now completely opening the window's glass.

"They will want to fly", she explained to Ian, he didn't appear to be listening anymore, covered in sweat, belly moving on its own.

As soon as Ian gave the first scream, Sabina stood at the foot of the bed waiting.

The sounds of the last of Ian's muscles spasming and tearing mixed with the buzzing sound of the twelve cocoons bursting out of his body. Ian screamed nonstop as each cocoon exploded, a new and tiny fairy coming of each one.

Each of them sends a black thorn in Sabina's direction, pinning her to the wall by the edges of her wings. The little fairies formed a colorful hive, their wings still mostly stained by Ian's blood, but most appeared to be some shade of blue. They latched on any part of Sabina's body they could reach, the hunger of life driving them forward.

6 hours after hatching

The early morning entered through the gaps in the torn curtain, enveloping the room with an orangish color, adding an ethereal glow to the scene. The dark mahogany bed was in the middle of the room, the headboard split in half, sepia-toned sheets tangled at the end of the bed and in the middle of it, the chrysalis.

Its legs were open, hips and sex covered by the stretched out skin in its abdomen, the several tiny cocoons like an exploded bouquet browning with the hours passing, as were the blood stains in the mattress. Its arms were open and its neck was bent in the light's direction as if searching for it.

Near the blue door splashes of darkened blood lead to Sabina's body, her stretched wings pale and without their runes, kept in place by black thorns. She stood like a flower whose nectar had been completely drained, from her neck to feet, the only color being her pearly white bones, picked clean by her offspring.

A thin skin covered her face, her once green grass irises now a still mustard yellow, her hair still dancing with the wind. In the bedroom floor a tapestry of light blue dandelions, left behind by the new fairies. As the Sun travelled through the sky, from early morning to midday, the now glaring light clearly showed both the chrysalis's and Sabina's matching wide smiles.

Cecília Deulefeu



Psychologist with a psychoanalytic approach, co-founder of the page @casamentotranshomoafetivosim, writer and screenwriter, lesbian and carioca. She lives with her wife Gizele and their two cats, Pérola and Safira, in the heart of Rio de Janeiro, overlooking sugarloaf mountain, where she finds inspiration and contemporaneity for her works.

Psicóloga com abordagem psicanalítica, co-founder da página @casamentotranshomoafetivosim, escritora e roteirista, lésbica e carioca. Vive com a esposa Gizele e duas gatinhas, Pérola e Safira, no coração do Rio de Janeiro, aos pés do morro da Urca, onde encontra inspiração e contemporaneidade para suas obras.



ERASMO E EU

A Jovem Guarda de Roberto e Erasmo está fazendo 60 anos agora em agosto de 2025. Voltei no tempo e vi aquela jaqueta de Erasmo na janela. Ele e a mãe moravam na Tijuca e minha melhor amiga morava na casa ao lado do prédio do Tremendão. Ele chegava dos shows e dos ensaios, cansado e pendurava a jaqueta no varal externo na janela do quarto dele.

- Nossa! Quantos sábados eu passei na janela da casa da minha amiga esperando que Erasmo saísse de casa ou chegasse na janela.

Horas de imensa espera e no final - a decepção de ter que voltar para minha casa sem ver o Erasmo.

Roberto sempre foi o galã, mas eu sempre curti o feio charmoso e Erasmo esbanjava charme. As músicas dele se tornaram mais profundas com o tempo, refletindo sobre as dores de amor. O Tremendão fez uma carreira solo mais alternativa. Letras foram escritas baseadas nas experiências de vida.

Fui a inúmeros shows do Roberto no Canecão – casa de show em Botafogo – próxima ao Shopping RioSul. Uma prima da minha mãe namorou o Roberto Carlos. Juro que é verdade. Ela conseguia ótimos lugares para a gente. Mas o Erasmo sempre me chamou atenção, homem mais desconstruído no visual, depois assumiu os cabelos brancos, deixou as paixões marcarem seu rosto e suas músicas.

O amor intenso dele pela Narinha também me emocionava. Tudo tinha um quê de romance russo, beirando a tragédia. Gosto muito de amores fortes e viscerais. Fico até arrepiada quando vejo alguém amando sem limites. Eu nunca fui tão corajosa.

Fecha a porta, meu bem foi minha trilha sonora no carro durante muito tempo. Num período que vivi de muita dor afetiva, coração despedaçado... Erasmo embalava minha tristeza profunda com essa canção nas idas e vindas do trabalho. Eu chorava e Erasmo me consolava com aquela voz grave e eu tentava volta a acreditar que amar ainda valia o risco.

Como é delicada essa paixão – eu soluçava ao volante ouvindo as palavras do Tremendão, falando de amor. Um amor maduro e apaixonado que ainda eu não tinha encontrado. Custei a me recuperar dessa decepção amorosa. Foram anos de solidão, noites de sábado esperando o sol raiar no domingo de manhã.

Se você quiser nascer de novo – essa foi a chave para minha recuperação. Inventei uma nova EU mais focada em mim mesma, nos meus sonhos e nos meus desejos. Mudei por dentro e por fora. Troquei de emprego, de cidade, de tudo.

Fui morar onde ninguém me conhecia e nasci de novo. Uma mulher gentil sem ser boba, educada sem exageros e elegante na fala e no gestual. Fui conquistando novos amigos no trabalho, na academia, no clube e até no café que frequentava todos os sábados.

Um dia, saindo da academia, me dirigi ao supermercado para comprar coisinhas gostosas para a noite de sábado e tropecei no Geraldo. Ele era alto e foi gentil ao me ajudar a me levantar do chão. No estacionamento, ele veio até meu carro e perguntou se eu estava melhor ou se precisava ir ao hospital.

- Estou bem, obrigada! – respondi impaciente.

- Você vai tomar todo esse vinho sozinha ou vai dar uma festinha? – perguntou Geraldo.

Não respondi, fiquei desconfortável!

- Posso convidar você para jantar? Eu cozinho muito bem – tentou Geraldo.

- Aceito o convite se formos naquele restaurante novo de massas, ali perto da Igreja de Nossa Senhora de Fátima.

- OK! A gente se encontra às 20h, na porta? Você é pontual ou atrasadinha?

- Sou pontual! Meu nome é Cristina.

- Até mais tarde, Cristina.

Liguei o carro e fui para casa, muito brava comigo mesma. Como eu fui aceitar o convite daquele homem metido a super herói. Mas agora era tarde, tinha que ir. Cidade pequena é perigoso fazer inimigos. E eu já tinha poucos amigos. Nem liguei para o que vestir. Nem lavei o cabelo, fiz um rabo de cavalo, fui de óculos de grau, calça jeans, bota e casaco. Fazia frio naquela noite, adicionei um xale de lã. Base, batom e mais nada. Um pouquinho de perfume, coitado do Geraldo, perder a noite de sábado dele comigo e ainda mal humorada.

Ao chegar no restaurante fiquei até envergonhada, ele estava super elegante, calça de veludo, mocassim de camurça, suéter de gola alta e blazer. Quase gritei de tanta raiva, mas respirei fundo. A gente não tinha reserva, o restaurante era novo. Esperamos no bar um tempão e nada de vagar uma mesa. Então ele sugeriu irmos a outro lugar, menos badalado. Adorei porque estava com muita fome e também porque num lugar mais simples ninguém ia me notar de rabo de cavalo num sábado à noite.

Fomos na pizzeria de uma amiga dele com vista para o lago, um lugar bem simpático. Comemos muito e rimos muito também. Foi bem divertido, fazia cinco anos que ninguém me chamava para sair numa noite de sábado. Pensei: saldo positivo. Geraldo me levou em casa, não curti muito mas ele insistiu.

Agradei a noite animada e boa conversa. Saí do carro e entrei no meu prédio. De repente, ouvi o barulho da porta da garagem abrindo, fiquei surpresa. Geraldo morava no meu prédio. Não era possível, não acreditei!

Aguardei uns minutos na porta do elevador, mas ele não subiu no elevador no meu bloco, então entrei no elevador e fui para o meu apartamento.

No domingo, fez sol, acordei e fui andar em volta do lago. Caminhar me faz bem. Nenhuma notícia do Geraldo, fiquei surpresa. Mas eu não estava esperando muito daquele encontro exdrúxulo no supermercado. O domingo passou... nada do Geraldo! Eu não dei muita importância, mas no fundo estava achando o silêncio dele um pouco estranho.

Segunda-feira, amanheceu chovendo, pedi um táxi, mas esperei um tempão na portaria e nada do táxi. Então já estava indo para o ponto pegar um ônibus, quando ouvi a voz do Geraldo:

- Cristina, quer carona?

Aceitei na hora. Ele estava chique de terno, sem gravata. Perguntou se eu passara bem o domingo e eu disse que sim. Conversamos amenidades e ele perguntou se eu ia para o escritório. Respondi afirmativamente. Geraldo disse que estava indo a Curitiba para uma reunião, ia para o aeroporto.

- Cristina, você quer ficar com o meu carro? À noite, você estaciona lá no prédio e deixa as chaves na portaria, combinado?

Diante de tanta generosidade naquela segunda chuvosa, fiquei meio muda por alguns segundos. Mas aceitei, claro!

O carro era novo, receosa, aceitei e agradei efusivamente.

O meu dia no trabalho transcorreu bem, nem me lembrei do Geraldo e do carro dele. No final do dia, alguém me ofereceu carona, e eu quase aceitei... Depois lembrei do carro do vizinho/paquera.

Fui para casa bem devagar no carro do Geraldo, quase sem piscar, super cuidadosa. Quando apontei na garagem do subsolo, ele surgiu do jardim, meio desajeitado. Bateu no vidro:

- Quer tentar o restaurante de massas? Deve estar vazio hoje!

Não pude recusar o convite depois da gentileza de me emprestar o carro. Fomos e conseguimos uma mesa ótima. A comida era divina, releitura dos pratos clássicos italianos com um toque de brasilidade. AMEI!!!

Comi tanto que fiquei até com vergonha do Geraldo, ele apenas sorria. A noite foi inesperadamente deliciosa. Depois de vinhos, massas e sobremesas; quando chegamos na garagem nos beijamos como dois adolescentes. Nem sei como aconteceu! Mas foi intenso e marcante. Sonhei com Gerlado naquela noite, acordei assustada.

No dia seguinte, não sabia o que fazer se chamava o táxi ou aceitava a carona novamente. Desci e ao chegar na portaria, sr. Joselino (nosso porteiro) me avisou:

Dr. Geraldo pediu para a senhora aguardar, ele foi pegar o carro. Aguardei...

Dr. Geraldo? – será que ele era médico... Não perguntamos sobre nossas vidas profissionais. Pensei que era cedo, afinal só saímos duas vezes e mais uma carona.

Finalmente, Geraldo chegou, muito cheiroso como sempre. Um aroma entre limão, laranja e lima. Não consegui identificar. Fomos trabalhar. O dia seguiu tranquilo, até que meu celular tocou às 16 horas: era o Geraldo.

- Posso te chamar para um drinque hoje? Pode ser no meu apartamento?

Como morávamos no mesmo condomínio, em blocos diferentes, aceitei. Estava curiosa para conhecer a casa daquele homem com aroma

de laranja e limão. Fui direto do trabalho, eu estava quase chique. Dei um realce na maquiagem e segui para o happy hour.

Geraldo morava na cobertura, meu sonho de consumo! O apartamento era duplo, coluna 01 e 02 conectadas. Espaçoso, elegante e moderno – M A R A V I L H O S O ! Me apaixonei de cara pelo apartamento. O proprietário poderia ter seus segredos, mas tinha bom gosto e sofisticação.

Os drinques estavam deliciosos e originais; depois comemos um japonês muito exótico. Conversamos, dançamos (algo que eu amo fazer) e bebemos muito. Lógico que eu acabei dormindo naquele apartamento lindo num quarto de cinema. Estávamos meio tímidos ou talvez cautelosos demais – penso que os dois esperavam mais da noite.

A semana seguiu, eu muito ansiosa e ele não sei dizer. Na sexta-feira, quando desci Geraldo já me esperava na portaria.

- Posso te levar ao escritório?

- Claro que sim!

Fomos conversando, ele fez um caminho comprido e diferente. De repente, falou:

- Quero viajar com você! Tenho uma casinha na praia perto de Paraty. Vamos?

- Não sei o que dizer. Só nós dois ou vai mais gente?

- Só nós dois! Tudo bem simples, praia, sol e “dolce far niente”.

- Ok, aceito o convite. O que coloco na mala?

- Roupas de praia, chinelo e protetor solar mais nada! Bom humor vai me ajudar muito!

Será que ele havia percebido que às vezes eu fico mal humorada... Penso que sim!

Foi o melhor final de semana da minha vida. Eu poderia ter morrido na segunda-feira seguinte a esse final de semana de praia. Tudo perfeito, casa simples e confortável, clara, fresca. Praia limpa, poucos vizinhos. Nós

conversamos e acertamos algumas arestas e ele contou que me paquerava há meses e eu nunca olhei para ele. Por essa razão ele me derrubou suavemente no mercado para ter uma chance. Inacreditável!

Em 10 meses, casamos Dr. Geraldo e eu. Ele era pediatra e amava crianças. Tivemos gêmeos, dois meninos. E aí eu fiz um pedido:

- Posso escolher os nomes?

Geraldo aceitou, mas nunca imaginou o nome que estava na minha mente... Eu só chegara ali, até ele, naquela cidade mediana do interior paulista, graças ao meu grande amigo Erasmo Carlos.

Então os gêmeos se chamaram: Erasmo e Carlos.

Geraldo não acreditou na minha sina com o Erasmo – Fecha a porta, meu bem. Mas este passou a ser nosso mantra. Quando algo de ruim acontecia, Geraldo dizia:

- Fecha a porta, meu bem; que a nossa paixão é delicada!

Os gêmeos fizeram 5 anos no último domingo e eu (inadvertidamente) estou grávida de novo. Geraldo disse que ele vai escolher o nome desta vez. Estou com medo que seja Elizete ou Dolores – elas cantavam dores de amor. Será que o Geraldo gostava desse tipo de música quando jovem? Estou preocupada!

Bebel Pozzi



Bebel Pozzi nasceu no Rio de Janeiro, no Brasil. É graduada em Literatura brasileira e inglesa pela Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fez especialização em Português como língua estrangeira e trabalha como professora de português para executivos estrangeiros. Os livros sempre foram seus companheiros desde a infância. Ela escreve desde os 18 anos; diários, crônicas e contos curtos. Bebel recentemente publicou um livro infantil “A garota que amava beterraba” pela editora “Ases da Literatura”. Email: isabelcpozzi@gmail.com | Instagram: [bebel_pozzi](#). | Facebook: [Bebelpozzi](#).



QUASE UMA ESTRANHA

Enquanto eu olhava aquela mulher, buscava reconhecer seus traços. Ela me parecia familiar, mas a boca... a boca, não!

A pele clara também se revelava para mim, porém as manchas acumuladas denunciavam uma estranha. Havia também dobras persistentes nos cantos dos olhos e o contorno delicado daquela face havia perdido certo grau numa escala descendente. Mas todo rosto é único e minha memória remexia seus registros, analisava as evidências. Certeza era de que eu já a havia conhecido. Não era uma estranha. Era alguém que fazia meu íntimo vibrar e meu coração reconhecê-la. Mais uma vez mirei os ângulos do nariz e ali encontrei a certeza do engano, suas dimensões eram maiores do que a vaga recordação supunha. Olhei avidamente para os seus olhos e quando vi que também me olhava, desviei rapidamente. Mas foi aí que a reconheci. Hum, aqueles olhos eram os dela! Olhos de um verde-azeitona que brilhavam com uma dose de atrevimento, in-con-fun-dí-veis. Estes eu os vi por muitas vezes, desde os 6 anos de idade quando me penteava em frente a esse mesmo espelho, na humilde casa de minha infância, sempre que ao desviar dos acastanhados fios dourados, escapulia um olhar para eles. Há mais de 50 anos eu os vejo e eles me dão a certeza de que ainda sou eu.

Susana Stähelin



Susana Stähelin é poetisa e faz parte do grupo "Escritores do Belo", um braço da Academia Catarinense de Cordel; é também escritora dos romances: "Fios que sangram" e "As chaves não caem como as folhas". Produz conteúdo literário no canal do YouTube: Susana Stähelin. É membro da Academia de Letras do Brasil - Santa Catarina - Seccional São Francisco do Sul. Formada em Letras e Pós-Graduada em Literatura Brasileira, leciona na rede estadual de ensino.



A INQUILINA

Era uma noite agradável de lua cheia e Camila estava sentada na varanda bebendo uma taça de vinho. Era uma mulher de 35 anos, recém-separada e que ainda tentava se acostumar a ficar sozinha naquela casa enorme. Para ajudá-la a vencer a solidão, havia decidido alugar um dos quartos para moça que se mudaria no dia seguinte.

Camila trabalha em home office como Técnica de TI, o que facilitava sua vida já que não precisava se deslocar diariamente para o local de trabalho. Gostava do trabalho, afinal, era muito mais simples lidar com hardware, software e com os mais complexos sistemas operacionais do que com seres humanos.

Conhecera seu ex marido quando tinha apenas 17 anos e aos 20 já estava casada. Havia se casado virgem, como mandava o “manual de boas maneiras para mulheres decentes”. Sua infância e adolescência foi marcada pela rigidez dos pais, especialmente de seu pai, e, achava que quando se casasse, iria ter mais liberdade. Infelizmente não foi o que aconteceu.

Seu marido sempre fora um homem muito bem encaixado na sociedade, ou seja, tinha duas personalidades: uma usada fora de casa e outra que só mostrava dentro de casa, com ela. Ainda assim, Camila ficou arrasada quando o marido as abandonara para morar com outra mulher.

No dia seguinte, quando o relógio marcou dez horas, a nova inquilina chegou, carregando apenas duas malas pequenas. O nome era Ariadne, e ela era iluminada, sorridente e emanava alegria por onde passava. Camila encantou-se imediatamente.

Certa noite, Camila tomava sua taça de vinho quando Ariadne se aproximou com seu sorriso inebriante.

— Boa noite Camila, posso te fazer companhia?

_ Claro, sente-se! Pegue uma taça de vinho para você.

Ariadne se serviu e as duas ficaram por algum tempo em silêncio, Ariadne de olhos fechados, aspirava o ar fresco da noite e Camila a olhava com muita admiração.

_ Você é casada, Ariadne?

A mulher sorriu.

_ Sou casada com a vida e comigo mesma.

_ Mas nunca se casou?

_ Sim, nasci casada, comigo...

Camila olhou para a mulher sentada a sua frente com admiração crescente.

_ Mas sei o que quer dizer, e nesse sentido, não, nunca me casei. Gosto de liberdade, gosto de fazer o que quero, de sair com quem eu desejar e de fazer sexo quando e com quem quiser.

_ E sua família nunca te cobrou?

Ariadne a olhou surpresa.

_ E por que o fariam? Eu tenho controle da minha vida. Por que você pergunta? Você se casou obrigada?

Camila suspirou profundamente. Nunca havia pensado daquela maneira.

_ Não exatamente!

Ariadne sorriu e acariciou a mão de Camila.

_ E o que isso significa?

_ Bem, meus pais eram muito conservadores, e quando conheci meu ex marido, que frequentava a mesma igreja que nós, eles me...incentivaram a me casar.

_ Mas você o amava?

Camila ficou em silêncio, afinal, nunca havia parado para pensar naquele assunto. O que era o amor? Convivência? Respeito? Ela sempre respeitara o marido, mesmo sabendo que tal respeito não havia sido recíproco.

_ Seu silêncio diz muito, sabe disso, não?

_ Eu nunca parei pra pensar nisso. Acho que eu queria fugir da rigidez de meu pai, e, não deu muito certo.

_ Qual foi o motivo da separação?

_ Foi minha culpa...

Camila estava achando estranho aquela situação, até porque nunca havia conversado com outra pessoa sobre seus sentimentos, mas Ariadne a deixava confortável.

_ Sua culpa? E quem disse isso?

_ Bem, ele queria filhos, e eu não fui capaz de dar-lhe. Ele arrumou outra mulher e ela engravidou.

Houve um silêncio, então, Ariadne colocou a mão no ventre de Camila, a encarou e sorriu.

_ E quem disse que esse é um problema?

Camila a encarou confusa.

_ Bom, o papel de uma boa esposa é ter filhos...

_ E você? Queria mesmo ser mãe?

A pergunta a pegou desprevenida e Camila não soube responder.

_ Nunca pensou nisso, não é? E sabe por quê? Você nunca se colocou como a protagonista de sua vida. Foi ensinada apenas a servir.

Camila olhou para o horizonte por alguns instantes.

_ Bem, acho que vou dormir. Boa noite.

_ Boa noite Camila....Ei, amanhã vou em uma celebração muito especial, por que não vai comigo?

_ Eu... não sei..talvez.

— Você vai gostar, pense com carinho.

Camila colocou a taça na pia e ficou observando Ariadne indo para seu quarto. Era linda, feliz e livre, de um modo que ela nunca pensara em ser.

No dia seguinte, bem cedo, Camila estava na fila da padaria do supermercado do bairro. Todos os dias ia até lá, não por que achava que o pão era o melhor, mas porque achava o balconista, que se chamava Eduardo, muito bonito. Sabia que ele nunca lhe daria atenção se não fosse uma cliente, pois era bonito demais para sua baixa autoestima, mas, ainda assim, gostava de vê-lo sorrir, com toda a sua simpatia e com todos os seus músculos.

Durante todo aquele dia, não viu Ariadne, mas resolveu que iria na festa com ela, afinal, estava precisando mesmo se livrar, ao menos um pouco, de suas amarras. Queria e precisava se divertir. Então, naquela noite, vestiu seu melhor vestido e esperou por sua inquilina, que chegou, como sempre, sorrindo.

— Que bom que resolveu ir. Tenho certeza que a partir de hoje você olhará a vida com outros olhos.

Camila não entendeu muito bem mas sorriu e acompanhou sua inquilina.

Quando Camila acordou no dia seguinte, já era quase meio dia. Ainda tonta, sentou-se na cama, esfregou os olhos e tentou se lembrar da noite anterior, mas, tudo o que vinha à sua mente eram fragmentos desconexos e confusos.

Camila foi até a cozinha, ligou a cafeteira e fez um café bem forte. Sua mente ainda tentava encaixar as peças que faltavam da noite anterior. O que havia acontecido?

Foi até o quarto de Ariadne, pensou em bater, mas desistiu. Encheu outra xícara de café e sentou-se na varanda. Tentava desesperadamente

buscar alguma lembrança da noite anterior, mas sem conseguir. Sorveu o café da caneca, e, então sentiu um gosto estranho, metálico e ligeiramente adocicado. Assustada, olhou para a caneca e viu um líquido vermelho vivo. Camila jogou a xícara e percebeu que o líquido preto havia sujado sua parede. Era apenas café.

Dirigiu-se até seu quarto, abriu o notebook para iniciar seu trabalho, mas se deparou com uma notícia inesperada: Eduardo, o atendente gato do supermercado, havia sido assassinado com mais de vinte facadas. Camila ficou horrorizada. Quem seria capaz de cometer uma barbaridade dessa? Então, sua mente (pregando uma peça?) mostrou-lhe imagens dela, de Ariadne e de Eduardo fazendo sexo.

Naquele dia não teve coragem de ir até o supermercado, mas imagens estranhas e mórbidas continuaram a surgir em sua mente. Em uma dessas imagens, ela, Eduardo e Ariadne riam e se divertiam nus em uma cama, então Ariadne cortou o seu braço direito, encheu uma taça com o sangue e entendeu em sua direção. Camila, sem pensar, bebeu em um único gole.

Camila deu um grito de terror com as imagens que lhe surgiam e sem saber o que fazer, foi até o quarto de Ariadne e entrou, encontrando-a dormindo profundamente. Camila a sacudiu com força, até que acordasse.

_ Nossa, o que foi?

_ O que aconteceu ontem a noite?

_ Como assim? Não aconteceu nada.

_ Estou tendo algumas lembranças estranhas, eu você e o Eduardo transando e bebendo...sangue.

Ariadne sentou-se na cama e a olhou com curiosidade.

_ Caramba, você tem fantasias estranhas.

_ Como assim?

Novas imagens surgiram à mente de Camila e nelas, as duas mulheres riam e dançavam diante do corpo ensanguentado de Eduardo. Camila sentiu seu sangue desaparecer de suas veias.

_ O que houve? – Perguntou Ariadne – Estou ficando preocupada. Camila olhou para a mulher que mantinha o semblante calmo e sereno.

_ O que fizemos ontem a noite?

_ Nós? Como assim?

_ Na festa que fui com você. Não se faça de doida.

_ Camila, não sei do que está falando... você não quis ir. Disse-me que tinha outro compromisso.

Camila sentiu como se uma flecha atravessasse seu corpo. O que aquela mulher queria?

_ Por que está fazendo isso? Eu saí com você.

Ariadne, que mantinha o semblante calmo, a encarou, acariciou seu rosto e sorriu.

_ Não minha querida, você não saiu comigo. Pode perguntar para qualquer pessoa presente na festa se quiser. Eu fui sozinha, mas você realmente saiu de casa ontem. Saiu antes de mim.

Camila sentiu um enjoo, saiu correndo dali e foi para o seu banheiro. Vomitou muito, como se quisesse se livrar dos fantasmas que a atormentavam. Então, viu na pia um copo com restos de um líquido vermelho. Ariadne bateu à porta e entrou. Ela puxou Camila para perto de si a abraçou apertado.

_ Estou aqui por você, e não vou te julgar em hipótese alguma. Ficou muito tempo aprisionando seus desejos, por isso está se sentindo assim agora.

Camila encarou a mulher à sua frente.

_ Como assim? Acha que estou mentindo? Que nada do que estou lembrando é real?

Ariadne a acariciou e beijou-lhe de leve os lábios.

_ Nada é real e tudo é real. Tudo é questão do que você escolhe ser, do que escolhe acreditar e do que escolhe sentir.

Camila encarou a mulher e, então, todo o desejo que escondeu durante aqueles anos explodiu. Ela

abraçou forte Ariadne e aceitou o beijo quente e cheio de paixão.

_ Eu não entendo...

Ariadne colocou o dedo nos lábios de Camila.

_ Não diga nada, apenas sinta.

Ariadne tirou suas roupas e começou a despir Camila, teve um último impulso de resistir, mas acabou se entregando e ambas fizeram sexo ali no carpete do quarto.

As duas ficaram abraçadas por algum tempo. Então Camila olhou para a bela mulher ao seu lado.

_ Eu não entendo...

_ Quando uma mente fica presa por muito tempo, pode entrar em colapso.

_ Como assim? – perguntou Camila.

Ariadne começou passar os dedos no peito nu de Camila.

_ Você ficou presa por muito tempo, e agora você finalmente encontrou um fio para te ajudar a sair do labirinto de sua mente.

Camila estava cada vez mais confusa.

_ Quem é você?

Ariadne sorriu e a beijou novamente.

_ Digamos que sou aquela que lhe trouxe o fio para ajudá-la a conseguir fugir de sua prisão. Eu vim te mostrar como experimentar tudo o que a vida te apresenta. Eu vim te ajudar a realizar seus desejos.

Naquele momento a campainha de sua casa toca, trazendo Camila de volta à realidade. Ela vestiu um roupão e se dirigiu até a porta. Quando a abriu, viu vários policiais parados.

Camila se assusta, e olhou para o lugar onde Ariadne estava, mas não a vê. Os policiais entram, Camila procura o apoio de sua inquilina, mas ela não está em lugar nenhum. E ela não aparece nem mesmo quando os policiais a algemam e a colocam no carro para conduzi-la até a delegacia.

Malu Zanoli



Malu Zanoli, nascida em setembro de 1975, na cidade de Rinópolis, São Paulo, moradora de Louveira – SP. Graduada em Letras e Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Letras, área de Filologia e Língua Portuguesa pela mesma instituição. Atualmente, cursa graduação de Cinema e Audiovisual pela UniCesumar. Fez o curso de Leitura Criativa: Roteiro na Fundação das Artes de São Caetano do Sul (Fascs), e agora faz o curso de Produção Cultural também na Fascs. Amante da literatura e do Cinema, desde criança escreve contos e poesias e foi membro da Academia Infantil de Letras e Artes de Jundiaí. Atualmente, trabalha em uma trilogia ficcional e também em um roteiro para um longa-metragem com mais dois roteiristas. Instagram: @mlzanoli.



DIONÍSIO PROFANO

Em cada taça de vinho há um Dionísio gargalhando.

Dionísio, deus da Mitologia Grega, narrado em poesia e prosa, adorado e odiado, profano e fértil, simboliza uma imensa teia de aranha, cujos fios são imbricados nos prazeres carnavais, no êxtase e no ébrio. O deus equivalente a ele, na Mitologia Romana, é Baco. Dionísio nasceu de uma mãe humana, a mortal Sêmele e do deus magnânimo Zeus. Ambos, Baco e Dionísio são considerados deuses do vinho, por isso, profanos. Eles ensinaram os prazeres da vida, mas também, os caminhos da embriaguez, por isso, instinto, emoção, desejo e amor.

Em *O Nascimento da Tragédia*, de Friedrich Nietzsche, o filósofo traça comparações entre o deus Apolo e Dionísio e, mostra como essa união gera a tragédia ou o surgimento do Helenismo. Helenismo, porque a beleza irresistível de Helena faz surgir a Guerra de Troia. Homens poderosos desejavam ardentemente a princesa, sinônimo de embriaguez e amor carnal. Ela se casa com Menelau, mas é raptada pelo rei de Troia. Eis o início mitológico da guerra: amor, sedução e desejo incontrollável, por isso, trágico.

Nietzsche diz que a tragédia surge por meio dos aspectos apolíneos e dionisiacos da vida humana, vindo dos deuses. Apolo é o deus da ordem, clareza, razão, sensibilidade e harmonia, ele é sagrado; Dionísio, o caos, a embriaguez e o êxtase, ele é profano. Mesmo Dionísio sendo uma força vital, junto do sagrado gera tragédia. Formam uma dicotomia, porque indissociáveis. O ser humano é feito de razão e intuição, de embriaguez e lucidez.

Dionísio e Baco são figuras mitológicas tão importantes que, até hoje, fala-se de um ou de outro. Sophia de Mello B. Andresen, em seu livro *Dia de Mar*, traz a poesia *Dionysios*, em que descreve o mito como o deus da abundância de Setembro, termo este, grafado, no poema, em maiúsculo: “Entre as árvores escuras e caladas, o céu vermelho arde, nascido da secreta cor da tarde, Dionysio passa na poeira das estradas”. A poeta assimila o deus grego aos frutos de Setembro, cujo rosto e corpo têm a perfeição avermelhada como o céu à tarde, o pôr do sol. Na abundância dos frutos de Setembro habitam a sua face e cada membro. “Tem essa perfeição vermelha e plena. Essa glória ardente e serena que distingui os deuses dos mortais”.

Sophia, encantada com a antiguidade Clássica, fala dos deuses do Olimpo, em seus poemas, representando abundância, beleza, perfeição, plenitude e glória, características que, segundo ela, estão acima dos mortais. Com isso, enfatiza a beleza de Dionysio, com corpo e face, assimilando o deus à multiplicidade de Setembro, mês personificado, que designa o início de outono, com as mudanças de cor, nas paisagens e a abundância dos frutos.

Dionísio é vida, assombro, encantamento, elevação e embevecimento. É vida, alegria e contentamento, rei das festas e da vida hedônica. Sua figura icônica está, ainda, associada a dois animais. Ao bode pelas características positivas, como a força vital, a sexualidade e a fertilidade abundante; e pelas forças negativas, como o ocultismo, lados sombrios e diabólicos. Muitas culturas antigas representavam o diabo pela figura do bode. Ao tigre, pela “força, majestade, astúcia, independência, poder e ferocidade”. Nesse sentido, o mito de Dionísio expande-se ao instinto e ao primitivismo do ser, ele é a origem do homem entregue ao êxtase, mas,

também e, principalmente, subserviente às transformações. Dionísio é um caminho múltiplo, híbrido e carnal.

Sua imagem é representada por um homem forte e seminu, adornado por uma taça de vinho nas mãos, e cachos de uvas, na outra, traz consigo um cajado cheio de videiras em folhas. Geralmente, as vinícolas usam a imagem do deus para representar a beleza, o aroma e os prazeres da vida, por meio da bebida inebriante, cor de sangue (e por isso vida), como, por exemplo, a Vinícola Aurora, em Bento Gonçalves, Rio Grande do Sul. As bacanaís eram festas do deus Baco, cuja desmesura fazia parte, incluindo, excessos no comer, nas bebedeiras e nas práticas sexuais. As Dionisiácas eram as festas em torno de Dionísio, carregadas de rituais de dança, canto, teatro, bebedeiras e exuberâncias, nos pratos, nas frutas, nas taças. As festas tinham um aspecto libertador.

Embora Sophia de Mello Breyner Andresen remeta à antiga literatura greco-romana, em suas criações poéticas enaltecendo Dionísio como um deus superior às belezas da natureza, é a escritora e poeta Hilda Hilst quem significou, e até subverteu, a história de Dionísio. Em seu poema *Ode Descontínua e Remota para Flauta e Oboé de Ariana para Dionísio*, Hilst constrói o imaginável e o inimaginável acerca do mito e, dessa forma, mostra a infinitude representativa em torno do deus.

Segundo a mitologia, Ariadne, princesa de Creta, conhecida por sua beleza e seus cabelos louros como o sol, filha do rei Minos e da rainha Pasífae, apaixona-se, perdidamente, por Dionísio, e ele por ela, assim que a vê. O amor é tão intenso que eles se casam e vão morar no Olimpo. O amor e a celebração do casamento dos amantes são representados em infinitas telas, de modo a imortalizá-las. Ariadne recebe uma coroa de estrelas de presente do amado, que mais tarde, torna-se a constelação inteira e a Aurora Boreal.

Há muitas versões distintas sobre a história de paixão entre eles. Os artistas, de épocas e lugares distintos, pintaram Ariadne e Dionísio, são eles: Ticiano, Giambattista Pittoni, Guido Reni e Sebastião Ricci. A obra *Baco e Ariadne*, de Ticiano Vecellio, encontra-se na Galeria Nacional de Londres, e *Dionísio e Ariadne*, de Giambattista, no Acervo do Museu de Arte São Paulo, desde 1949. Há, ainda, uma infinidade de livros que contam a história de amor entre a bela e irresistível Ariadne e o inebriante Deus do Vinho.

Hilda Hilst imortalizou o deus grego, transformando-o em poesia. Ela subverte a ordem simbólica da história em duas instâncias, a primeira é a mudança do nome Ariadne, da princesa de Creta, que passa a ser Ariana e, no poema, é canção e poesia, e revela um Dionísio que se mantém, na ausência e na presença de si mesmo e do outro. Esse mesmo deus que se traduz como criatividade, transformação e sedução, só existe, para Hilda, porque Ariana canta, ininterruptamente. Hilda nega a passividade da princesa Ariana e a coloca como semelhante, mesmo sendo mortal. “A dualidade entre ausência do amado e a presença da criação poética é o cerne da construção”, diz Isabella Vaz.

A poesia *Ode Descontínua e Remota para Flauta e Oboé de Ariana para Dionísio* é dividida em dez cantos, portanto imensa, caudalosa, como citado anteriormente. Seguem alguns trechos da canção II:

É bom que seja assim, Dionísio, que não venhas

Voz e vento apenas das coisas do lá-fora

E sozinha supor que se estivesse dentro

Essa voz importante e esse vento das ramagens de fora

Porque tu sabes que é de poesia minha vida secreta

Tu sabes, Dionísio, que ao teu lado te amando

Antes de ser mulher ou inteira poeta

E que o teu corpo existe, porque

O meu sempre existiu cantando

Meu corpo, Dionísio, é que move o grande corpo teu

Ainda que tu me vejas extrema e suplicante

Quando amanhece e me dizes adeus.

Trata-se de construir poeticamente as inquietações humanas, pelo imaginário. Por meio da dicotomia presença/ausência de Dionísio, no pensamento de Ariana, símbolo do canto e da poesia, Hilda constrói a ode por meios míticos, simbólicos e imagéticos. O eu-lírico é quem “evoca o deus fugidio, inapreensível, masculino, feminino e andrógino”. A poesia declara que, mito e literatura harmonizam-se, no canto amoroso, construído por Hilda.

Na dissertação de Mestrado *A Energia de Dionísio em Hilda Hilst*, de Karyne Pimenta de Moura, da Universidade Federal da Uberlândia, a autora usa de várias vertentes mitológicas e teóricas para desvendar a criação poética de Hilda, alicerçada na inquietude humana, no amor, no desejo e na tentativa de união das metades. Para ela, essa tentativa de união vem da “fragmentação de um estado original duplo”, visto e revisto na mitologia greco-romana. Dionísio não se relaciona ao sagrado, mas, sim, ao mundano, ao laico.

Karyne utiliza-se das teorias do duplo em *Os Mitos Platônicos*, de Genevieve Droz, em que a autora francesa fala sobre o duplo. Nele, ela conta a história mitológica de que o ser humano se orgulhava de sua duplicidade — masculina e feminina, e de sua totalidade andrógina. O orgulho era tão intenso, tão glorioso, que Zeus manda cortar cada ser existente em duas partes, o que acarreta na busca incansável pela metade faltante, que se vê “mutilada e carente”. Esse ato, segundo Karyne, “inventa a procriação por acasalamento e uma andança pela fusão com a unidade fragmentada”. E assim, com essa explicação, Hilda conduz o canto lírico em um sentimento de falta do Outro, na tentativa de unir o Eu e o Outro, Hilda poetiza a história, afirmando que, mesmo separados, estão juntos, porque um é o outro, e um só existe porque, o outro é poesia, é canção.

Na poesia, Ariana é a parte que irá produzir o inteiro e vice-versa. O que o eu-lírico diz, no início da ode, traduzindo o sentido das linhas versais, é que o duplo se transforma em uno, por meio da poesia, da canção e da existência da construção artística de Hilda, e que, de fato, não é necessário que haja a presença constante do deus, porque ele é ela em canção, porque, ela é seu corpo em poesia, ela é mulher e androgenia: “É bom, Dionísio, que não venhas, porque minha vida secreta é inteira poesia, e eu sou poeta, antes de ser mulher, e seu corpo só existe, porque o meu permanece cantando”.

É de um lirismo emocionante, tão profundamente pleno de amor e desejo, busca e união, que Ariana se faz canção, no ato de se fazer poesia. Enquanto Hilda constrói poesia e canção, une, pelo eu-lírico, a princesa e o deus. Enquanto o corpo de Ariana cantar e poetizar, enquanto Hilda construir lirismo, Dionísio terá seu corpo presente, mesmo na ausência, e Ariana jamais será passiva. Dionísio encontra (ao acaso) sua metade, mesmo inconscientemente, inebriado e inebriando. Ariana e Dionísio são

um só elemento, um só corpo estruturado em cantos líricos. Não é necessário mais a busca desesperada pela metade, porque um é o outro, independentemente, de ser homem, mulher ou andrógino. Hilda faz isso, ela une e separa, para depois unir, novamente.

Hesíodo, poeta grego do século VIII a. C., em sua *Teogonia*, cita a história de Ariadne como a princesa loura e a esposa de Dionísio. Narra desde o envolvimento de Ariadne com Teseu até o momento em que, após ser abandonada, na Ilha de Naxos, é encontrada por Dionísio, e a paixão entre eles é explosiva. *Teogonia* é uma obra que descreve as origens e a genealogia dos deuses. A história de amor entre Dionísio e Ariana é de completitude, transformação e criatividade e, na construção de Hilda, amor, canção, poesia e unicidade.

Vânia Coelho



Nascida em São Paulo, Capital, é jornalista, palestrante, escritora e mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, trabalhou em vários veículos de comunicação, e lecionou por mais de 30 anos em universidades, nos Cursos de Jornalismo, Direito, Psicologia e Letras. É membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira de Nova York. Foi orientadora de Trabalhos de Conclusão de Curso, TCCs, das turmas de Jornalismo; editora-chefe do jornal Institucional **Contraponto**; redatora-chefe do **Cinco Minutos UnG** e coordenadora do **UnGNews**. Sua carreira jornalística deu-se dentro das academias. Trabalhou, também, na rádio web *De Prima*, responsável pela **Agenda Cultural**, às quintas-feiras - com dicas

de filmes, peças de teatro, shows, exposições e livros. Compôs o Júri Internacional do FESTFRANCE – mostra francesa de 2021 que engloba animação, filmes e curtas. Alimenta o site <http://literacomunicq.blogspot.com.br> - com resenhas críticas de cinema e literatura. É autora de *Ritos Encantatórios*; *Aspectos Teóricos da Linguística*; *Mulher na Idade Média* – In: História e Resistência; *Costureira dos Malditos*; *Os Inocêncios*; *Café com Sartre*; *Tormenta e A Incrível Lenda da Inferioridade, volume I*. Este último lançado em maio de 2021, em Portugal, disponível nos formatos digitais e físicos. O formato físico encontra-se nas livrarias Martins Fontes, Cultura e nos sites da Amazon. Lança em março de 2023, mês em que se comemora o Dia Internacional das Mulheres, o volume II de *A Incrível Lenda da Inferioridade*, em que denuncia as atrocidades misóginas contra o feminino e ressuscita fragmentos da vida e da luta de mais 33 mulheres, cuja importância social, política, científica, artística, cultural e econômica, o sistema patriarcal desautorizou. Os volumes I e II da obra *A Incrível Lenda da Inferioridade* resgatam o nome de 66 mulheres reais que foram silenciadas, ocultadas das páginas da história oficial. O volume II também denuncia as atrocidades (práticas cruéis) direcionadas às mulheres desde tempos primórdios. Hoje, milita em prol da igualdade de gênero com palestras e debates, de modo a fazer o ouvinte refletir sobre o direito à liberdade e à felicidade. Atualmente, tem palestrado com frequência na Casa de Cultura Odisseia, em São Paulo, e participa, ainda, de forma contínua, dando entrevistas em diversas emissoras de rádio, televisão e internet sobre os seus livros.



GARRINCHA – O DIONISO DO BRASIL

Lá para os idos anos de dois mil e oito, completaram-se vinte e cinco anos da morte de Garrincha. Na ocasião, eu, meu marido, André Barros, nosso caçula, Juca, e alguns amigos botafoguenses, dentre eles o jornalista Paulo Marcelo Sampaio, fizemos uma excursão ao cemitério de Pau Grande, distrito de Magé, Estado do Rio de Janeiro, terra natal do maior craque de todos os tempos.

O lugar oferecia uma bela visão do vale abraçado por um anfiteatro montanhoso onde serpenteia uma antiga estrada para Petrópolis. Um funcionário indicou a sepultura que supostamente abrigava seus restos mortais, no entanto, ali havia somente uma lápide com o nome de batismo do Mané inscrito, largada sobre outra, de uma criança, considerando-se o intervalo entre nascimento e morte, de sobrenome eslavo. Era impossível que se tratasse de um familiar daquele que foi chamado de 'Alegria do Povo'. O fato é que sua sepultura não foi encontrada naquele dia!

Na sede do 'Esporte Clube Pau Grande', primeiro time em que Garrincha jogou, fora um grupo de frequentadores que ali almoçavam e tomavam cerveja, havia somente algumas fotos dentro de uma vitrine do mais lendário contrterrâneo.

Coincidência ou não, naquele mesmo dia, ainda existia Jornal do Brasil impresso, e sua tão apreciada 'Revista Domingo' havia trazido uma matéria intitulada 'O Maraca é nosso'. Duas páginas eram atravessadas por uma foto de Zico prestes a chutar uma bola e outra com um dos túneis que dão acesso ao gramado. As seguintes apresentavam dados históricos,

curiosidades, medidas arquitetônicas, lotações máximas de pagantes, mapas do estádio com a localização da estátua de Bellini, a calçada da fama, o melhor lugar para se assistir aos jogos, fotos de Pelé e de Didi, quem marcou o primeiro gol naquele estádio, além do 'Senhor Embaixadinha' - Marcio Pereira, que equilibrava a bola nos pés em troca de gorjetas - e de João Carlos Costa Santos - guia poliglota que à época apresentava o estádio a turistas.

Estão estranhando alguma coisa?

Nenhuma foto de Garrincha!

Seu nome é mencionado somente na coluna mais estreita de toda a reportagem, no canto direito de sua última página, quase engolida pelos grampos da revista, onde se relata uma suposta promessa que o então Secretário de Esportes e Turismo do Estado Eduardo Paes, teria feito à torcida do Botafogo, de retirar o busto de Garrincha da rampa de Bellini, porque este sofria muitos tapas das outras torcidas. De fato, ele foi trocado de lugar posteriormente.

Só isso???

O abandono da sepultura não encontrada no cemitério de Pau Grande, a ausência de referência à sua pessoa e a necessidade de remover seu busto para um lugar menos exposto, a falta de maiores registros...

Ao mesmo tempo, no imaginário popular, na memória de quem o viu jogar, não existe quem discorde de que Garrincha foi o maior jogador de todos os tempos, relato transmitido pela história oral às gerações seguintes, a quem só restam antigas imagens em preto e branco.

Aprendi desde cedo que 'a história é contada pelos vencedores'. Eles são os donos da caneta e do papel que será emoldurado em vidro e pendurado na parede do museu.

Apesar de seu talento inimitável, Garrincha jamais se afinou com o estereótipo do 'vencedor'.

Se eu mesma não o vi jogar, imagina meu filho Juca, à época, com sete anos, que me explicou: "Ele 'brincava' com a bola".

A capacidade de eleger os conteúdos a serem registrados consiste numa das mais notáveis formas de Poder. Poder, na definição da Sociologia, consiste na 'probabilidade de impor sua própria vontade dentro de uma relação social, contra qualquer resistência'. Esta imposição não se limita a uma circunstância específica, mas pode ocorrer pelo emprego de violência, pela propaganda, dinheiro, sufrágio, influência da sugestão, engano, palavra escrita. 'O corpo disciplinado é a base do gesto 'eficiente'. 'O 'poder' é também a aptidão de executar, realizar, produzir resultados. Invariavelmente, porém ter um objetivo definido para alcançar resultados impede a brincadeira. Afinal, brincar não visa a um fim, pois é um fim em si mesmo.

O gesto criativo mora em outra dimensão, pertence a outra ordem, brota em outro tipo de solo... é pleno, não passa batido pela existência presente como um fantasma de olho no futuro, ambicioso por 'chegar lá', conforme se dita às subjetividades das sociedades industrial, pós-industrial, moderna, pós-moderna, capitalista, pós-capitalista etc.

Exaltar Garrincha não interessa à ordem vigente!

Afinal, à medida que o tempo passa, somos cada vez mais educados a uma conduta que obriga a deixar de brincar!

Como brincar, com tantas tarefas estritamente definidas a serem cumpridas, se os meios devem necessariamente apontar para os fins?

Enquanto os registros ocupam-se de finalizações e números exibidos no placar, seu jeito de ser levou a máxima 'o importante é o processo' às últimas consequências. Mesmo assim, sem ter sido este exatamente seu objetivo, o processo ainda gerou resultados altamente eficientes: como nas Copa do Mundo de 1958, 1962 e na de 1966, em que dizem que Garrincha ganhou sozinho, pois Pelé havia se machucado. No entanto, a gente muito mais ouve falar disso do que lê. Por isso aproveito este espaço da Autorretratos.

Descrever um tipo de existência como essa exige uma sutileza semelhante à poesia de seus movimentos, impossíveis de serem descritos em gráficos biomecânicos: é bem mais fácil enumerar quantidades e apontar os vencedores típicos.

Corre-se o risco de se identificar com a inocência da criança e, vai que você gosta. Caso isso aconteça, o velho tabu é soprado pelos arautos de todas as civilizações decentes do

planeta: 'tudo estará perdido!'

O gramado do estádio não deixa de ser também um palco. Nietzsche enxergou as duas divindades constituintes da tragédia grega, onde se deitam as raízes do teatro: Apolo, na dimensão do espaço, o palpável, visível, mensurável, registrável; VERSUS Dioniso, na dimensão do tempo, o efêmero, aquilo que não pode ser pronunciado e que, quando almejamos agarrar, nos fogem as palavras.

O poder com suas pesadas botinas a destruir os frágeis brotos de flores selvagens no meio do capim. Indiferentes, simplesmente, sem outra opção, eles teimam em nascer e ... viver... e só.

De quantos nomes de poderosos chefes de Estado contemporâneos de Homero nos recordamos? Mas os versos do poeta cego andarilho chegaram até nós atravessando milênios de barreiras de registros escritos.

Num futuro longínquo, ninguém se recordará da matéria que o ignorou, mas certamente, o nome de Mané Garrincha ecoará como um lindo exemplo do que, contra todas as maquinações da eficiência neoliberal, o Brasil tem de melhor a oferecer ao mundo: a

alegria de brincar.

Salve Garrincha, o gênio das pernas tortas!!

Marta Bonimond



Marta Bonimond - vive e trabalha entre Rio e Niterói/RJ - é multiartista e professora universitária (UFRJ). Formou-se em Dança pela Faculdade Escola Angel Vianna, cursou Pintura na Escola de Artes Visuais do Parque Lage e tem Doutorado em Sociologia pela Universidade de Brasília, cidade em que viveu por 9 anos. Dirige a Trupe DiVersos Coletivo de Artistas e tem uma palhaça chamada Filomena Filona. Publicou o ensaio sociológico "Corpos em Obras" pela Editora Annablume.



A ARTE DA VIDA

Certo dia, um carro de luxo, mais brilhante que o sol, parou em frente à casa de Ícaro. Era um carro branco, com aros e calotas douradas. Dele saiu um amigo de infância, de terno branco e gravata bege, agora um homem que conhecia o mundo todo, com um nome que ecoava em revistas e telas de cinema: Lohan, o famoso modelo e ator.

Ícaro o reconheceu de imediato: aquele sorriso era o mesmo de trinta anos atrás.

— Ícaro, meu amigo, sou eu, Lohan! Lembra? Éramos melhores amigos quando crianças. Fui embora para Milão atrás do meu sonho de modelo. Hoje moro e trabalho em Paris. Deu certo, amigo, estava com saudade, e aqui estou!

— Claro que lembro, Lohan, quanto tempo! Mas como achou meu endereço? — perguntou Ícaro.

Lohan contou que perguntara na vizinhança. Ícaro o convidou a entrar em sua casa simples, mas que respirava arte. Nas paredes, quadros belíssimos; no chão, telas inacabadas. Lohan, ao ver aquilo, notou algo que ninguém havia percebido: o talento raro de Ícaro. Aproximou-se e sussurrou como quem revelava um segredo antigo:

— Você tem um dom, amigo. O mundo precisa ver o que você faz. Vamos para Paris, quero lhe mostrar um ateliê famoso.

Ícaro aceitou. Embarcaram juntos rumo à Cidade-Luz. Durante a viagem, Lohan contou histórias do mundo, falou das pessoas famosas que conhecera e dos lugares que jamais imaginara visitar.

Em Paris, levou Ícaro para comprar roupas e sapatos novos, passou-o na barbearia. Ícaro saiu renovado, elegante, pronto para uma grande

festa naquela noite: o lançamento de um carro de uma empresa da qual Lohan era sócio.

As festas que se seguiram eram como sonhos líquidos: champanhe borbulhante, risadas enchendo o salão, magnatas discutindo negócios e celebrando. Lohan e Ícaro tornaram-se inseparáveis. A arte de Ícaro explodia em cores e texturas, cada quadro revelando uma nova história.

No dia seguinte, Lohan apresentou os quadros de Ícaro a um dos homens mais influentes do mercado de arte. O impacto foi imediato: aquele homem ficou admirado com o talento e o convidou para trabalhar junto. Pouco tempo depois, Ícaro recebeu um troféu importantíssimo, consagrando sua obra como a mais exótica e valiosa do mundo. Esse prêmio foi a grande virada de chave. Sua vida mudou: milhões em dinheiro, convites, fama. Um ano depois, Ícaro e Lohan já não eram apenas milionários, eram lendas, reis de um novo renascimento, em que arte e vida se confundiam numa sinfonia de sucesso.

Os quadros de Ícaro passaram a enfeitar museus de Paris, seu nome ecoava nos salões mais chiques. E as festas luxuosas, que na infância eles sonhavam em dar, agora eram realidade. Viviam como deuses modernos, num eco do espírito dionisíaco: vinho, música, dança, alegria e liberdade.

Mas, apesar de toda riqueza, Ícaro e Lohan jamais esqueceram suas origens. Os corações deles permaneciam puros e humildes, lembrando a todos que a verdadeira riqueza não está no que se tem, mas no que se é, e no que se compartilha com o mundo.

O maior troféu não foi o dinheiro, mas a gratidão. Gratidão pela vida, pela arte e pela amizade que resistiu ao tempo. Porque a vida é um mistério — e brindar suas voltas maravilhosas é também uma arte.

Suélen Ferreira Moreira



Meu nome é Suélen Ferreira Moreira. Sou gaúcha, nascida na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, no dia 13 de dezembro. Sou técnica em Contabilidade, cursei a Faculdade de Tecnologia em Marketing e também estudei Espanhol. Atualmente, trabalho no ramo da moda há mais de 10 anos, atuando com vendas no comércio varejista. Sempre tive uma grande paixão por escrever e ler. Agradeço primeiramente a Deus por esse dom que Ele me deu, à minha família pelo apoio constante e às amigas maravilhosas que conquistei ao longo dessa jornada. Meu especial agradecimento vai para a Revista Autorretratos pelo reconhecimento do meu talento, pelo carinho ao lerem minhas crônicas e pelo incentivo que me deram para continuar escrevendo. Isso trouxe maior visibilidade e oportunidade para um trabalho que eu tanto amo! Acredite nos seus sonhos! Contato: contato@sumoreira13.



O FIM

Vejo ele se aproximando, último suspiro de outro amor meu, fraco, agarrado à esperança de escaparmos ilesos do abraço que o levará para longe. Essa morte que começa trabalhar muito antes de percebermos sua presença, antes do infelizmente, como uma brincadeira de meu gosto, nos fazendo acreditar que talvez possamos enganar o destino, contornar o inevitável, prolongar o que de alguma forma estava escrito nas linhas da nossa sorte.

Pensei que pudesse enganar a vida. Sim, que existisse algum tipo de magia ou reza capaz de fazer evaporar num sopro as nossas dores, salvar as nossas fatalidades; esse talvez tenha sido o meu descuido, ser inocente a ponto de não enxergar o que gritava à minha frente.

Eu me desculpo. No fundo tenho um pouco pena de mim. Tanta fé.

Será possível sobreviver a queda da decepção? Prosseguir e voltar a sonhar, e sorrir, e esquecer, e recomeçar? Pegar tudo o que sobrou e reconstruir uma nova vida, mais feliz, real, maior, recuperar o que restou de mim?

Estou aprendendo a remar contra a maré que teima negligenciar minhas virtudes.

Se não estiver atenta por essa que renasce tão convicta, ninguém estará, ou apoiará o que eu quero e não o que de mim esperam, assumindo que o que lhes basta atende também as minhas expectativas. Eu tentei acolher esse amor que recebi resignada. E por ele ainda sou grata, apesar do equívoco, da sua boca egoísta, covarde, das suas mãos, aplaudindo o meu ato, ao me ver disfarçar as dores, os sonhos, sufocar, ignorando as minhas mutações.

Preciso consumir a brasa em cinzas até não ficar quase nada. Quem sabe adubo para o solo onde plantarei as muitas que serei a partir de agora. Essa é a minha coragem enquanto arrumo as malas. Me escolher, me escolher, me escolher, levar comigo as coisas belas, é isso. Hoje sou o meu próprio projeto filantropo.

Paula Mazzoli



Paula Mazzoli é carioca, nascida e criada no bairro da Tijuca, Rio de Janeiro, escritora, formada em odontologia pela Universidade do estado do Rio de Janeiro. Trabalhou satisfeita como dentista por um quarto de século até decidir alçar novos voos, seguindo a intuição da sua alma contadora de histórias, cuidadosa do detalhe, observadora do afeto das relações. Encerrando um ciclo, abrindo espaço para o próximo. Hoje tem alguns de seus textos publicados em coleções de contos e antologias poéticas, e faz parte como colunista do site “Inconformidades”, voltado para os sabores, conquistas e descobertas da maturidade. Instagram: @eusouPaulaMazzoli.



QUAL É O SEU NÚMERO?

Meu marido sempre menciona que quando pequeno, o pai, ao chegar do trabalho, cumprimentava os filhos e lhes perguntava:

- O que fizeram de útil hoje?

Ele, sem perda de tempo, contava ter tirado boa nota na escola, o que fazia o pai pacientemente, explicar:

- Isso é sua obrigação! Quero saber o que fez a mais? Qual ação que teve para mudar positivamente a vida de outra pessoa?

Meu marido, ainda pequeno, não compreendia o abrangimento do que ele falava! E, todas as noites, Sr. Gilberto, persistia com a pergunta:

- Você ajudou uma pessoa a atravessar a rua? Mostrou o caminho correto a quem estava perdido? Fez um elogio sincero à sua avó? Trouxe algo para sua mãe?

Ele educava os filhos com valores sólidos, visão do que realmente importa e forma o caráter. Infelizmente, não o conheci; mas, aprendi a respeitar sua história e a amá-lo pelo grande homem que foi. Meu marido traz muito dele nas atitudes, palavras e no coração. E essa é a verdadeira herança!

Temos cumplicidade exacerbada e nossas conversas sempre servem para uma reflexão mais profunda e para nos ajudar na elucidação dos questionamentos da vida!

Quando ele me confidenciou essa premissa, comecei a pensar em quantas pessoas conheci com o mesmo discernimento, real despreendimento e entusiasmo! Quantos são capazes de fazer constantemente um pouquinho a mais, sem que seja pedido?

Sei a história de uma moça, vamos chamá-la Júlia, porque não quero revelar os segredos de ninguém, apenas mencionar seus feitos extraordinários para que sirvam de exemplo e toquem os corações do maior número de pessoas possível; divulgar o bem, também é uma ação necessária.

Bem, Júlia, foi mãe com pouca idade; tinha acabado de completar vinte anos e não sabia sobre a rotina que um recém-nascido exigia! Sua família, muito ocupada, não dispunha de tempo para cercá-la de afeto, mimos e cuidados. Era ela por ela e o bebê!

A menina nasceu saudável, mas com vinte dias teve catapora que contraiu na maternidade; e Júlia, como nunca havia tido o vírus, também adoeceu!

Ela ficou muito assustada, preocupada com a criança tão pequena e já precisando tomar antibiótico para se curar... A moça sempre se manteve envolta pela fé e foi o que a sustentou na ocasião!

Embora com febre alta e uma terrível coceira no corpo inteiro, o pediatra da menina recomendou que ela continuasse com a amamentação. E o que era um episódio lúdico entre elas, transformou-se em um pesadelo. Júlia mal podia segurar a menina no colo; dar-lhe de mamar, sentindo-se tão mal, era um suplício. Os seios ficaram muito cheios, sem serem esvaziados adequadamente e acabaram empedrados!

A jovem mãe também foi obrigada a tomar antibiótico específico, fazer muitas compressas e massagens até a solução do problema. A dor foi grande no físico e na alma! Amedrontada, decidiu nunca mais passar por aquilo e pediu ajuda e conselhos ao médico.

Foi então, que ele indicou seu nome como "ama de leite" para fazer doações diárias ao Banco de Leite! E cuidou pessoalmente de toda a documentação necessária para isso...

Quando mencionou à família o que pretendia fazer, todos, sem exceção, foram contra! A mãe, a voz mais ativa, posicionou-se em nome deles:

- Não faça isso! Você se comprometerá com algo que não tem ideia do que irá exigir de você! Simplesmente, não dará conta! E terá uma obrigação que será muito difícil se desvencilhar!

Porém, a moça encantou-se com a ideia e descobriu na ação um motivo real para sorrir!

Sem que ninguém, além do médico soubesse, recebeu primeiro a visita de uma doce senhora que levou os acessórios para a retirada e o armazenamento do leite com segurança e qualidade. Ela explicou a Júlia como usar a bomba de leite e o jeito correto de manter o líquido da vida em garrafas higienizadas na geladeira.

Uma vez por semana, vinha um veículo da instituição para recolher a sacola térmica com as oito garrafas completas do líquido precioso. Um compromisso sério que Júlia abraçou com o amor que acolhia na alma.

Comentando sobre o caso com meu marido, tentamos calcular quantas crianças foram salvas por ela! Júlia amamentou a filha e manteve a

doação por um ano e meio até o médico, após exames, aconselhá-la a parar!

Foi com tristeza que comunicou à senhora com quem tinha contato na instituição que não poderia mais contribuir com a doce missão! A senhora, embora lamentando internamente, nada disse à Julia. Reconheceu que a moça foi guerreira, prestativa e agradeceu por sua longa colaboração!

Eu e meu marido não chegamos especificamente a um número, mas ela tocou a vida de muitos recém-nascidos e seus familiares, que sobreviveram graças ao seu altruísmo!

Compartilhei com ele outra história tão especial e emocionante quanto a anterior...

Conheci um professor que além de brilhante na sala de aula, fazia além do que era imposto por contrato...

Era um homem extremamente inteligente, sensível e educado! Sua cadeira de ensino era a Língua Portuguesa e as diversas áreas que a disciplina abrange.

A escola em que trabalhava era particular; todavia, alguns alunos, especificamente, os filhos dos funcionários recebiam bolsas de estudo. Entre seus muitos alunos, havia um que lhe tocava o coração. Era um rapaz muito esforçado, porém com um histórico de saúde frágil e vida difícil. A mãe trabalhava na cantina da escola e não podia pagar-lhe por aulas particulares para aumentar seu rendimento escolar. Percebendo toda a situação, o professor procurou a senhora e ofereceu-se para auxiliar o menino gratuitamente após o horário convencional da escola.

- Poderei dar aulas aqui mesmo! O colégio permanece aberto até tarde!

- Infelizmente, não posso pagá-lo por isso! - revelou a mãe com tristeza.

- Não peço nada a senhora além de continuar fazendo o seu serviço com um sorriso sincero no rosto! Ajudarei seu filho porque vejo nele grande capacidade e a senhora continuará cuidando das crianças durante o recreio com a alegria que possa tocá-las pelo resto da vida!

Soube que o menino se tornou um excelente advogado! Conseguiu passar no vestibular e cursou uma faculdade estadual!

Quantos alunos tiveram a vida recheada de êxitos pelo "a mais" que o professor se dispôs a fazer?

Recentemente, conheci uma enfermeira oncológica que é destaque entre as pacientes. Uma moça com olhos que revelam o bem que a cerca, voz calma, doce, que acolhe os sentimentos de quem está enfermo! Ela cuida de cada pessoa como se fosse sua única paciente! Escuta, abraça e tenta, além dos curativos que faz, passar positividade, esperança e cumplicidade! Consegue fazer a diferença entre as pessoas tão fragilizadas pela terrível doença que buscam vencer! Nada disso é exigido pela equipe que faz parte! Ela se doa porque também já esteve no mesmo lugar inquieto e escuro de suas pacientes!

Ela é a bondade explícita em cada palavra que profere de cura. Nasceu com o dom da entrega! E isso é um dos maiores privilégios que Deus pode conceder porque toda doação, empenho e amor também carrega um pouco da Luz do Divino consigo.

Quantas batalhas ela ajudou a vencer? Inúmeras; pois, é no amor que começa a cura!

Outra história que não pude esquecer, emociona só de contá-la...

Chamaremos o protagonista de Ernesto. Homem simples que sempre viveu com pouco! Em excesso, sua honestidade, bondade e empatia! Hoje com setenta anos, pode orgulhar-se de sua trajetória...

Ele levantava duas horas antes do horário previsto para poder durante o caminho até o trabalho, ele sempre o cumpria a pé, levar alimento aos amigos com patas que encontrava. Ele fazia vários pacotinhos de ração e os guardava nos bolsos espalhados na roupa. Era conhecido no bairro como o anjo do amor! Quantos cães e gatos ajudou?

Ele mantinha mais de vinte amigos com patas no sítio que ainda mora; todos adotados! Precisava fazer o que fez? Certamente não! Fez porque seu coração pediu!

Tenho uma amiga que não quer seu nome divulgado porque acredita que as coisas boas, vindas do coração, só possuem valor se feitas no silêncio. Ela e o marido sempre trabalharam muito. Possuem uma vida abastada; fruto do grande empenho e boas escolhas que fizeram.

Cada roupa nova que compra, doa outros dois itens do guarda-roupa a quem precisa. Nada velho ou estragado; entrega peças seminovas, em excelente estado!

Eles costumam, uma vez por mês, cozinhar em exagero, comidas bem-feitas e saborosas e as oferecem aos funcionários onde moram!

Tocam muitas vidas com a certeza que aquilo que dividem serve para acalantar a rotina tão complexa de cada um...

E quanto a nós? O que fazemos de peculiar? Igual ao casal tão especial e amigos, agimos secretamente. Não precisamos de aplausos ou tapinhas nas costas para reconhecermos que carregamos, com orgulho e honra os ensinamentos do meu sogro.

Ele, ao longe nos vê e comemora cada boa atitude com louvor. Podemos sentir sua presença constante nos abençoando.

E assim, a herança que recebemos do meu sogro permanece intacta! Continuamos perguntando um ao outro:

- O que você fez de útil hoje? O que fez além da sua obrigação por alguém? Quantas vidas tocou? Fez um favor sem querer nada em troca? Ofereceu uma oportunidade a outra pessoa simplesmente porque podia? Doou algo porque queria somente enxergar o contentamento no olhar de quem recebeu? Doou seu tempo porque alguém precisava desabafar? Falou sobre Deus para quem estava desviado do caminho?

Ensinamos nossos filhos a se questionarem também e agora, eles repetem a atitude com nossos netos!

O legado do Sr. Gilberto continua sendo nosso maior tesouro e aprendizado!

Simone e Alexandre Fraenkel



Simone é paulista e Alexandre, gaúcho; o encontro se deu em Florianópolis onde vivem, casados há vinte anos. A harmonia entre os dois de tão perfeita reflete-se nas histórias que escrevem, sempre a quatro mãos. Gostam de trocar ideias com leitores interessados em saber como criam suas obras. E adoram dividir suas experiências de viagens. Viajar é paixão de ambos! "Costumamos dizer que durante o dia somos pessoas normais, iguais a qualquer outra; na madrugada, emprestamos nossas almas para darmos vida aos diversos personagens que criamos!". "Nosso interesse é entreter; oferecer elementos para o leitor sentir-se parte da trama! Para as nossas histórias ecoarem em seus corações o maior tempo possível!".



PARA EDUARDA COM AMOR

Neste espaço, compartilho um momento de amor e transformação: a chegada de Henry à vida de minha afilhada Eduarda. Um relato poético sobre o nascer de uma mãe e o amor que só se descobre quando se encontra um filho.

Carta poética:

Duda, minha menina,
eu vi você florescer.

Vi a vida sussurrar dentro de você quando descobriu que seria mãe.

Havia medo, havia surpresa, mas havia também uma luz que brilhava diferente no seu olhar.

Era como se o coração tivesse aprendido uma nova língua: a língua do amor infinito.

Cada mês da sua espera foi um capítulo sagrado.

Seu corpo se transformando, sua alma se moldando, sua juventude se abrindo em maturidade.

E Henry já estava ali, no silêncio dos seus dias, na força das suas noites.

Ele já te ensinava, com cada batida, que o amor é maior do que qualquer explicação.

E então chegou o grande dia.

O mundo respirou junto com você.

O tempo parou quando Henry abriu os olhos.

No instante do nascimento dele, também nasceu uma nova Eduarda — mais forte, mais inteira, mais mãe.

Eu senti, Duda, como se o universo inteiro tivesse se curvado para acolher aquele momento.

Ser mãe é isso: é caminhar entre a beleza e o desafio, é carregar no colo um pedaço da eternidade.

É sorrir mesmo com o cansaço, é chorar de emoção por coisas pequenas,

é descobrir em cada gesto uma razão nova para existir.

O amor de mãe não tem explicação porque não cabe nas palavras.

Ele pulsa, ele respira, ele transborda.

Henry é o seu presente e também a sua missão.

E eu sei, com todo o coração, que você vai viver essa missão com coragem e doçura.

Que você guarde para sempre a certeza de que este é o amor mais sincero e puro que alguém pode sentir.

Um amor que reinventa a vida, que dá sentido a cada amanhecer.

Eu me orgulho de você, Duda.

E agradeço à vida por me permitir assistir de perto a sua transformação mais bonita.

Com todo meu carinho e amor,

Ari Göisler



Sou Aricele Geisler, natural de Rio Grande, no Rio Grande do Sul. Cresci na icônica Praia do Cassino, a maior praia em extensão do mundo, onde os vastos horizontes e a brisa do mar moldaram minha paixão pela educação e pela escrita. Sou Professora, Historiadora, Geógrafa, Psicopedagoga e Pós-Graduada em Psicologia Positiva. Desde pequena, fui imersa em um universo repleto de livros, uma herança dos meus pais, ávidos leitores. Essa convivência despertou em mim um amor profundo pela leitura, que vejo como um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. Acredito firmemente que a leitura é o caminho para a construção do conhecimento e, por isso, os livros devem ser acessíveis e democráticos, essenciais para o crescimento de todos. Minha paixão pela literatura me levou a escrever meu primeiro livro infanto-juvenil, "Os Rabiscos Coloridos", publicado em 2021. A aventura continua com meu mais recente trabalho, "O Menino que Tinha Medo de Trovão". Além dos livros, dedico-me à escrita de contos e crônicas sobre os mais variados temas, explorando sempre novas histórias e perspectivas. Instagram: @escritora_aricele_geisler.



O DESAFIO DE VIVER

A professora acariciou a caixa que trazia nas mãos antes de colocá-la sobre a mesa, com um meio sorriso e um olhar saudoso no rosto. Dentro dela estava um dos tesouros da história da família de sua mãe. Ela desejava que aquele presente pudesse fazer a diferença na vida de seus alunos — que os motivasse a se dedicarem, a serem cada vez melhores e, principalmente, a acreditarem que eram capazes de realizar seus sonhos.

A turma do sétimo ano foi entrando na sala, trocando olhares curiosos ao ver a caixa de presente sobre a mesa. Logo, as perguntas começaram a surgir, uma atrás da outra, e a ansiedade tomou conta da sala quando a professora explicou que havia trazido um presente especial para eles. Muitos palpites foram dados sobre o conteúdo da caixa, mas a professora apenas sorria e dizia que ninguém estava nem perto de acertar.

Naquela manhã, todos se acomodaram e apresentaram seus deveres rapidamente, ansiosos para descobrir o que havia dentro da caixa. A professora, no entanto, não demonstrava a mesma pressa dos alunos. Calmamente, fez a chamada e, só então, anunciou que lhes contaria uma história.

Começou explicando que, no passado, era comum que primos se casassem entre si — algo que acontecia até mesmo em famílias reais, como a dinastia Habsburgo e a da rainha Vitória da Inglaterra. Esses casamentos consanguíneos, no entanto, muitas vezes resultavam em consequências genéticas, podendo causar até deformidades físicas.

Os alunos, inquietos, queriam ver logo o que havia na caixa. Cochinchos se espalhavam pela sala e olhares sugestivos iam de um lado a outro, mas ninguém ousava interromper a professora. Então, ela pegou a caixa, ergueu-a para que todos pudessem ver e retirou a tampa.

Dentro, havia um delicado tecido de cânhamo bordado. O desenho mostrava um galho de árvore com dois pássaros pousados sobre ele, bordado em ponto cruz com impressionante perfeição. A professora entregou a caixa ao primeiro aluno, na ponta da fila ao lado da janela, pedindo que olhasse e passasse adiante. Foi quando uma mão se levantou:

— Professora, o que esse pano tem a ver com a história que a senhora está contando?

A professora sorriu e respondeu:

— Excelente pergunta! Vocês podem perceber que se trata de um trabalho de bordado muito delicado, feito em ponto cruz. E se eu dissesse para vocês que a pessoa que bordou essa capa de almofada não tinha mãos?

A sala explodiu em murmúrios. Alguns alunos se levantaram para ver de perto. Olhavam para a perfeição do bordado e exclamavam:

— Impossível!

— Professora, a senhora está brincando, né?

— Como alguém sem mãos poderia fazer um trabalho desses?

As expressões de incredulidade se espalhavam conforme a caixa passava de mão em mão.

Foi então que a professora começou a contar a história da **Tia Guilhermina**, como era conhecida na família. Os pais de Guilhermina eram primos, e os filhos nasceram com membros superiores e inferiores incompletos. Ela possuía apenas pequenos braços e pernas, que iam até os cotovelos e joelhos, terminando de forma afunilada.

Apesar da deficiência, Tia Guilhermina estudou, dava aulas e ganhava a vida com seus bordados. Era uma professora exigente e muito respeitada. Para bordar, usava uma almofada firme em forma de rolo, onde prendia o tecido. Segurava a agulha com o coto do braço e, com paciência e destreza, criava trabalhos minuciosos e belíssimos.

A professora retirou a capa da almofada de dentro da caixa, abriu-a e ergueu o bordado para que todos vissem. Os alunos, de olhos arregalados, estavam boquiabertos. Muitos queriam entender como alguém sem mãos conseguia produzir algo tão perfeito.

Após alguns minutos de silêncio e espanto, a professora voltou a falar, desta vez com um tom mais reflexivo:

— Ouço constantemente frases como: “*não posso*”, “*não consigo*”, “*é muito difícil*”. Há pessoas que nem sequer tentam. Será que foi fácil para a Tia Guilhermina? Não, não foi. Mas ela não desistiu. Apesar das limitações, empenhou-se em aprender e fazer o seu melhor. Então, por que pessoas com corpos perfeitos, às vezes, desanimam tão facilmente? Onde está, de fato, a incapacidade?

A professora fez uma pausa para que todos refletissem e, em seguida, concluiu:

— Hoje, eu os desafio! Desafio vocês a serem e a fazerem o melhor que puderem. Aproveitem a bênção de terem um corpo e uma mente perfeitos. Em vez de reclamar, programem o seu cérebro dizendo: “*eu posso*”, “*eu vou aprender*”, “*eu vou conseguir*”.

Antes de encerrar a aula, pediu que os alunos pesquisassem uma história de superação para compartilhar com os colegas na semana seguinte e que escrevessem o que aprenderam com ela.

Durante o restante do dia, só se falava no bordado da Tia Guilhermina. O assunto rendeu conversas por vários dias, mas o mais importante foi a **lição de vida** que ficou. Aquele exemplo inspirou e transformou a atitude de muitos alunos para sempre.

Glenda Brum de Oliveira



Glenda Brum de Oliveira, é de SC. Tem 5 livros publicados e participa em mais de 150 antologias. É membro de 12 academias literárias, no Brasil e no exterior. Prêmios Diamante das Artes e Educação da Áustria Culture Brazil House; Destaque Literário e Melhores do Ano; Prêmio Sul Brasileiro de Literatura; e Latino Americano de Poesia. As comendas Jane Austen, Machado de Assis, Pablo Neruda, Anita Garibaldi e a de Maria Firmina dos Reis. Colunista das Revistas Casa de Escritores e Autorretratos; colaboradora da Revista The Bard e do Jornal Rol. Participou do Festival Cultural do Brasil, em Viena. Recebeu os diplomas Caneta de Ouro e Mérito Literário da FEBACLA. Condecorada com os títulos de título Embaixadora de La Paz; Doutora Honoris Causa, em Literatura, Chanceler das Artes, no Prize of Artes; o título de Grão- Mestre das Artes; e o título de Embaixadora Cultural Brasil África.



A VERTIGEM DAS MÁSCARAS

- Quem te trouxe aqui?
- O desejo. Ou talvez o acaso.

Ninguém respondeu. Apenas o eco das próprias palavras, misturado à respiração dos corpos que giravam como constelações desfeitas.

A sala inteira era uma caverna em combustão. O ar tinha gosto de vinho, suor e promessas nunca cumpridas.

E de repente, um silêncio se abriu, como se o mundo esperasse que eu dissesse algo.

Eu não disse.

Eu bebi.

há um cálice em minha mão,
ou em minha boca,
ou dentro de mim.

não sei se o vinho é vermelho
ou se é o meu sangue que corre para fora.
e eu bebo, bebo,
como quem aprende a morrer.

— Você ainda se lembra do seu rosto? — uma voz me perguntou.
— O espelho o partiu em sete.
— E qual deles é o verdadeiro?
— Nenhum. Ou todos.

A máscara sorria antes de mim.
Eu apenas obedecia.

O tambor começou a bater.
Tum.
Tum.
Tum.

E a dança, não era dança, era fogo na carne.
Os pés arrastavam o chão como se invocassem os mortos.
Braços se erguiam, não para louvar, mas para rasgar o céu.

Alguém me tomou pela cintura, e ouvi no seu olhar uma confissão
que não ousou se fazer palavra.

O corpo dizia: não somos dois, mas uma febre só.
Eu tremi.
Eu ardi.
Eu me desmanchei.

se o desejo é pecado,
eu o quero inteiro.
não como queda,

mas como voo.

há gozo no abismo,
há gozo no medo,
há gozo até na vertigem
de não saber quem sou.

— De quem é essa voz? — perguntei em silêncio.

E o silêncio me respondeu com gargalhadas que não eram minhas,
mas me habitavam.

Era como se um coro antigo, escondido nas entranhas da terra, cantasse por minha boca.

“Bebe”, insistiram.

“Cai.”

“Esquece.”

E eu caí.

Não no chão, mas dentro de mim.

A queda era infinita, e no fundo não havia pedra: havia festa!

quando acordei,
a música tinha se tornado vento.
a máscara colava à pele,
ou talvez fosse a própria pele
a máscara definitiva.

e compreendi, com uma lucidez quase cruel:

não existe volta.

não existe rosto sem disfarce.

somos todos rito,

todos carnaval,

todos tragédia.

— Então, quem é você agora?

— Eu?

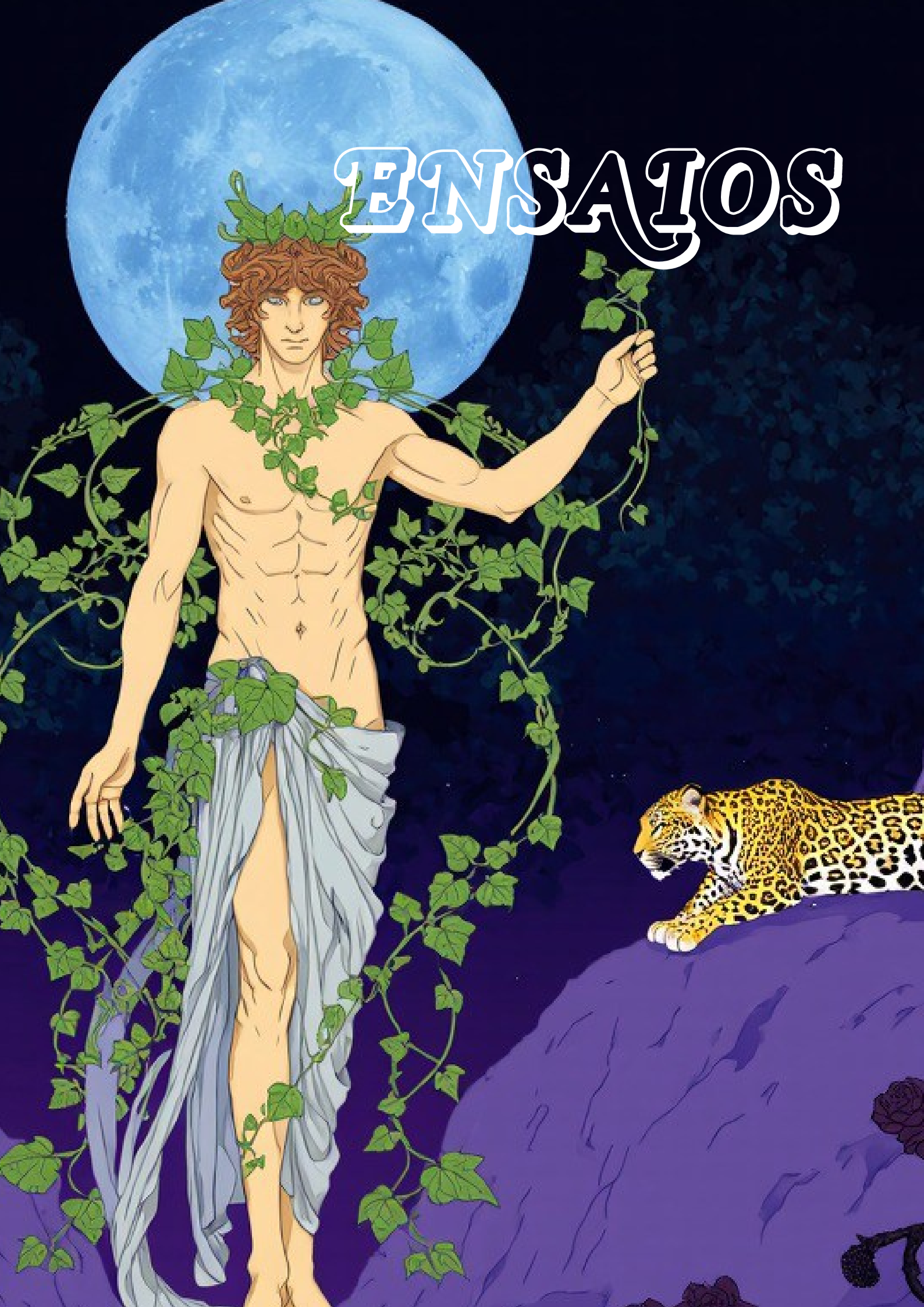
Sou apenas o delírio que sobreviveu ao vinho.

Sheila Dunoginese



Sheila Dunoginessse nasceu na Bahia e habita os bastidores do serviço público, onde observa o silêncio entre as palavras e os gestos. Escreve como quem recolhe cacos de espelho: para se ver melhor e, talvez, para refletir outros olhares.

ENSAIOS



DIONISO, O DEUS DA METAMORFOSE E DA EXPERIÊNCIA MÍSTICA

Filho de Zeus e da princesa tebana Sêmele, Dioniso foi perseguido por Hera quando ainda estava no ventre de sua mãe. Enciumada com a traição do marido, a deusa se passou pela ama de Sêmele para induzir a princesa a pedir que Zeus se mostrasse em sua forma divina. Mesmo contrariado com esse pedido, porque os humanos não conseguem suportar a imagem dos deuses como eles realmente são, Zeus manifestou-se em meio a raios e trovões. Durante a aparição, Sêmele morreu nas chamas que queimaram o palácio, enquanto a criança foi salva e costurada na coxa do soberano do Olímpo.

Essa continuidade da gestação na coxa de Zeus é que fez de Dioniso um deus, conforme destaca Junito de Souza Brandão, em *Mitologia Grega*, vol. II: “Esse nascimento prematuro da criança teve por finalidade conferir a Dioniso uma divindade que a simples ascendência paterna não lhe poderia outorgar.” (Brandão, 1996, pág. 121).

Dioniso é, sobretudo, um deus ligado à morte e ao renascimento. Em uma outra versão sobre sua origem, ele é filho de Zeus e Perséfone, sendo conhecido como Dioniso Zagreu. De acordo com essa tradição, ele teria sido o primeiro Dioniso. Após o seu nascimento, Hera, também desejando se vingar da infidelidade de Zeus, enviou os Titãs para perseguirem a criança. Para fugir, Dioniso se metamorfoseou em vários animais, mas não conseguiu escapar, sendo desmembrado por eles. No entanto, a deusa Atena salvou seu coração e o entregou a Zeus. Em uma das versões, ele o engoliu antes de fecundar Sêmele. Dioniso Zagreu renasceu, então, como Dioniso após sua mãe

ter morrido ao ver o soberano do Olímpo em sua forma divina e ter sua gestação concluída na coxa de Zeus.

Essa morte seguida de um renascimento tem a ver com os ritos iniciáticos que configuram a entrada e a saída do mundo das trevas, como mostra Brandão: “Destarte, a “morte” de Dioniso nada mais é que uma catábase seguida, de imediato, de uma anábase.” (Brandão, 1996, pág. 118). Esse simbolismo é encontrado também em outros mitos que falam de morte e transformação, estando associado ao mergulho do homem em seu próprio mundo interior para dele retornar com um conhecimento mais profundo de si mesmo.

Referente ao nascimento e continuidade da gestação na coxa de Zeus, Brandão destaca ainda o caráter andrógino de Dioniso: “A coxa de Zeus, em cujo interior Dioniso operou uma segunda gestação, tem um significado evidentemente sexual e matrilinear.” (Brandão, 1996, pág. 122).

Dioniso foi, então, criado pelas ninfas e sátiros, tornando-se conhecido como o deus do vinho, do teatro, da metamorfose, do êxtase, do entusiasmo e da experiência mística. Em algumas versões do mito, ele usava vestes femininas para enganar Hera e se proteger de uma nova perseguição. Essa troca de roupas caracteriza também um ritual de iniciação que remete, simbolicamente, ao movimento de transcendência, conforme destaca Mircea Eliade, em *Mefistófeles e o Andrógino*: “...trata-se, em resumo, de sair de si mesmo, de transcender a situação particular, fortemente historicizada, e encontrar uma situação original, trans humana e trans histórica, já que precedente à constituição da sociedade humana; uma situação paradoxal, impossível de se manter durante a vigência profana, no tempo histórico, mas que cumpre reintegrar periodicamente para restaurar, mesmo que no espaço de um instante, a plenitude inicial, a fonte ainda íntegra da sacralidade e do poder.” (Eliade, 1999, pág. 64).

Esse sair de si mesmo é o centro da experiência mística vivida pelos adoradores de Dioniso, como destaca Brandão: “Nesse estado acreditavam sair de si pelo processo do (ékstasis), “êxtase”. O sair de si implicava um mergulho de Dioniso em seu adorador através do (enthusiasmós), “entusiasmo”. (Brandão, 1996, pág.132). Seus adoradores perdiam, então, a consciência de si e eram possuídos pelo deus, o que caracteriza um estado de transe e posse dionisiacos.

Dioniso reúne em sua natureza andrógina a união dos opostos e a unidade interior que, nesse contexto, pode ser encontrada na vivência espiritual de seus rituais. Em seus cultos, seus adoradores alcançavam uma comunhão com ele, sendo levados a integrar-se ao tempo sagrado da origem, o que permitia-lhes entrar em contato com a totalidade primordial.

Essa mesma ação de trocar de roupa, de se vestir de um outro, está na origem do teatro, que nasceu nas festas religiosas em honra a Dioniso por ocasião da vindima. Nesse contexto, alguns dos participantes vestiam-se de sátiros para dançar e cantar ao som dos ditirambos, hinos compostos para as procissões e rituais em homenagem ao deus. O teatro começou, então, a ganhar forma quando o grego Téspis, considerado o primeiro ator da história, usou uma máscara para fazer o papel de Dioniso a fim de interagir com os participantes que estavam vestidos de sátiros. A máscara tem, nessa perspectiva, o mesmo sentido de trocar de roupa, evidenciando o ato de sair de si mesmo para que um outro possa ser vivido.

A ação de sair de si mesmo é parte constitutiva da metamorfose vivida pelo ator, conforme destaca Brandão, em Teatro Grego: Tragédia e Comédia: “O homem, simples mortal, “ánthropos”, em êxtase e entusiasmo, comunicando com a imortalidade, tornava-se “anér”, isto é, um herói, um varão que ultrapassou o “métron”, a medida de cada um. Tendo ultrapassado o métron, o anér é, ipso facto, um “hypocrités”, quer dizer aquele que responde em êxtase e entusiasmo, isto é, o ATOR, um outro.” (Brandão, 1996, pág.11). A

palavra *hypocrités* era utilizada pelos gregos para designar o ator, aquele que usava uma máscara para representar um personagem.

O métron ou a medida fazia parte da concepção de mundo do homem grego. Nessa perspectiva, predominava a ideia de moderação a partir da qual o homem deveria manter a medida para não incorrer na *hybris*, ou desmedida, que é praticada por todo ser humano que não se limita a ocupar o lugar que lhe é reservado no mundo e passa a querer agir como os deuses. A punição pelo excesso cometido vem pelas mãos da Nêmesis, a justiça punitiva, cuja função é ensinar ao homem a se colocar no seu devido lugar.

No entanto, o homem, ao ser tomado pelo êxtase e o entusiasmo dionisíacos, transcende a realidade concreta e orienta-se na direção do que está para além do tangível e corpóreo. Ele ultrapassa, por isso, a medida, o métron, ou o lugar em que lhe cabe existir no mundo, pois comunga com o divino em sua própria interioridade.

O teatro se tornou o coração da pólis e embora a abordagem do gênero trágico fosse voltada a orientar o homem quanto ao valor do uso da razão, da importância do nada em excesso nos atos humanos, - o que pertencia ao âmbito do deus Apolo e não a Dioniso -, o teatro nasceu nas festas religiosas e nos ritos em honra ao deus do vinho. Nesse sentido, o palco é o espaço ocupado pelo ator, aquele que ritualiza a ação de trocar de roupa, de sair de si mesmo para metamorfosear-se em um outro.

O processo de representação desse outro evoca identificar primeiro o que há de mais profundo em si mesmo a fim de metamorfosear-se, conforme destaca o analista junguiano Carlos Byington, em Dioniso e Ariadne – Amor e espiritualidade, palestra realizada na Fundação Padre Anchieta e disponível no canal Café Filosófico, no Youtube: “Eu acho que a representação de Dionysos, que os romanos chamavam de Baco, feita por Leonardo da Vinci, é uma obra genial na profundidade da pintura, na revelação do que há de mais íntimo na personalidade. E é isto, que é a vivência de Dionysos, que traz

a metamorfose, a transformação da personalidade. E é isso, que nós temos no teatro, a possibilidade de um ator se metamorfosear num determinado personagem e ter essa vivência de que ele representa aquele personagem, e que é algo que tem a ver profundamente com ele. Ele descobre, aí, o arquétipo, porque tem a ver com ele e tem a ver com a humanidade. E ao metamorfosear-se, ele apresenta no palco o inconsciente coletivo, os arquétipos, para todos poderem empatizar e viver.”

Na verdade, a vivência de Dioniso na arte tem a ver com revelar o que há de mais essencial na personalidade. Essa capacidade se presentifica, então, não apenas no teatro, mas em toda expressão artística, pois o encontro com Dioniso promove uma revelação sobre a própria interioridade, configurando-se como uma descoberta do que permanece à sombra, do que se esconde por trás da máscara em nós. Nesse sentido, pode-se entrar em contato com desejos ocultos, emoções reprimidas e também com um outro em nós que seja, por exemplo, um poeta, um dançarino, um cantor, já que o âmbito de Dioniso está relacionado tanto à expressão artística quanto à experiência mística. Sendo assim, sob a influência do deus do êxtase e do entusiasmo é possível penetrar em uma outra esfera e dissolver as ilusões que mascaram a realidade interior.

Em *O Nascimento da Tragédia*, Friedrich Nietzsche fala da magia de Dioniso, destacando nela a liberdade que é obtida com o rompimento das rígidas fronteiras que delimitam a realidade: “Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a “moda impudente” estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do misterioso Uno-primordial. Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e

está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem.” (Nietzsche, 1992, pág.31).

Nessa perspectiva, o êxtase e o entusiasmo dionisiacos tornam-se estados permanentes, caracterizando uma forma na mudança de perceber e sentir a si mesmo, pois se antes as ilusões eram interpretadas como a realidade, os enganos são desfeitos, sobretudo, os que nos distanciam de nós mesmos. Na comunhão com Dioniso, o homem é, então, capaz de alimentar-se do sagrado que se presentifica em sua interioridade. O “sair voando pelos ares” representa a transcendência obtida na integração com o divino e sublime que Dioniso suscita em nós.

Mas Dioniso é também, por excelência, o deus da ambiguidade. Nesse sentido, ele é um deus andrógino, reunindo em sua natureza os opostos e é nessa dualidade que reside a sua ambiguidade porque se ele é o dia, é também a noite; se é o masculino, é também o feminino; se é o sagrado, é também o primitivo, conforme destaca Jean Pierre Vernant, em *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*: “Se um dos traços maiores de Dioniso consiste, como pensamos, em misturar incessantemente as fronteiras do ilusório e do real, em fazer surgir bruscamente o Além aqui em baixo, em nos desprender e em nos desterrar de nós mesmos, é mesmo o rosto do deus que nos sorri, enigmático e ambíguo, nesse jogo de ilusão teatral que a tragédia, pela primeira vez, instaura sobre o palco grego.” (Vernant, 2014, pág.162.)

Esse desterramento de si mesmo, que faz parte da essência de Dioniso, não é encontrado apenas na arte e na experiência mística, mas também por meios artificiais que promovem o estado alterado de consciência. No entanto, essas práticas podem gerar tanto a loucura quanto a destruição. Quando o meio escolhido para sair de si mesmo e ser arrebatado por Dioniso

é o uso de drogas, de álcool em excesso, de substâncias alucinógenas e de orgias ou bacanais repete-se a violência do desmembramento sofrido por Dioniso nas mãos dos Titãs. Nessa perspectiva, a própria consciência e os sentidos que configuram a identidade são desmembrados.

O mito atribui a Dioniso, também conhecido como Baco, a criação do vinho. O ato de transformar a uva em vinho indica o processo de metamorfose relacionado ao filho de Zeus. De acordo com a tradição, o vinho foi bebido pela primeira vez por Dioniso e seu cortejo, formado pelos sátiros e pelas ninfas. Os sátiros eram divindades de aspecto híbrido, metade homem e metade bode, que exibiam o órgão genital em ereção. Eles eram divindades relacionadas à fecundidade da terra e também aos instintos mais primitivos. A origem da palavra tragédia está ligada a eles, em que tragédia quer dizer o canto do bode, sendo *trágos*, bode, e *oidé*, canto.

A associação de Dioniso com os sátiros mostra não apenas sua ligação com a fertilidade da terra, mas também com uma esfera primitiva da natureza. Além dos sátiros, as ninfas eram também seguidoras de Dioniso e, embora não fossem nem humanas e nem deusas, simbolizavam forças ligadas às águas e à vegetação.

Dioniso era seguido ainda pelas mênades, mulheres que eram arrebatadas por ele e que espontaneamente o aceitavam. As mênades ou bacantes usavam seus cabelos soltos, enfeitados com folhas de hera, vestiam peles de animais, tendo ainda serpentes próximas a elas e seguravam o tirso, um dos símbolos de Dioniso. O tirso era um bastão ou uma vara enfeitada com ramos de videira e também com folhas de hera, em cuja ponta era colocada uma pinha. Quando as mênades batiam com o tirso no chão, tiravam dele água, vinho, leite e mel. As mênades entregavam-se ainda aos rituais dionisíacos dançando fervorosamente.

Nas festas em honra a Dioniso, além do consumo do vinho, carregava-se um falo de madeira pela procissão como parte das homenagens ao deus.

Nesse contexto, o falo não tinha conotação sexual, mas de fertilidade da terra. Durante essas festividades, o vinho era consumido pelos participantes das procissões de forma moderada. No entanto, os rituais dionisiacos que aconteciam nas montanhas eram marcados pelos excessos, pois era lá que se davam as orgias, as bebedeiras e os rituais mais primitivos em homenagem ao deus e que não eram aceitos na cidade. Tanto a orgia quanto a embriaguez representam momentos de perda da consciência e formas de sair de si mesmo que simbolizam a essência de Dioniso, mas, nesses casos, não de forma sagrada e sublime, porém de maneira primitiva e instintiva.

A experiência mística era também um dos elementos presentes nos rituais dionisiacos, cuja essência repetia a prática do sair de si mesmo através do êxtase e do entusiasmo.

Dioniso é um deus agrário, ligado “às potências geradoras” (Brandão, 1996, pág. 123), que quer dizer relacionado às potências geradoras da terra e, por isso, sua essência criadora em nós não é passível de ser contida ou acorrentada. A exemplo disso, panteras e leopardos são animais relacionados a ele, indicando uma natureza selvagem e uma força que não pode ser domesticada.

A essência de Dioniso é sentida ainda de forma singular, seja no transe vivido por seus adoradores; seja no teatro, pois não existe um ator que viva um personagem da mesma forma que o outro; seja na embriaguez, já que sob o efeito do álcool cada pessoa se manifesta de forma diferente e, muitas vezes, de maneira surpreendente em relação ao que habitualmente se apresenta.

Dioniso é vivido no estado alterado de consciência, que consiste em uma alteração da percepção da realidade provocada pela experiência mística, pela expressão artística, pela embriaguez, por substâncias alucinógenas ou pela loucura. O filho de Sêmele se faz presente em todos nós, ele é a busca pela transcendência e pela metamorfose. Sua vivência reside em ultrapassar

as ilusões que mascaram a realidade, nos fazendo encontrar o outro que se esconde por trás da máscara em nós.

Nota: De acordo com o professor Junito de Souza Brandão, em *Mitologia Grega*, vol. II, o nome Dioniso vem do grego *Diónysos*, sem ter, contudo, etimologia definida. O mesmo acontece com Baco, que vem do grego *Bákkhos*. Segundo Brandão, trata-se de dois nomes possivelmente importados da Trácia. Sendo assim, o nome Baco refere-se ao deus grego e não a um deus romano. No entanto, Baco é normalmente conhecido como o deus do vinho para os romanos. O que ocorreu, na verdade, conforme explica Brandão, foi que durante o período de helenização de Roma e na época em que se deu o sincretismo greco-latino havia uma outra divindade romana associada ao vinho, conhecido como *Liber Pater*. Ele foi, então, suplantado por Dioniso ou Baco, havendo também uma transliteração de *Bákkhos* para *Bacchus*, nome de origem latina, em função da semelhança fonética. (Brandão, 1996, pág. 113).

Em se tratando do nome próprio Dionísio, cuja origem remete ao deus grego Diónysos, sua grafia segue a regra gramatical padrão para o nome em português. Muito embora uma grande parte das traduções e obras sobre mitologia grega em nosso idioma utilize a forma escrita Dioniso, também é usada a grafia do nome próprio Dionísio para referir-se ao deus do vinho, a exemplo da tradução de *As Bacantes*, de Eurípides, feita por David Jardim Júnior, como parte da coleção *Os Grandes Clássicos*, lançada pela Editora Nova Fronteira em 2021.

Isabel Spagnolo



Isabel Spagnolo, jornalista, pós-graduada em História da Filosofia e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atuei como professora dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda por quase duas décadas. Sou apaixonada por Tarô, Astrologia e Literatura Grega. Participo, atualmente, de cursos sobre Mitologia e Teatro Grego. Instagram: @isabelspagnolo | E-mail: isabelspagnolo@yahoo.com.br.



PESSOAS ENTRANDO NO GÓTICO É BOM OU RUIM?

Pessoas entrando no gótico é bom.

Se a pessoa tiver realmente interesse na subcultura gótica — na vivência, na filosofia, nos filmes, livros, músicas e na subcultura como um todo —, é algo positivo. Com mais gente se interessando, a subcultura gótica não corre o risco de estagnar ou cair em ideias retrógradas.

ENTÃO, POR QUE TEM GÓTICO QUE NÃO GOSTA DE GENTE NOVA OU DE BABYBATS?

A resposta é simples: muitas pessoas entram na subcultura por causa de redes sociais como o TikTok, que têm muitas informações — mas também muita desinformação. Algumas realmente se encontram na subcultura. Outras, não.

Ainda há quem “se interesse” por puro modismo passageiro ou por turismo cultural. Com isso, acabam desvalorizando a subcultura, rebaixando-a a uma mera estética ou a uma forma de status. Isso prejudica a todos que vivem e constroem esse espaço.

BANALIZAÇÃO DA SUBCULTURA GÓTICA

Como já mencionado, a entrada de novas pessoas na subcultura precisa ser olhada com atenção. As mídias sociais, como TikTok e Instagram, criam imagens distorcidas e filtradas para agradar ao

sistema de produção — ou seja, ao sistema capitalista —, que lucra com a exploração de grupos culturais.

Muitos adolescentes olham apenas para a estética, resumindo o gótico ao vestuário. E é aí que entra a sexualização.

Na era pós-moderna, com redes sociais de conteúdos tão efêmeros, perdeu-se muito da essência humana. O que sobrou foi a aparência. Termos como “gótica rabuda” e ilustrações que fetichizam o corpo das góticas são comuns. Na era do like, muitos caem nesse jogo.

O GÓTICO É MUITO MAIS QUE ISSO

Não temos uma “corrente” única, mas incorporamos diversos temas culturais: o romantismo, a filosofia niilista, o expressionismo alemão, o pós-punk...

É um conjunto de tudo aquilo que exprime a mais pura essência humana.

GOTICISMO E FEMINISMO

O gótico também tem importância dentro da luta feminista. Por muito tempo, atributos ditos “femininos”, como a estética e os sentimentos, foram tratados como inferiores. Quem os demonstrava era considerado fraco, se homem; histérica, se mulher.

O goticismo valoriza os temas relacionados à psique humana. Pode-se dizer que é uma subcultura “yin” — que bate de frente com a frieza e a decadência moral do presente.

Após anos de repressão, o gótico vem exaltar o que é considerado feminino. Alguns autores inclusive o relacionam à segunda onda do feminismo.

REDUZIR O GÓTICO A FETICHES É UM RETROCESSO

Usar roupas ditas “góticas” apenas para chamar atenção ou sexualizar pessoas da subcultura é um retrocesso.

Este espaço foi criado como expressão de liberdade. Resumir o gótico a roupas caricatas e fetiches é desgostoso para quem realmente vive esse meio.

O gótico é libertação, não encenação
Nossa poesia vive nos túmulos que visitamos
E não nos perderemos ao longo dos anos.
Nossa música ecoará nas catacumbas do tempo
E não deixaremos sua falta de caráter ser um contratempo.

Somos mais que moda, mais que sexo.
Com a diversidade aprendemos
E com nossos corações escrevemos.

O gótico vive em cada lamento
Ao desencanto por uma sociedade
Que ainda sonhamos em ver como encanto.

FAST FASHION X BRECHÓ X DIY

O QUE É FAST FASHION?

É um modelo de produção e consumo baseado em alta velocidade, baixo custo e tendência momentânea. A lógica é clara: produzir roupas rapidamente, com qualidade inferior, para que o consumidor precise comprar mais.

O IMPACTO É GRAVE:

Ambiental: a indústria têxtil é uma das mais poluentes do mundo.

Social: trabalhadores em situação análoga à escravidão compõem grande parte da cadeia produtiva.

O QUE É BRECHÓ?

É um comércio de roupas e acessórios usados — sustentáveis, acessíveis, com mais história e menos impacto ambiental.

O QUE É DIY?

“Do it yourself” ou “faça você mesmo”.

É a prática de criar ou customizar suas próprias roupas e acessórios. Costura, bordado, pintura, recorte... É expressão, identidade e resistência.

DEFESAS COMUNS DO FAST FASHION — E POR QUE QUESTIONÁ-LAS:

“Na Shein tem número maior.”

— Sim, há tamanhos maiores. Mas também há brechós com essa oferta. O problema está na lógica da produção e na qualidade descartável.

“Não tenho tempo para procurar brechó.”

— Existem brechós online acessíveis:

Repassa, Enjoei, I Need Brechó, Marketplaces, feiras, brechós de igreja ou redes sociais.

“Não sei fazer DIY.”

— DIY não exige perfeição. Comece com o que tem, como souber. Reforme com ajuda de costureiras locais ou reúna amigos para uma tarde criativa.

CONSUMO CONSCIENTE É RESISTÊNCIA

Antigamente, os guarda-roupas eram menores e duravam mais. A moda era padronizada.

Hoje, o capitalismo exige liquidez — e o fast fashion foi feito para estragar.

Shein, Shopee e outras produzem roupas de qualidade inferior e estilos efêmeros. Assim, o consumidor nunca se satisfaz.

GÓTICO TAMBÉM É FAZER DURAR

O brechó dá vida longa às peças, o DIY estimula a criação e expressão autêntica.

Antigamente, não existiam lojas “góticas”: os próprios góticos criavam suas roupas.

Isso também é política. Isso também é cultura.

Melissa Gulin & Auda Giovanna

Melissa Gulin



Mel, um nome que mais me parece um epíteto entre a acidez da vida. Talvez destino, outrora guardiã grega que soube nutrir, mas sempre a que busca nas palavras, um refugio... Pois na finitude da vida, sou apenas uma eterna aprendiz até que as páginas de meu grimório antigo retornem ao pó. Estudante de filosofia, amante da psicanálise. Taróloga e ocultista para os que chegam à mim, ou a inconformada que entre poesias e desenho retrata a própria alma. @palavrasdeumdelirio.

Auda Giovanna



Eu sou a Auda, diretamente de Osasco. Tenho 22 anos e estudo sobre a subcultura gótica desde dos 15 anos. Faço o zine Dopamina Consumista em conjunto com a Mel, um projeto que reflete nossa visão crítica e criativa sobre a cultura e a sociedade. @Auda_com_u



UM NOCAUTE AO RESPEITO E À DIGNIDADE DAS MULHERES

Foram 36 segundos, 61 socos no rosto de uma mulher que ficou totalmente desfigurada. O autor, o então namorado da vítima.

As cenas de terror de uma agressão desmedida foram registradas pela câmera de segurança de um elevador em um condomínio. Foram 16 andares sendo covardemente espancada por quem certamente dizia amá-la.

As imagens ganharam repercussão nos telejornais e na internet, o que, diga-se de passagem, tem sido uma constante.

O crime que chocou pela brutalidade não é um fato isolado: o Brasil vive uma epidemia de violência contra a mulher.

Psicológica, física, moral, sexual e patrimonial, a violência hoje é expressão de uma onda grave de misoginia que atravessa séculos e nos remete à Idade Média, quando o casamento constituía um instrumento de silenciamento e exclusão das mulheres da vida social.

Características como patriarcado, sexismo e machismo perpetuam-se da Idade Média até a contemporaneidade, manifestando-se em todas as formas de relação, sejam familiares, conjugais ou empregatícias. Diariamente os noticiários trazem à tona casos de violência doméstica, agressões desmedidas e feminicídios.

Há em nossa sociedade uma estrutura hierárquica enraizada que atravessa gerações e mantém o masculino como autoridade em relação às mulheres. Na Idade Média, ao se tornar esposa, a mulher passava também

a ser considerada propriedade do marido, consolidando sua inferioridade dentro do matrimônio.

Infelizmente, o que vivenciamos atualmente é reflexo de uma construção desigual dos papéis sociais entre homens e mulheres, marcada por privações e violências baseadas em ideologias de gênero, ainda perpetuadas.

O caso do elevador é um nocaute ao respeito e à dignidade de todas as mulheres, a concretização de uma relação sustentada pelo sentimento de poder, posse e propriedade. A violência doméstica, em grande parte, é motivada apenas pelo fato de a vítima ser mulher.

O Brasil tem revelado dados alarmantes sobre o tema nos últimos anos, com aumento significativo em 2024, quando os casos de feminicídio alcançaram a maior marca desde 2015. Segundo o último Anuário da Segurança Pública, quatro mulheres foram assassinadas por dia no país, e mais de dez sofreram tentativa de feminicídio diariamente. Somente em 2024 foram expedidas mais de 550 mil medidas protetivas, das quais mais de 100 mil foram descumpridas pelos agressores.

A violência doméstica atinge todas as classes sociais, mas o maior número de vítimas é de mulheres negras com menos de 45 anos. Oito em cada dez mulheres são mortas pelo companheiro ou ex-companheiro; mais de 60% dos crimes ocorrem dentro de suas casas. A violência, muitas vezes, se esconde em palavras e atitudes aparentemente carinhosas até que o agressor se irrita por motivos banais. Assim inicia-se um ciclo: a irritabilidade se torna frequente e pode durar anos, sem que a vítima exponha o comportamento violento.

As humilhações passam a ser constantes, seguidas de ameaças e destruição de objetos dentro de casa.

São sinais claros de que, a qualquer momento, as agressões podem se tornar mais violentas. Inicia-se o que se chama de “fase dois” no ciclo da

violência doméstica: a vítima permanece calada, enquanto a perda de controle do agressor aumenta e ele intensifica as agressões psicológicas, morais, verbais, patrimoniais e físicas.

Em muitos casos, o agressor alterna o comportamento, pede desculpas e simula arrependimento, fazendo com que a mulher se sinta pressionada a permanecer no relacionamento — seja por questões financeiras, por causa dos filhos ou pela crença de que ele realmente possa mudar.

Isso, no entanto, raramente acontece. Quando o período “amável” termina, não é incomum que a vítima não consiga sair viva da relação.

O caso bárbaro do elevador, os 61 socos desferidos contra aquela mulher, ocorreram após episódios de grave violência psicológica e outras agressões físicas de menor intensidade.

O silêncio da mulher pode matá-la. O que ocorreu não foi uma crise de ciúmes, foi uma tentativa de feminicídio.

A Lei Maria da Penha chega aos seus 19 anos, mas ainda demonstra que tirá-la do papel continua sendo um grande desafio.

Apesar de sua extrema importância, ao prever medidas protetivas e instrumentos legais para garantir segurança e dignidade às vítimas, a realidade mostra que ela não é suficiente.

Essa insuficiência não está na lei em si, mas no seu cumprimento. Em milhares de casos, as medidas protetivas não asseguram a vida das vítimas, pois os agressores continuam livres — e, nesses casos, os feminicídios se tornam comuns. Houve avanços, como o reconhecimento do feminicídio como crime autônomo e o aumento de sua pena, mas os desafios persistem.

Um exemplo é a violência psicológica mediada por inteligência artificial, com a criação de conteúdos falsos para humilhar e difamar mulheres. Como impedir que esse tipo de crime prospere se grande parte dos legisladores brasileiros é contrária à regulamentação das plataformas digitais?

Aliás, os casos de violência de gênero têm se multiplicado dentro da própria política.

A misoginia está enraizada no Congresso Nacional, que deveria ser exemplo de respeito e civilidade, mas frequentemente se transforma em palco de ameaças contra ministras, discursos de ódio e falas preconceituosas contra deputadas. A “valentia” de certos congressistas apenas reforça a perpetuação do patriarcado desde seus primórdios até os dias atuais.

A banalização desses crimes expõe a necessidade urgente de endurecer ainda mais as leis. Não é admissível que, em pleno século XXI, tenhamos que assistir diariamente ao extermínio de mulheres como se fosse algo comum. Essa violência que maltrata, mutila e mata não destrói apenas o corpo, mas principalmente a alma. Abala o psicológico e desestrutura a vítima em todos os sentidos, deixando traumas muitas vezes irreversíveis.

Além disso, a falta de políticas públicas voltadas para a prevenção dos crimes de ódio, somada à ausência de engajamento das famílias e das escolas, dificulta ainda mais o processo de reduzir ou erradicar essas condutas em nossa sociedade.

Uma família em que os filhos presenciam a violência do pai contra a mãe pode gerar nas crianças comportamentos semelhantes. Os meninos podem crescer acreditando que tal conduta é normal, que a mulher deve ser submissa e obedecer apenas por ser mulher. As meninas, por sua vez, podem se transformar em mulheres que aceitam esse tratamento em seus relacionamentos, pois presenciaram suas mães sendo vítimas desse padrão. Assim, o ciclo de violência tende a se repetir de geração em geração, principalmente quando as mulheres continuam se calando diante dos agressores.

O exemplo passa de pais para filhos. Caso contrário, não haveria tantos feminicídios praticados por jovens, e até mesmo por adolescentes.

É urgente quebrar esses ciclos, incluir nas escolas projetos de conscientização e educação contra a violência doméstica.

Também é necessário afastar de forma efetiva os agressores das vítimas, já que está claro que o uso de tornozeleira eletrônica não tem impedido perseguições, ameaças e mortes de mulheres que solicitaram medidas protetivas. A única forma de garantir segurança é a prisão do agressor, sem regresso nem benefícios que lhe permitam continuar agindo de forma violenta. São inúmeros os casos de reincidência de autores de violência contra a mulher, que acumulam vítimas ao longo da vida porque a Justiça não os pune como deveria.

As denúncias precisam ser feitas diante de qualquer sinal de violência. Não apenas para compor estatísticas, mas para que deixemos de ser tratadas como números. Inclusive, cabe um parêntese: a dificuldade de proteção da mulher começa já na primeira denúncia. Muitas vezes sua palavra não basta; é necessário que ela esteja ferida, com marcas no corpo, para que seja levada a sério. Essa realidade é mais comum do que se imagina.

Aliás, o caso Maria da Penha que deu origem à lei, levou 19 anos para ser concluído, o acusado só foi condenado três meses antes do mesmo prescrever, e apenas dois anos depois, o agressor já foi absolvido.

Vivemos hoje no Brasil uma perigosa normalização da violência, marcada por uma falta de amor ao próximo e por uma decadência educativa grave e injustificável, que ameaça comprometer toda a sociedade.

Tentativas de reverter essa forma de poder destrutivo parecem frustrantes quando circulam vídeos de estudantes de medicina erguendo bandeiras com frases de apologia ao estupro; quando um senador declara que poderia enforcar uma ministra; quando professoras são agredidas dentro das salas de aula; quando filhos dependentes químicos ameaçam e até matam suas mães por não sustentarem seu vício.

Isso precisa parar. Não há campanha capaz de mudar essa realidade sem o engajamento de toda a sociedade, especialmente das famílias. Afinal, estamos educando os nossos filhos para respeitar as mulheres ou para condená-las ao extermínio?

De geração em geração, meninos são educados para serem os “machos” da família. Hoje, no entanto, o verdadeiro homem seria aquele que se juntasse às mulheres nessa luta pela sobrevivência. É isso que estamos vivendo no Brasil: mulheres que precisam lutar apenas para sobreviver, como se fossem criminosas por existirem. Duvidam da nossa capacidade, mas não suportam a nossa independência.

A violência doméstica é um crime no qual a vítima é condenada antes mesmo do agressor.

A mulher é obrigada a abdicar de sua vida, de seu trabalho, de sua família e, muitas vezes, de sua própria identidade, vivendo como se estivesse em prisão perpétua para evitar uma pena de morte. Enquanto isso, agressores e assassinos permanecem nas ruas. São condenados a não se aproximar da vítima, usam tornozeleiras, são presos e logo retornam à liberdade, onde voltam a atacar a mesma mulher ou encontram uma nova vítima.

Será que somos cegos, surdos e mudos, ou será que ainda precisaremos nocautear a dignidade de mais mulheres para entender que nada do que está sendo feito é suficiente? Continuamos sendo humilhadas, agredidas e mortas dia após dia.

Machismo não é cultura, como todo tipo de preconceito ele é ensinado e estimulado dentro do próprio ambiente familiar.

Ciúme não é amor. Possessividade não é amor. Violência não é amor. Quem ama, não mata.

Potiara Cremonese



Potiara Cremonese, nasceu em 10 de junho de 1980, em Sobradinho no Rio Grande do Sul. Reside atualmente em Santa Cruz do Sul. Trabalha como funcionária pública municipal. Começou a escrever durante a pandemia de covid 19 escrevendo artigos publicados na imprensa local. Lançou seu primeiro livro de crônicas, Opinião do Leitor – Artigos para Refletir, pela editora Autografia RJ, em junho de 2024. Continua escrevendo sobre diferentes temas do cotidiano em forma de crônicas e poemas, já participou de mais de 20 antologias. Em 07 de junho de 2025 inaugurou a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde mora a 10 anos. Acredita na literatura como fonte de transformação e na escrita como libertação. Nunca é tarde para se tornar um leitor, e mudar sua visão de mundo.



PARAFRASEANDO TICIANO

Ensaio uma tese com a leveza
nunca experimentada pelos deuses que,
cansados de movimentos inúteis em direção
ao próprio silêncio, escrevem, em voz alta, repetições-
objeto de um diálogo consigo mesmos.
Se não fosse por esse entusiasmo juvenil que me toma,
estaria esvaziando meu ser como faz a maioria
dos mortais, que cospe a palavra impulsiva e palavrenta
aos quatro cantos do universo atemporal, fluido,
desde o nascimento de Dionísio,
(Baco para os íntimos),
deus do vinho,
filho de Zeus.

Preciso de muitos cadernos de nota para escrever,
nem que eu seja a última a entrar no Olimpo,
assim como Baco.

Penso em consultá-lo, de vez em quando, bem como os filósofos
ler
reler,
respirar
no sentido de pensar, para eu mesma,
o segredo para eliminar,
de uma vez por todas, os cães raivosos que me cercam.

(O entusiasmo de comemorar o castigo deles não tem preço).

[Pausa para um bom vinho].

Sêneca me propõe a prática do bem viver
e uma coisa eu garanto: viver comigo mesma
é um prazer impagável, um recolher interno ora estável,
ora instável, na companhia de um vinho tinto, e na de Baco.

As repetições-objeto, das quais sou voluntária,
são um modo de combinar a palavra já dita
com as minhas idiossincrasias
e, assim, sou protegida dos olhares raivosos
que tenho de digerir todos os dias.

[Salmo 91].

Colho fragmentos de palavras enquanto o jovem Baco
enfrenta as sacerdotisas
que aniquilam os homens
e sua consciência
e seus objetos-repetições,
e sua estética impensada,
decadente,
pueril.

Baco nasceu, em parte,
da perna de Zeus.

Era um “diferentão” gestado pela moça
que se tornou cinzas.
Eu fui gestada como a maioria dos mortais de classe média
que te cercam.
Maior festa quando cheguei.
Até hoje não sei
se o banquete foi regado a vinho. (Nunca perguntei). Mas eu trouxe
alegria.
Baco também.

(Comemoro o castigo deles com vinho).

Na juventude, Baco encontra Ariadne
e o amor se faz presente.
Ela chora.
Ele casa com ela.
Vão ao Olimpo.
Ariadne é mortal.

Morre.

Ariadne virou estrelinha.

Rosa Luizári



Rosa Luizári nasceu em São Paulo. Escritora e professora, é autora de livros de poemas e participa de coletâneas no Brasil e Portugal. Atualmente, é colunista do Jornal Diário do Rio Claro e da revista Prosa Pensar a Educação (UFMG).

Revista **Autorretratos**

Entre em contato conosco para publicar:
revistaautorretratos@gmail.com



Obrigado pela sua colaboração!